

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM HISTÓRIA

SANDRA INÁCIO DA SILVA

**A CONGADA EM PIRES DO RIO E CATALÃO:
UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL**

GOIÂNIA

2016

SANDRA INÁCIO DA SILVA

**A CONGADA EM PIRES DO RIO E CATALÃO:
UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito para obtenção do título de mestre em História, na área de concentração em História, Cultura e Poder.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sibeli Aparecida Viana.

GOIÂNIA

2016

S586c Silva, Sandra Inácio da
A congada em Pires do Rio e Catalão [manuscrito]: uma
manifestação cultural / Sandra Inácio da Silva. – Goiânia, 2016.
112 f.: il.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História,
Goiânia, 2016.

“Orientador: Prof. Dr^a. Sibeli Aparecida Viana”.

1. Cultura popular – Catalão (GO) – história. 2. Congadas – Pires
do Rio (GO). 3. Festas religiosas – Goiás. 4. Goiás – história. I.
Viana, Sibeli Aparecida (orient.). II. Pontifícia Universidade
Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 398.3 (043)

FOLHA DE APROVAÇÃO

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM HISTÓRIA DEFENDIDA EM
22 (VINTE E DOIS) DE FEVEREIRO DE 2016 (DOIS MIL E
DEZESSEIS) E APROVADA, PELA BANCA EXAMINADORA.



Dra. Sibeli Aparecida Viana / (Presidente) PUC Goiás



Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / (Membro) PUC Goiás



Dr. Vitor Hugo Abranche de Oliveira / (Membro) UEG

Dra. Thais Alves Marinho / (Suplente) PUC Goiás

À Luene que dividiu comigo a ansiedade do mestrado, pelas idas e vindas de Goiânia, momentos de dúvidas, angústias e tensões características do trabalho intelectual.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que faz do ser humano um ser ativo de sabedoria, por guiar meus estudos pelos melhores caminhos e por me dar forças para persistir nessa tarefa árdua, porém, muito enriquecedora.

Ao professor Dr. Eduardo Gusmão de Quadros, pela importante contribuição no momento da qualificação e por ter aceitado o convite para compor a banca de avaliação deste trabalho juntamente com o professor Dr. Vitor Hugo Abranche de Oliveira, a quem também agradeço pela disposição em participar nesse momento de grande relevância para a minha vida.

À professora Dr.^a Renata Cristina de Sousa Nascimento, pelas sugestões na banca de qualificação.

A Prefeitura Municipal de Urutaí por acrescentar em minha formação profissional e pessoal.

Ao professor Dr. Eduardo José Reinato, meus sinceros agradecimentos.

A minha orientadora, Professora Dr.^a Sibeli Aparecida Viana, que teve grande contributo para atingir o sucesso deste trabalho.

E, de maneira superlativa, agradeço os agentes da Congada de Pires do Rio e Catalão, em especial com quem tive maior contato: Senhora Maria José da Costa, Nelzon Arruda, Jaqueline Gonçalves de Moura, Lázaro Joaquim José Coelho da Silva, Carlos Silva, Valdomiro Ferreira da Silva, Luzia Gonçalves de Moura, pela dedicação de nos receber. Aos amigos que contribuíram com essa pesquisa: Paulo César Sampaio, Alcalino de Almeida.

Assim sendo, encerro meus agradecimentos dizendo que um sabe onde e quando pode contribuir com minha formação. Mas há também os que contribuíram e não se dão conta disso. A todos, meu reconhecimento e agradecimentos especiais.

“O valor das coisas não está no tempo que duram, e sim na intensidade com que sucedem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”
(FERNANDO SABINO)

RESUMO

SILVA, Sandra Inácio da. *A Congada em Pires do Rio e Catalão: uma manifestação cultural*. Dissertação (Mestrado em História) apresentada junto à Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia-GO: 2016.

Este trabalho tem a finalidade de mostrar as diferenças e similaridades entre as Congadas de Pires do Rio e Catalão, demonstrando que cada uma tem uma história e características particulares. No mês de outubro celebra a padroeira dos negros Nossa Senhora do Rosário, através de ritos, músicas e orações que representam para os integrantes a coroação do rei da África e a devoção em homenagem à santa protetora. O estudo foi realizado com pesquisa bibliográfica e entrevista de metodologia participativa e procurou responder essencialmente as questões: Houve alguma mudança na festa ao longo dos anos? No grupo, tem alguma divergência entre os integrantes? As respostas indicaram para a falta de união do grupo, falta de apoio da comunidade, falta de interação da Igreja Católica com os congadeiros e as transformações que ocorrem constantemente na festa. Para entendermos as mudanças que aconteceram e ainda acontecem em torno do ritual Congada, em Pires do Rio e Catalão, o surgimento, os mitos, as músicas, proponho analisar a partir de relatos dos componentes, ex-congadeiros e membros da sociedade a realidade desta festividade. Neste sentido, buscamos desconstruir a ideia de que as tradições não podem ser mudadas.

Palavras-chave: congada, cultura, devoção, memória e tradição.

ABSTRACT

SILVA, Sandra Inácio da. The Congada in Pires do Rio and Catalão: a cultural manifestation. Thesis (Master in History) presented at the Pontifical Catholic University of Goiás. Goiânia-GO: 2016.

This work aims to show the history and the record of Congada demonstration in Pires do Rio and Catalan-GO. In October celebrates the patron saint of blacks Our Lady of the Rosary, through rituals, songs and prayers for the members representing the coronation of King of Africa and devotion in honor of the patron saint. The study was conducted with literature and participatory methodology interview and sought essentially answer the questions: Has there been any change in the party over the years in the group, has some divergence among members Responses indicated for the lack of unity of the group, lack of community support, lack of interaction with the Catholic Church the congadeiros and the transformations that constantly flock in party. Para understand the changes that have happened and are still happening around the Congada ritual in Pires do Rio and Catalan, the emergence myths the songs, I propose to analyze the reports from the components, congadeiros and former members of society the reality of this festivity. In this sense, we seek to deconstruct the idea that the traditions can not be changed.

Keywords: congada, culture, devotion, memory and tradition.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da Região Sudeste do Estado de Goiás.....	40
Figura 2 – Paulo César Sampaio, gestor da Casa da Cultura de Pires do Rio.....	53
Figura 3 – Maria José da Costa e seu esposo o general da Congada piresina	55
Figura 4 – Gilmar Gabriel dos Santos, relatando a história das Congadas de Pires do Rio	55
Figura 5 – Valdomiro Ferreira da Silva, foi um dos pioneiros da Congada em Pires do Rio	61
Figura 6 – Integrantes do Reinado piresino.....	66
Figura 7 – Congada de Araguari nas ruas de Pires do Rio	67
Figura 8 – Terno de congo de Urutaí realizando sua dança dentro da Igreja Católica	69
Figura 9 – Local onde entrega a coroa, o Congódromo	72
Figura 10 – Jaqueline Gonçalves Moura foi princesa do Terno Brinco da Princesa de Pires do Rio	83
Figura 11 – A coroa da congada de Pires do Rio com a rainha dona Abadia	88
Quadro 1 – Integrante da Congada piresina e catalana	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONGADAS: DOS VESTÍGIOS CULTURAIS ÀS FESTIVIDADES	16
1.1 A CONSTRUÇÃO DO UNIVERSO DA CONGADA NO BRASIL	19
1.2 AS IRMANDADES E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DAS CONGADAS	25
1.3 CULTURA POPULAR E RELIGIOSIDADE NAS FESTAS	28
1.4 CATOLICISMO POPULAR BRASILEIRO: PODER E REPRESENTAÇÕES... 30	
1.5 IRMANDADES: ESPAÇO DE REORGANIZAÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA CULTURA NEGRA EM GOIÁS	33
2 AS CONGADAS DE PIRES DO RIO E CATALÃO: RETRATO DE CULTURA, FÉ E DEVOÇÃO	39
2.1 CARACTERIZAÇÃO E HISTÓRIA DOS MUNICÍPIOS DE PIRES DO RIO E CATALÃO-GO.....	40
2.2 FESTA DO ROSÁRIO: A ORIGEM DE UMA FESTIVIDADE CULTURAL	45
2.3 RESISTÊNCIA DE UMA TRADIÇÃO E OS SUJEITOS QUE FAZEM AS CONGADAS.....	52
2.4 O REINADO, A MUSICALIDADE E OS INSTRUMENTOS DA CONGADA	64
3 AS CONGADAS DE PIRES DO RIO E CATALÃO: RELAÇÕES POLÍTICAS E SOCIORRELIGIOSAS	78
3.1 A CONGADA PIRESINA E CATALANA SOB A PERSPECTIVA DA MEMÓRIA E DA HISTORICIDADE	78
3.2 A CONGADA DE PIRES DO RIO E CATALÃO E A RELAÇÃO COM A IGREJA CATÓLICA	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	98
FONTES ORAIS	103
ANEXOS	104

INTRODUÇÃO

Esta dissertação intitulada “A congada em Pires do Rio e Catalão: uma manifestação cultural” propõe compreender os símbolos e as identidades na memória cultural dos personagens, que realizam o ritual da congada pelo viés de santos, nas cidades de Pires do Rio e Catalão, em Goiás. Uma realização das expressões culturais em espaço público, onde é expressa toda significação dos congos como função de representar a cultura negra por meio do ritual africano em celebrações de cunho religioso da liturgia católica.

A congada é uma manifestação religiosa e cultural de expressão afro-brasileira, caracterizada como festa popular. Para Brandão (1985), por meio de rituais caracterizados pela música, dança e representações, que os participantes desta manifestação demonstram sua tradição e fé, relembrando suas raízes. Assim, a análise desta manifestação cultural possibilita investigar historicamente as diferentes formas de apropriação, que a Congada teve e continua tendo no interior da sociedade brasileira. Segundo Melo (2011) as congadas representam episódios vividos pelos povos negros em momentos diferenciados.

a) coroamento dos Reis do Congo, cerimônia nas igrejas, cortejo, visitas protocolares às pessoas importantes; b) sincretismo de danças guerreiras africanas, reminiscências das regiões de onde veio grande parte da escravidão. (...). (MELO 2001, p. 01).

A festa reunia momentos religiosos e também o profano, quando se realizava desfile ou procissão, reunindo elementos das tradições tribais de Angola e do Congo, com influências ibéricas no que se refere à religiosidade. É uma festividade animada por danças, música, ritos, teatralização e fé. A procissão acabava numa igreja (em geral, as de irmandades de negros, como Nossa Senhora do Rosário), onde, com a presença de uma corte e seus vassallos, acontecia a cerimônia de coroação do Rei Congo.

É um dos motivos pelo qual os participantes continuam cultuando a santa de devoção, que para eles tem um significado muito importante, deve ser respeitada e adorada. Reverenciando a Santa de devoção, a Irmandade do Rosário imagina ser o centro do universo, um astro de simples felicidade. Os grupos dançam, cantam e rezam em meio a uma multidão formando um barulho imenso. No coração, o desejo de um sonho cumprido. (MELO 2001, p. 29).

É um momento de devoção e de expressão de sentimentos, que faz parte da vida dos devotos, cujas festividades em louvor a Nossa Senhora do Rosário é realizado pelo milagre recebido.

A congada é uma tradição que acontece no mês de outubro, a qual transforma o ritmo da cidade com turistas, o comércio ambulante e, principalmente, a participação dos congadeiros com seus ternos. Ternos é uma categoria utilizada para identificar os diferentes grupos que compõem a congada. Normalmente, ele é composto por parentes consanguíneos ou simbólicos e suas roupas possuem uma combinação de cores específicas, que os distinguem perante os demais. Em alguns casos, são essas cores que dão o nome ao terno: Camisa Verde, Camisa Rosa, Camisa Azul e Camisa Branca.

Manter viva esta tradição se justifica como sendo a existência da influência sociocultural, pois valoriza uma cultura que está nas raízes históricas, ou melhor, está presente entre povos que contribuíram para a formação da sociedade no Brasil. Ao longo do espaço e tempo, podemos constatar que as interpretações e representações são constantemente modificadas pelos próprios integrantes da congada. É a persistência de tradições, valores e costumes, que permanecem no decorrer do tempo e em determinados lugares, como em Pires do Rio e em Catalão. Para as sociedades negras é importante a manutenção e preservação das crenças religiosas ligadas aos seus antepassados, visto que esta manifestação é uma forma de preservar as suas identidades.

Esta festa apresenta-se como uma especialidade do catolicismo popular, além disso, é denominada por uma reinterpretação do catolicismo oficial feita pelos negros por meio de elementos simbólicos, que trazem à memória a formação da identidade da cultura afro-brasileira pela diversidade étnica e pelo hibridismo cultural.

Para atingir nossos objetivos, utilizou-se como procedimento metodológico de pesquisa: o uso de imagem fotográfica, o trabalho de campo, a observação, filmagem, entrevistas abertas, depoimentos, transcrição de entrevistas e a oralidade. Conforme Garrido (1992), as fontes orais possibilitam incorporar não apenas indivíduos à construção do discurso do historiador, mas nos permite conhecer e compreender situações insuficientemente estudadas até agora (GARRIDO, 1992, p. 36). Estes mecanismos sempre originaram outras indagações sobre a festa, atingindo as suas ligações com a Igreja Católica e com o poder público. Por estes

meios foi possível conduzir para o texto as falas sobre os ritos, comportamentos, opiniões e tradições.

Assim, os grupos diferenciados passam a ter espaço para demonstrar suas memórias e oferecer às outras pessoas o conhecimento de fatos, que antes elas não conheciam. Não somente os profissionais da área das ciências humanas, mas de inúmeras outras têm utilizado a fonte oral em seus trabalhos, desenvolvendo novos tipos de análise, criando avanços, impasses e recorrentes discussões.

[...] é antes um espaço de contato e influências interdisciplinares. [...] com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. Para isso, conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais, desempenha um papel importante [...] a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo das experiências dos atores sociais. (LOZANO, 1998, p. 16).

A história oral privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de acontecimentos, conjunturas e visões de mundo, como forma de aproximar-se do objeto de estudo. Permite recuperar o que não encontramos documentado, amplia-se o conhecimento pelo estudo de experiências particulares e procura-se compreender a sociedade por meio do indivíduo que nela viveu.

O município de Pires do Rio e Catalão, formado por vários grupos e por distintos momentos históricos, proporcionou a formação de manifestações culturais com características próprias da localidade. Uma destas manifestações é a Congada, que toma um espaço, que abrange o profano e o sagrado, exposto na forma tradicional do lazer proporcionado pela festividade e esperado pelas comunidades rurais e urbanas o ano todo.

O sagrado é a parte religiosa: celebração religiosa, procissão, novenas, alvorada de música, missa. Cada festa e ritos têm sua característica. A ritualização do sagrado é a prática organizada de valores em relação ao que transcende o indivíduo, que é distribuído em grupo. São repetições de ações dentro de um conjunto de crenças. Esta ritualização é indiscutível tanto no nível do sagrado, quanto no do profano: “[...] o rito constituiria uma expressão simbólica dos valores fundamentais que unificam os membros de uma sociedade”. (RIVIÉRE, 1997, p. 45). Assim, as festas religiosas têm a ritualização, abarcando a dimensão do profano e do sagrado, contemplando os valores e as crenças, compartilhando uma tradição e uma história, que as fazem seguir mantendo e recriando os ritos sacralizados.

Deste modo, o estudo proposto por este trabalho se centraliza na Festa da Congada em Pires do Rio, sua descrição e particularidade, sua ligação com a Igreja Católica e com as indagações das lutas sociais. A pesquisa concentra-se em analisar as influências políticas e religiosas no contexto da Congada de Pires do Rio e as transformações dos princípios culturais referente à festa. Para compreender esta invisibilidade da festa, a pesquisa evidenciou a seguinte problematização: por que a Congada em Pires do Rio preserva somente o Reinado, enquanto em Catalão essa mesma tradição possui mais de vinte ternos? Ou como conscientizar e despertar o interesse da sociedade e dos órgãos públicos para preservar a tradição Congada em Pires do Rio?

Diante do exposto, os objetivos norteadores desta pesquisa foram:

- Valorizar a historicidade da Congada em Goiás e, de forma pontual, nas cidades de Pires do Rio e Catalão, promovendo a formação de opiniões, atitudes e valores, para que possa despertar na sociedade a consciência e o respeito para com esta tradição;
- Registrar e compreender os rituais presentes na Congada piresina e catalana e suas transformações ao longo do tempo, quanto à música, devoção, dança e vestimentas;
- Investigar quais são os principais problemas enfrentados pelos congadeiros para manter o seu espaço vivo até o presente, valorizando sua história e analisando a Congada como espaço de resistência e de contradições representada ao longo desse processo.

Ao acompanhar a festa da congada, pode-se observar o valor desta tradição cultural como prática do catolicismo popular, realizada por pessoas simples da comunidade dos referidos municípios, envolvendo principalmente os dançadores, os membros da Irmandade do Rosário e os festeiros. Foram entrevistados onze congadeiros: sete de Pires do Rio e quatro de Catalão. Aplicamos, ainda, doze entrevistas individuais para os dançadores: Maria José da Costa, madrinha dos ternos de congos de Pires do Rio e responsável por articular e confirmar sua realização; Luzia Moura, Carlos Silva, Gilmar Santos, Valdomiro Silva, Jaqueline Gonçalves, Maria Rosa, Pedro Gomes, Sebastião Dias, Pedro Rui e Sebastiana Arraias.

Algumas pessoas da comunidade também foram entrevistadas, dentre elas, a senhora Maria das Dores, Rosângela M. e o Pároco Frei Francisco (Frei Chico).

Estas entrevistas tiveram como objetivo o entendimento do alcance que a festa da Congada assume como cultura popular, tendo em vista, sobretudo, as questões relacionadas à identidade e à memória do povo negro de Pires do Rio e Catalão.

A análise desta manifestação cultural em distintas regiões, possibilita investigar historicamente as diferentes formas de apropriação, que a Congada teve e continua tendo no interior da sociedade goiana. Desta forma, a pesquisa foi estruturada em três capítulos.

O primeiro capítulo, denominado “Congadas: dos Vestígios Culturais às Festividades”, teve como objetivo o contexto das várias dimensões da festa no período colonial, no qual contextualizamos as contribuições africanas, indígenas e lusitanas, verdadeira mescla na criação da identidade do povo brasileiro e de sua cultura, agindo nas festas profanas e religiosas. Aborda-se também o estudo acerca da congada no Brasil, enfocando sua origem, suas características culturais e sua importância nas crenças, religiosidade e na construção da cultura africana. Constatou-se o importante papel das Irmandades no País e em Goiás na organização e reestruturação da identidade dos negros africanos pelo viés da festa ligada às manifestações católicas, com louvor a Nossa Senhora do Rosário e outros ritos: novena, terço, missa e procissão. Discute-se ainda os conceitos de cultura, cultura popular e religiosidade do povo, bem como práticas e representações nas festas.

No segundo capítulo, intitulado “As Congadas de Pires do Rio e Catalão: Retrato de Cultura, Fé e Devoção”, faz-se um breve histórico das cidades citadas (população, economia e a festa), bem como propõe-se a entender, a partir da visão e relatos de seus participantes, o que a festa significa para os congadeiros e como eles se relacionam nesse universo cultural. Além disso, tenta-se compreender o surgimento, os mitos, a devoção, os ritos, as musicalidades, os instrumentos e o Reinado presente nesta manifestação da cultura africana.

No terceiro capítulo, nomeado “As Congadas de Pires do Rio e Catalão: Relações Políticas e Sociorreligiosas”, analisa-se o panorama atual das congadas piresina e catalana, assim como a festa e o fenômeno religioso, em que estão inseridas. Busca-se o fator que falta na Congada piresina em relação à Congada catalana como forma de considerar as influências exercidas pelo contexto sociopolítico na sua organização, bem como aspectos inerentes às mudanças e transformações sofridas por esta ao longo dos anos. Observam-se ainda quais são

as principais preocupações dos congadeiros diante de tais mudanças, além de refletir a Festa da Congada como expressão popular e identitária da cultura africana.

Enfim, foi possível observar que, mesmo com as modificações na festa, seus significados prevaleceram, fazendo com que se tornasse uma tradição coletiva e cultural, tanto dos congadeiros, quanto de todos que se divertem, comem, oram e dançam em devoção aos santos católicos.

1 CONGADAS: DOS VESTÍGIOS CULTURAIS ÀS FESTIVIDADES

Neste capítulo, pretendemos analisar as festas religiosas do período colonial, em que os hábitos culturais híbridos estão presentes, levando em conta que são importantes elementos para entender a identidade. Assim, as festas se reproduzem ligada pelas experiências humanas de grupos sociais.

Dentre estas festas, será dada ênfase às Congadas. Mostraremos a riqueza simbólica e identitária, que estes folguedos representam para uma parcela representativa do povo brasileiro. No período colonial, vê-se, por exemplo, o papel politicamente imperativo da Igreja e do Estado nas procissões e festas de santos com participação obrigatória dos portugueses cristãos, dos índios e dos escravos. Essas manifestações culturais fazem parte da cultura popular e da religiosidade do povo, tendo várias funções e significados, visto que o sagrado e o profano andam juntos nestas comemorações festivas religiosas por meio da circularidade cultural.

Mas afinal, o que é festa? Qual era o papel da festa para o povo, para a Igreja e para o Estado? Compreender a festividade, ou melhor, o contexto em que os folguedos são (re) criados implica em entender, dos próprios indivíduos, a importância dos processos de preservação destas manifestações religiosas e culturais e como proporcionam a continuidade da tradição vivida. Elas traziam ao povo momentos de alegrias, prazer, danças, músicas, divertimentos, encontro de amores, acertos de contas e libertação por poucas horas do cativo vivido pelos colonizados, nas mãos dos colonizadores e donos de engenhos. Durkheim (1968) ressalta que:

As festas são forma de divertimento em grupo, momento em que o indivíduo “desaparece” no grupo e passa a ser dominado pelo coletivo e o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade. (DURKHEIM, 1968, p. 536).

De acordo com o autor, quem participa da festa exerce funções diferenciadas naquele momento, ou servindo seus senhores, ou sendo meros coadjuvantes naquele espaço, em que passam a ser dominados pelo grupo a festejar.

Quem está na festa não é somente espectador, mas cada indivíduo participa de alguma forma. Burke (1989) considera que, as festas populares são “festas que o povo dá”, pois nela todos são sujeitos de ação: brincam, observam, dançam,

cantam, trabalham ou namoram. Assim, nas festas populares religiosas ocorrem várias funções e significados diferenciados, cuja sociabilidade, coletividade e interação entre as pessoas podem acontecer. Del Priore (2000) explica que,

Tempo de utopias, a festa revela a riqueza de funções com as quais as populações do passado dela se apropriavam. Se, de início ela aparece como o reflexo das instituições de poder e do desejo do Estado Moderno de aproveitar essa ocasião para afirmar seu poder, ela mostra-se lentamente expressão de diferentes segmentos da sociedade. Índios, negros, mulatos e brancos manipulam as brechas no ritual da festa e as impregnam de representações de sua cultura específica. Eles transformam as comemorações religiosas em oportunidade para recriar seus mitos, sua musicalidade, sua dança, sua maneira de vestir-se e aí reproduzir suas hierarquias tribais, aristocráticas e religiosas. (PRIORE, 2000, p. 89).

Segundo a autora, mesmo que o Estado e a Igreja realizassem festas como meio de controlar os colonizados, estes aproveitaram cada instante das festividades realizadas pelos portugueses para expressar suas tradições e reelaborar seus mitos em espaços de dominação católica. Deste modo, estes grupos explorados e escravizados souberam encontrar brechas de resistência, sobrevivência e união na Colônia por meio das festividades. A festa vai contribuindo para o espaço de resistência cultural, uma vez que festa e cultura interpenetram e se misturam.

As festividades se mostraram como forma de resistência às labutas do dia a dia, fortaleciam os laços fraternos, promovendo um elo pelo viés dos aspectos religiosos e culturais de um povo sofrido e despojado de identidade cultural. As festas religiosas dedicadas a um santo no período colonial tinham vários sentidos, funções e simbologias, que pertenciam à cultura popular e permaneceu na história e no cotidiano da população subalterna como forma de resistências, lutas, divertimentos e adoração a fim de preservar e manter os rituais dentro do catolicismo.

(...). Ora status, ora poder, ora Resistência, a cultura popular ou a de elite davam funções diversas a esses vários símbolos. Jogos de espelhos onde os membros da sociedade colonial refletiam-se distintamente, as festas iniciavam-se com um feixe de símbolos que anunciavam um tempo de identidades encobertas, ou falsificadas, numa constelação de utopias. (PRIORE, 2000, p. 41).

Quando o povo desfilava nas ruas expressava momentos de liberdade. Na procissão não havia diferenças sociais, mas sim divertimento, lazer, fantasia e sonhos de uma vida melhor para os dominados e excluídos na sociedade colonial.

Assim sendo, existiram várias festas religiosas ligadas à cultura popular e que aconteciam de acordo com o calendário católico com o intuito de manter as regras na colônia.

A festa era coletiva, social, interativa, recreativa, lúdica e momento de troca de experiências. E a dança era a maneira dos colonizados extravasarem o cansaço de árduos dias de trabalho, aproveitando a festa. Ali, invertia-se provisoriamente a ordem, momento em que as pessoas se divertiam, se liberavam, tinha igualdade e participação. Festar era o entretenimento para combater os sofrimentos frente a escravidão.

No entanto, as festividades ganhavam outra função ao fugir das normas da Igreja e do Estado, deixando o festejo numa desordem total, pois ocorriam os relaxamentos das regras, acarretando conflitos e violências.

A festa era também um “lugar simbólico” através do qual eram veiculados os valores e as crenças do grupo, transformando-se, portanto, no principal lugar onde afloravam os conflitos de significado na disputa pelo monopólio da informação e, até mesmo controle social. (FERREIRA, 2001, p. 15).

A autora ressalta que, a insatisfação do povo com a escravidão no período colonial, fazia brotar em suas vidas reações de descontentamento e protesto diante da elite ou dos representantes do Estado e da lei. Portanto, as festividades eram essenciais para a atividade pública, para a confirmação da identidade coletiva.

A grande maioria dos festejos religiosos criava conflitos entre colonizados e integrantes eclesiásticos, porque, muitas vezes, a participação popular se dava mais pelo divertimento, alegria, a procura de prazeres (jogos, musicalidade, dança, adultério e bebidas) e não por buscar as coisas sagradas. Conseqüentemente, a Igreja quis banir tudo o que era contrário às coisas sagradas, tanto nas festividades religiosas quanto no espaço da Igreja no Brasil Colônia.

A presença do Concílio de Trento¹ como normatizador do novo tipo de religiosidade tentava ordenar a espiritualidade pública e suas práticas, varrendo para baixo do tapete as chamadas “profanações e abusos”. Mas, não foi fácil cumprir essa missão, porque dar às festividades uma função de ser somente manifestação sagrada não obteve sucesso. “O próprio corpo de clérigos, dado as práticas pouco ortodoxas, era um estímulo a esses comportamentos que fugiam às normas da

¹ É o nome de uma reunião de cunho religioso (tecnicamente denominado **concílio** ecumênico) convocada pelo papa Paulo III em 1546 na cidade de **Trento**.

Igreja, constituindo eles também expressão da cultura popular” (PRIORE, 2000 p. 98). Essas demandas funcionavam bem apenas em teoria, porque na prática, a realidade era outra. Neste sentido, Durkheim (1968) explica que,

Toda festa, mesmo que puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso. (...) Pode-se observar, também, tanto num caso como no outro, as mesmas manifestações: gritos, cantos, músicas, movimentos violentos, danças procura de excitantes que elevem o nível vital etc. Enfatiza frequentemente que as festas populares conduzem ao excesso, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito. Existem igualmente cerimônias religiosas que determinam como necessidade violar as regras ordinariamente mais respeitadas. Não é certamente que não seja possível diferenciar as duas formas de atividades públicas. O simples divertimento (...) não tem um objeto sério, enquanto que, no seu conjunto, uma cerimônia ritual tem sempre uma finalidade grave. Mas é preciso observar que talvez não exista divertimento onde a vida séria não tem qualquer eco. No fundo a diferença está mais na proporção desigual segundo a qual esses dois elementos estão combinados. (DURKHEIM, 1968, p. 547-548).

Nas festas populares do período colonial, o sagrado e o profano sempre existiram lado a lado, mesmo que a Igreja e o Estado tentassem proibir. Estes persistem há séculos e permanecem vivos nas festas atuais, fazendo parte da religiosidade e cultura popular, por exemplo, nas festividades das Congadas em Pires do Rio, Catalão e demais regiões do país.

1.1 A CONSTRUÇÃO DO UNIVERSO DA CONGADA NO BRASIL

A maioria das festas populares, tanto as sagradas quanto as profanas, não tiveram origens em terra brasileira, mas originaram-se com a vinda dos colonizadores. Aqui, os negros africanos e os indígenas adentraram seus rituais aos festejos católicos.

Os negros e os índios tiveram uma grande importância na nacionalização das festas trazidas pelos colonizadores, pois se apresentam repletas de entrelaçamentos e influências, sobretudo africanas, uma vez que os negros vindos como escravos da África foram os primeiros a recriar no país os valores religiosos que haviam deixado para trás. (CAPONERO, 2009, p. 104).

Segundo a autora, os negros africanos e os indígenas tiveram papel fundamental nas festividades do período colonial, tanto que até hoje podemos

encontrar traços marcantes, principalmente dos negros em várias regiões do país na Congada, uma forma de sobrevivência da sua cultura e sua identidade.

A narrativa da tradição Congada está ligada ao continente africano, ao Reino do Congo. Este foi um reino importante e organizado, possuía um sistema político, comercial e econômico formado por grupos bantos e abrangia grande extensão da África Centro-Occidental. “Congada e Congos, para o antropólogo Kabengele Munanga, é uma dança dramática afro-brasileira de origem de Congo-Angola”. (SOUZA, 2010, p. 66).

Para compreendermos o elo da festa com esta parte do continente africano, é preciso recorrer à história do Centro Africano e a ligação com Portugal. O Rei de Portugal, Dom Manuel, entrou no Reino do Congo por volta de 1483 com a expedição de Diogo Cão. Essa entrada levou consigo padres portugueses e, logo nos primeiros contatos, os Mani-Congos² foram convencidos a se converter ao cristianismo como o único modo de estabelecerem uma aliança com Portugal (SOUZA, 2006).

Os lusitanos encontraram uma organização política com significativo grau de centralização e uma corte organizada ao redor do rei. O centro do poder localizava-se na capital Mbanza Congo, de onde o rei administrava o país juntamente com um grupo de nobres, que formavam o conselho real. Esses reis tinham grande representatividade, organização própria, com suas manifestações e associações dentro dos grupos. O acesso dos lusitanos no centro-africano, além de questões de exploração de caráter econômico, era revestido também de questões religiosas.

Conforme Souza (2006), estudiosos do Congo apresentam as formas de escolha dos reis: eram eleitos entre os sucessores da linhagem da nobreza. A glorificação do Rei do Congo recebia forte interferência do cristianismo, tanto na escolha dos reis quanto nos rituais de coroação, ato iniciado com a conversão da corte. No reino do Congo, é o valor da imagem do rei que ultrapassava o poder temporal, como em outras sociedades europeias daquele tempo.

Assim como os reis europeus legitimavam sua posição por serem representantes de Deus, os reis africanos mantinham estreita ligação com as forças sobrenaturais e com os mortos, fonte de sabedoria e harmonia. Em ambas as culturas objetos específicos simbolizavam essa ligação, e a legitimação do poder envolvia ritos nos quais participavam o chefe religioso e a população, que aclamava a entronização do rei. Nos dois continentes, a religião era fonte de poder e o poder fonte de riqueza, assim como essa também permitia o acesso ao poder. (SOUZA, 2006, p. 93).

² Títulos dos reis do Reino do Congo na África dos séculos XIV ao XIX.

Portanto, é indispensável esclarecer que, a evangelização da nobreza do reino do Congo agregou outros elementos ligados ao catolicismo português aos seus ritos de entronização, à medida que a celebração passou a ser centrada na bênção do padre católico. Transformação ocorrida também depois dos vários contatos com as cerimônias religiosas usadas nos momentos de coroação do rei europeu (LAMBER, 2001, SOUZA, 2006, RODRIGUES, 2008).

Por 200 anos, a relação entre congolezes e portugueses se manteve sem maiores intrigas e com vantagens para os portugueses, cuja exigência do cristianismo sobre outros povos partia da premissa da supremacia da religião cristã sobre todas outras do mundo. Essa união fundamentou-se, portanto, no sincretismo religioso, o qual, segundo Marconi e Presotto (2010, p. 46), se dá a partir da “[...] fusão de dois elementos culturais análogos (crenças e práticas), de cultura distinta ou não”. Porém, estão sempre passando por mudanças de acordo com as transformações culturais.

A análise sobre a congada, apresentada neste trabalho, tem nos conduzido para o entendimento acerca do hibridismo nas atividades da cultura presentes na sociedade. Souza (2006) ressalta que, além das Congadas serem frutos da miscigenação das culturas portuguesas e africanas (região Central da África), a festa do rei do Congo foi, conforme afirmado, uma reminiscência da forma “por meio da qual se organizaram as comunidades negras na sociedade colonial” (SOUZA, 2006, p. 266). A congada, mesmo reconhecida como uma cultura dos negros, recebeu e ainda recebe influências da religiosidade católica em várias regiões do país.

A congada surge no Brasil constituindo um importante elemento cultural, com o papel de manter (re-construir) a identidade dos negros brasileiros. Tendo como dramatização principal a representação de uma cerimônia de Coroação dos Reis do Congo, o festejo ocorre mediante uma teatralização com danças e cantigas. (RABAÇAL, 1976, p. 9).

A Congada é uma manifestação religiosa e cultural de expressão afro-brasileira caracterizada como uma festa da cultura popular. Procura por intermédio de seus símbolos e representações, compreender os mitos, a história e a cultura africana, envolvendo os participantes em geral, que tem sua fé “materializada” nos santos católicos: São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário, entre outros.

As primeiras festividades das Congadas realizadas em terras brasileiras são relatadas a partir do século XVII, praticadas por escravos de várias regiões que aqui desembarcaram, trazendo suas crenças, suas danças e suas músicas. Souza (2006) acrescenta que, a Congada é distinta de outras festividades culturais dos negros no Brasil, uma vez que esta manifestação é formada por elementos da religiosidade da cultura africana com tradição do catolicismo. Assim, as comunidades escravas usaram suas maneiras de adorar seus “deuses”, realizar suas dramatizações e utilizar os espaços festivos dos brancos para preservar e manter suas tradições culturais ao longo dos séculos, mesmo vivendo nas piores condições: inexistência de assistência médica, alimentação inadequada e péssimas condições para dormir.

Nas festividades do Rosário, “é feita a coroação ao redor de um rei e uma rainha: o rei do congo e Nossa Senhora do Rosário” (BRANDÃO 2004, p. 329). Novenas, levantamento de mastros, cortejos solenes, cantos, danças, bebidas e cumprimento de promessas estavam presentes nestas festas. Deste modo, seja qual for o motivo de participar da festa, os negros africanos estavam sempre presentes nas festividades da Igreja católica, sendo vigiados pelos seus senhores ou pelo policiamento do Estado.

As Congadas para se manterem presentes na vida e na memória da sociedade, mediante a tantas dificuldades enfrentadas desde o período colonial, têm provocado um grande fascínio em suas realizações nas mais diversas regiões brasileiras. Nelas se pode perceber a alegria no encontro entre os participantes desta festividade cultural.

A Congada é considerada uma manifestação folclórica e religiosa. “(...) Este evento visa estimular a cultura popular promovendo o intercâmbio cultural religioso, cívico e folclórico entre as entidades eclesásticas e a população” (PAES, 1989, p. 143). Estes festejos estão recheados de símbolos, o que permite a eles não deixarem de existir, estando sempre ligados a um lugar, onde acontecerá a festa. Neste sentido, Brandão (1989) menciona que,

A festa “é dinâmica”, ou “se desenvolve em vários locais”: vai-se a ela e ali se transita entre seus diferentes lugares. Por isso, o desfile, o cortejo, a procissão, a folia e tudo o mais que possibilite fazer deslocar sujeitos, cerimoniais e símbolos. (BRANDÃO, 1989, p. 13).

A Congada é uma destas festas tradicionais, realizadas nas proximidades das senzalas, casas-grandes dos senhores de engenhos e no interior das

irmandades. Uma manifestação popular, que mesclou crenças do catolicismo a ritos afros.

Congos ou congadas eram autos populares, de origem africana, mas já diferenciados, que ocorriam não apenas no ciclo de Natal, mas em outras datas comemorativas, geralmente de devoções religiosas dos negros. Comum a sudaneses e bantos, a congada tinha como elementos principais a coroação do rei do Congo, préstimos, embaixadas e danças guerreiras. Sabe-se de sua existência na festa de Nossa Senhora do Rosário, no Recife, em 1674, e em outros locais nos séculos XVII e XVIII. Nos desfiles havia imagens e homenagens aos santos protetores dos negros, cuja devoção concentrava-se em quatro: N. S. do Rosário, São Benedito, Santa Ifigênia e Santo Antônio Preto. Além das representações, as (...). Congadas contavam também com bailes e banquetes, com a presença de autoridades portuguesas e dos senhores de escravos, que, aliás, frequentemente lhes emprestavam jóias e adereços. (WEHLING, 2012, p. 316-317).

Ao analisar as primeiras festas das Congadas no Brasil colonial, é preciso rever a formação cultural dos negros em nosso país, a qual se deu pelos agrupamentos de africanos diferentes, cujas crenças e valores eram compostos de elementos ligados aos antepassados da África e à cultura europeia. “Homens e mulheres de diferentes lugares da África foram retirados de suas terras e levados à força para os navios negreiros” (ARAÚJO, 2003, p. 11).

O deslocamento forçado de escravos impossibilitou a continuidade de famílias, mas não destruiu as experiências desses africanos. As ideias de parentesco e de organizações em torno de grupos, mesmo que estes tenham sido recriados em “nações”, foram reaproveitadas pelos africanos no Brasil (MATTOS, 2007, p. 170). Destarte, a reunião em torno de um santo protetor no interior das confrarias acabava por recriar um parentesco/vínculo rompido pelo sistema escravista, sendo considerada, por Roger Bastide como uma espécie de parentesco étnico (BASTIDE apud MELLO e SOUZA, 2006).

Em vista disso, a comunidade negra não se encontrava subjugada, mas foram personagens de sua própria história dentro de seus limites. Os negros africanos em meio ao trabalho escravo procuravam negociar sua liberdade e viver suas tradições. Não só os africanos de várias regiões da África, mas também de seus descendentes em várias regiões do país. Na percepção de Costa (1989):

Nessas festas os negros sentiam entusiasmo do reconhecimento e valorização da ancestralidade, não precisavam negar a identidade do seu povo. Os escravos escolhiam entre si rei e rainha, ministros, príncipes e princesas reais, damas e cavalheiros da corte e todos os servidores do paço. (COSTA, 1989, p. 261).

Os negros africanos souberam reinterpretar os espaços, sincretizando suas divindades em meio aos santos católicos com o intuito de não negar seus costumes, mas valorizar suas raízes culturais e religiosas.

Essas danças que simulavam batalhas e embates entre guerreiros chegaram ao Brasil não só com essa embaixada congoleza, mas também pelas mãos dos escravizados. Estes, ao inventarem novas formas de convívio social e de exercício da religiosidade no seio da sociedade brasileira escravista, recriaram as batalhas rituais, inserindo-as no interior das irmandades religiosas de homens leigos, que eram permitidas e mesmo estimuladas pelos senhores e administradores das colônias. (MELLO e SOUZA, 2006, p. 25).

A permanência e a reconstrução de seus costumes eram repassadas a todos que estavam na festa, tanto para os senhores de escravos, quanto para os dirigentes das comunidades presentes no momento, quando os rituais eram feitos e encenados.

Percebe-se que, desde o início dos estudos sobre as Congadas, foi difícil encontrar uma definição para este folguedo, pois esta festa pode ter nomes diversos, formas e maneiras de classificá-las: dança dramática, auto popular, manifestação do teatro folclórico, congada, folguedo, congado, entre outras.

Todos acreditam que a dança é africana, em primeiro lugar por causa de seu próprio nome e das palavras de línguas africanas ditas pelos contendores durante as embaixadas, para os quais nem mesmo os dançadores mais idosos conseguem atribuir qualquer significado. Em segundo lugar, pelo tipo de trama apresentada: uma luta entre reinos aparentemente rivais e africanos. (BRANDÃO, 2004, p. 151).

De acordo com o autor, todos que participam deste folguedo acreditam que vieram da África, devido à maneira de encenar, o ritmo das músicas, os instrumentos utilizados e as batucadas. As congadas são representadas pelas figuras do rei do Congo e da rainha, bem como os outros participantes: vassalos, embaixador, princesas, príncipes e os guarda-coroados. Os congadeiros se apresentam ao som de atabaques, reco-reco, violas e tambores, realizando danças com movimentos, que simulam uma guerra, para mostrar seus valores, suas tradições e, principalmente, a liberdade de poder expressar seu legado cultural.

Cascudo (1962, p. 169) define Congada, Congado ou Congo como “folguedo de formação afro-brasileira, em que se destacam as tradições históricas, os usos e costumes tribais de Angola e do Congo, um auto com elementos temáticos e ibéricos, cuja difusão data do século XVII”. Por meio da investigação da prática do catolicismo do povo, pode-se constatar que, as representações são, de alguma maneira, transformadas e ressignificadas pelos integrantes da Congada.

Na realização das festividades em Catalão e Pires do Rio fica favorecida a preservação da memória, tanto dos congadeiros quanto dos que vão à festa para se divertir, comer, dançar, orar, adorar os santos e socializar uns com os outros. É notável que, as Congadas têm grande influência sociocultural, pois valorizam a cultura.

A congada é uma manifestação que resiste, transforma e ensina. Essa festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito é uma mistura de sentidos, cores, sons, homens, mulheres, crianças, devoção, dança, convivências, cumplicidade, lutas, afirmações, ocupação de espaços, contestações, tensões, construções e desconstruções; enfim, tudo isso costurado pela fé. Essa prática social pode ser entendida como um ritual que transfigura o papel da vida cotidiana. (...). (SILVA, 2001, p. 11).

Foi no reino do Congo que os negros africanos aprenderam a alegrar-se por meio da manifestação Congada. Mesmo chegando a um Novo Mundo e em meio aos cultos católicos, estes tentavam esquecer os sofrimentos. Assim, esta manifestação é realizada em grande parte por homens e mulheres de baixo poder aquisitivo, que se preparam o ano todo para participar da festa em louvor aos santos de devoção dos negros. Portanto, outra característica relevante na formação e preservação da manifestação Congada foi a criação das Irmandades.

1.2 AS IRMANDADES E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DAS CONGADAS

As Irmandades, no período colonial, tiveram um marco importante para a comunidade negra, como uma estratégia para recriar sua cultura. “No Brasil colonial, após a expulsão dos jesuítas no século XVIII, as Irmandades e confrarias formadas e administradas por leigos tiveram um papel de destaque, na organização e participação das festas religiosas e inúmeras procissões” (CAPONERO, 2009, p. 65). A organização de atividades religiosas e festivas não era de responsabilidade somente da Igreja e do Estado, mas também, das Irmandades.

Por terem as congadas se originado dentro das irmandades católicas, havia uma forte presença de elementos do catolicismo ao lado de muita música e danças trazidas da África. E, visto que contavam uma história com elementos de religião católica, as coroações de rei Congo não foram proibidas. Mesmo quando os negros cantavam numa língua africana misturada ao português, ou preferiam achar, que se tratava de uma manifestação da fé cristã. Isso protegeu as irmandades e permitiu que elas relembressem e conservassem traços culturais de uma África anterior à escravidão. (ARAUJO, 2003, p. 40).

Neste sentido, buscamos salientar o papel das irmandades católicas na produção da manifestação Congada, as quais foram disseminadas em território brasileiro. O objetivo das irmandades era manter a organização. Sua função social era juntar as pessoas e realizar batizados, unção dos enfermos e enterros. Essas associações possibilitaram o encontro de povos de diversas regiões da África. Era no espaço social e comunitário, que proporcionavam o resgate da memória cultural. A religiosidade e os costumes dos negros africanos misturavam-se com diferentes crenças nas senzalas, casa grande e nas irmandades, aculturando-se e passando a inúmeros indivíduos suas tradições e suas culturas.

Num Brasil sustentado pela escravidão, os governantes deram apoio à Igreja católica para reprimir qualquer fé que não fosse pregada por ela. Assim, pretendendo controlar a ação da população negra, fosse escrava ou livre, a Igreja estimulou a criação de irmandades formadas por negros dentro da prática cristã. (ARAUJO, 2003, p. 25).

A assimilação dos negros ao catolicismo em terras brasileiras já acontecia, desde que os portugueses chegaram à África nas regiões do Congo e de Angola. Souza (2002) destaca que, apesar de os africanos importados pertencerem a diversas nações, como: Angola, Congo, Regalo, Angico, Galvão, Moçambique e outras, somente os do Congo gozavam do privilégio de eleger um rei e uma rainha nas Festas em louvor a Nossa Senhora do Rosário, conhecidas por festas de reinado. Isso porque era de costume dessa nação eleger seus súditos para governá-los.

As Irmandades eram o lugar para onde os irmãos negros iam, identificando-se e ressignificando suas tradições. Mattos (2007) afirma que,

Os africanos, quando chegaram ao Brasil, passaram a conviver com diversos grupos sociais - portugueses, crioulos, indígenas e africanos originários de diferentes partes da África. Nesse caldeirão social tentaram garantir a sobrevivência, estabelecendo relações com seus companheiros de cor e de origem, construindo espaços para a prática de solidariedade e recriando sua cultura e suas visões de mundo. Dessa maneira, integraram as irmandades católicas, praticaram o islamismo e o candomblé e reuniram-se em batuques e capoeiras. Com isso, os africanos influenciaram profundamente a sociedade brasileira e deixaram contribuições importantes para o que chamamos hoje de cultura afro-brasileira. (MATTOS, 2007, p. 155).

Cada grupo tinha seu jeito de expressar no interior das Irmandades e nas festividades; uns falando sobre família, música e solidariedade, outros sobre a morte

ou liberdade. Ressaltando-se que, as comemorações das festas e procissões eram em datas religiosas.

De certo modo, nas Irmandades, recriavam as estruturas sociais do espaço do negro africano, mesmo que houvesse a interferência do homem branco, buscando semear a fé cristã. Muitas Irmandades de negros se organizaram em torno do culto a um santo padroeiro.

Estes, ao inventarem novas formas de convívio social e de exercício da religiosidade no seio da sociedade brasileira escravista, recriaram as batalhas rituais, inserindo-as no interior das irmandades religiosas de homens leigos, que eram permitidas e mesmo estimuladas pelos senhores e administradores coloniais. No início de século XIX, elas passaram a ser chamadas de congadas e estavam disseminadas por várias regiões do Brasil, associadas aos festejos relacionados à coroação de um rei congo e à afirmação de uma identidade reconstruída neste lado do oceano, mas na qual ressoava o catolicismo adotado por africanos quando ainda estavam em sua terra natal. Travadas em torno das figuras de um rei, de seu séquito e exército, essas batalhas rituais, ou congadas, também estavam ligadas às formas de organização do poder no interior das comunidades que as realizava. (SOUZA, 2006, p. 25).

De acordo com a autora, as Irmandades para os negros africanos tinham um papel considerável para a formação de sua identidade e incorporação de novas rezas, mitos e símbolos, para que sua tradição permanecesse. Além desta função, os negros africanos estavam inserindo dentro do catolicismo sua cultura e seus costumes, haja vista que, antes dos negros africanos serem retirados de sua terra, os lusitanos já lhes impunham a religião católica. Porém, somente no século XIX, é que as danças dos negros africanos com suas dramatizações foram chamadas de Congada no Brasil.

Portanto, quando acontecia o ritual da coroação de reis e rainhas nas Irmandades, os seus senhores não os proibiam. Os negros se uniam, faziam folguedos para suas divindades, tocavam seus batuques, dançavam, cantavam, faziam seus rituais, fortaleciam os laços fraternos e culturais. As diferenças básicas deste ritual de coroação entre a África e as Irmandades eram que na terra natal os chefes afirmavam o poder sobre toda a comunidade. Mas, na sociedade escravista eram aceitos como reis apenas no contexto da festa e de inversões rituais. Muitas vezes vistos com ironia pelos senhores e seus representantes, a autoridade destes reis também transcendia o momento da festa, uma vez que frequentemente amorteciam os atritos entre os diferentes segmentos sociais, além de serem chamados para resolver disputas internas da comunidade que os escolheu. (SOUZA, 2002).

Portanto, as Congadas são manifestações que reafirmam a identidade cultural dos negros africanos no país. Indicam que os negros africanos mantiveram firme suas crenças e suas tradições nos momentos em que estavam cativos.

1.3 CULTURA POPULAR E RELIGIOSIDADE NAS FESTAS

Para compreender a cultura, cultura popular e a religiosidade nas festas, não devemos esquecer de que estes elementos foram formados pelos indígenas e por escravos de diferentes lugares do continente africano. Por isso, procuraremos discutir e analisar a cultura, cultura popular e a religiosidade popular e seus símbolos, os quais fazem parte das festividades do povo brasileiro, desde o período colonial.

Com o decorrer dos anos, os negros africanos modificaram a cultura brasileira e hoje estão presentes na vida da sociedade por meio do esporte, da musicalidade, da comida, da religião, dos cortes de cabelos e das festividades, tanto religiosas quanto profanas. Desta forma, nas festividades, senzalas e Irmandades procuraram construir seu próprio espaço de solidariedade e manter a sociabilidade na Colônia.

Assim, o sincretismo religioso no Brasil é proveniente de influências de outras religiões e povos, as quais foram transmitidas, sofrendo transformações de acordo com a localidade.

O conceito de cultura é complexo por fazer parte do universo cultural do sujeito. Ela encontra-se na vida do homem e ele depende dela no seu dia a dia, pois este faz parte da sociedade. Melo (2001), fazendo uma citação de Levi Straus, dá ênfase ao conceito cultural, ressaltando que “cultura é este conjunto complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (MELO, 2001, p. 40). Isto é, a cultura vai se transformando, à medida que a sociedade muda seus hábitos e costumes.

Então, se a cultura é um processo social, pode-se afirmar que, os “festejos religiosos” são manifestações culturais e as Congadas em Catalão e Pires do Rio são rituais, nos quais a sociedade está inserida. Posto que, a população participa nas organizações dos festejos, sendo integrantes das festividades, ou dando seu apoio, assistindo o cortejo ao desfilar nos lugares públicos.

Melo (2001, p. 48) ressalta que, “a característica básica da cultura é seu caráter simbólico. É essa propriedade da cultura que permite que ela seja transmitida e seja social”. Este é o motivo dos festejos religiosos serem culturais e sociais ao mesmo tempo, pois o homem é ao mesmo tempo um ser cultural, que produz e transmite cultura, mas também um ser aculturado, porque recebe e apropria-se da cultura produzida pelo outro.

Cada cidade, sociedade ou família, possui as suas próprias tradições, e, como são repassadas por pessoas diferentes, para épocas também diferentes, são modificadas, adaptadas e recriadas. Uma vez que a nossa cultura muda, assim também muda a sociedade em que vivemos. Se continuarmos a repetir gestos e costumes do passado, ele vem sempre com uma cara nova, com novas palavras, novas cores e sentidos. (DEUS e SILVA, 2002, p. 11).

A cultura é formada por meio das influências políticas, econômicas, assim como pelo espaço e tempo, nos quais se encontra inserida. Burke (2010) assevera que, a cultura surge de todo modo de vida, cria e transforma de acordo com as mudanças sociais e com as interações decorrentes do agrupamento de diferentes culturas.

Todavia, a definição de cultura tem certa complexidade, pois, de acordo com Gomes (2001), uma pesquisa feita pelo antropólogo americano Alfred Kroeber nos anos de 1950 encontrou 250 definições do termo cultura. Da mesma forma, definir o termo cultura popular não é tarefa fácil, visto que se expressa nas manifestações tradicionais, a exemplo, as Congadas. Burke (2010) e Chauí (1981) esclarecem que, a cultura popular tem características diferentes, de acordo com o meio social, separando-se e manifestando-se com requisitos próprios referentes ao povo ou às elites.

Em contextos de dominação e opressão, Munanga (2006) sustenta que,

Os grupos constroem processos de resistência religiosa, que são também parte da cultura. A deportação dos africanos e a imposição do regime escravista acarretaram um processo de ressignificação mítico-religiosa, de atribuição de outros e novos significados às coisas e ao mundo que nos rodeiam, por parte de nossos ancestrais com suas divindades e crenças. Esse é um processo comum nas situações de colonização ou dominação político-cultural. Os povos ditos dominantes e dominados, ao se encontrarem (“ou se chocarem”) passam por mudanças culturais que afetam a todos, de variadas formas. Porém, é muito comum pensarmos que somente os ditos “dominados” ou “colonizados” recebem interferências dos outros grupos ou modificam seus costumes, crenças e valores em função do contexto da opressão. Na realidade, as coisas não são bem assim. O processo cultural é dinâmico e a força da matriz religiosa é um fator muito importante na construção das identidades culturais. (MUNANGA, 2006, p. 140).

Tanto a cultura popular quanto a cultura de elite são importantes, pois são formadas em meio ao convívio com outras pessoas. Pode-se dizer que uma complementa a outra.

1.4 CATOLICISMO POPULAR BRASILEIRO: PODER E REPRESENTAÇÕES

Ao chegar às terras brasileiras, a partir do século XVI, os portugueses disseminaram a religião católica com suas doutrinas, crenças e regras, com o intuito de controlar e catequizar os indígenas, nativos deste território, bem como os africanos, que vieram para ser escravizados.

As festas religiosas foram os meios utilizados pelo Estado e a Igreja para manterem o controle sobre a população colonizada. Tudo que acontecia na colônia, a Igreja e o Estado tinham o domínio e nenhuma festividade era realizada sem suas autorizações. As culturas dos negros africanos e a dos indígenas estavam subordinadas às representações religiosas católicas.

Por isso, é importante rememorar a chegada dos portugueses ao Brasil, no início do século XVI, como um momento de definições. A aliança entre os interesses do Estado português e da Igreja conhecida como regime do Padroado que vigoraria entre o período colonial e imperial estaria associada, certamente, a uma expressão híbrida de fé controlada pela Igreja em favor da Coroa. (BUENO, 2009, p. 55).

Segundo o autor, por meio da união com o Estado, a Igreja estava ligada e subordinada à Coroa portuguesa. O colonizador mantinha o poder sobre a sociedade dominada, o que proporcionou a origem de manifestações sincréticas, cujas festividades contavam com romarias, danças, procissões e rituais. Essa convivência transforma o panorama das tradições católicas originadas na Europa com o multiculturalismo de crenças e ritos religiosos pelas nações existentes no país.

O período do Padroado se deu da aliança entre a coroa e o clero, ou seja, a Coroa portuguesa mantinha o poder sobre a Igreja, porém não tinham rígidas regras para levar as mensagens ao povo. Portanto, somos herdeiros de tradições ibéricas, que hoje têm forte influência sobre nossos hábitos. Prova desta realidade é, quando entramos nas igrejas, capelas, santuários, oratórios, casas dos fiéis, ou quando observamos nas paredes, nas estantes, nas travesseiras das camas ou em

pequenos altares, inúmeras imagens de santos católicos, a exemplo, Nossa Senhora do Rosário, Virgem Maria, São Sebastião, São Jorge, entre tantos outros. “(...) O mundo religioso (...) era o de um domínio popular imediato, fiscalizado à distância por funcionários regionais da Igreja Católica que, em muito pouco participavam da vida religiosa (...)” (BRANDÃO, 1986, p. 88-89).

Os leigos foram criando maneiras de manter a religiosidade e a caridade por meio das construções das Irmandades. Logo, a organização e a preservação deste catolicismo eram feitas por pessoas leigas, sem vínculo com os sacramentos do catolicismo, mas que, de uma forma ou outra, conseguiam adeptos para a Igreja.

(...) a reprodução do catolicismo nos contextos urbanos dependia fundamentalmente das Irmandades e no meio rural dos beatos e monges e dos rezadores ou rezadeiras locais responsáveis pela manutenção cotidiana das crenças e rituais. O padre era geralmente uma figura distante, que visitava os santuários por ocasião das festas e as comunidades locais a cada dois anos, quando eram realizados os batizados e casamentos. É preciso ter presente, contudo, que esse modelo tradicional prevaleceu como a forma dominante e hegemônica do catolicismo no Brasil por mais de 300anos. (VALLA, 2001, p. 19).

Ao se buscar identificar o catolicismo tradicional brasileiro, deve-se ater às suas principais características: sua origem laica, seu sentido devocional e seu caráter penitencial. Pode-se dizer que estas três características são partes integrantes do catolicismo tradicional, com as imagens dos santos, as crenças e os mitos.

Para Hoornaert (1974), o catolicismo popular seria aquele praticado pelos gentios, indígenas e escravos. Neste sentido, nas festividades religiosas do período colonial, as pessoas procuravam demonstrar formas rituais de comunicação entre si e com seus deuses e santos católicos num ato simbólico, por meio da devoção, respeito, musicalidade, rituais e danças. Por isso, os grupos criavam suas culturas e formavam suas identidades para garantir a sua sobrevivência em meio ao pluralismo cultural.

Por conseguinte, os colonizadores mantinham o poder sobre os colonizados. Entretanto, não conseguiram proibir os negros africanos e os indígenas de realizar seus cultos, os quais eram formas de fortalecerem-se e preservarem suas tradições. Assim, eles fizeram uma inversão, colocando nomes de santos da Igreja Católica nas suas divindades. “O catolicismo oficial se diluiu em uma religião que podemos

chamar de popular. A colonização no Brasil foi um campo fértil para miscigenação étnica, cultural e religiosa”. (SILVA, 2012, p. 26).

A partir deste contexto, constatamos que, o catolicismo popular no Brasil se formou por intermédio de várias etnias no período colonial, com o surgimento de diversas práticas religiosas, formando essa singularidade popular brasileira, que Freyre (1992) relata:

No século XVII, mesmo no XVIII, não houve senhor branco, por mais indolente que se furtasse ao sagrado esforço de rezar ajoelhado diante dos nichos; às vezes, rezas quase sem fim, tiradas por negros e mulatos. O terço, a coroa de Cristo, as ladainhas. Saltava-se das redes para rezar nos oratórios: era obrigação. Andava-se de rosário na mão, bentos, relicários, patuás, Santo-antônios pendurados no pescoço, todo o material necessário às devoções e às rezas... Dentro de casa, rezava-se de manhã, à hora das refeições, ao meio-dia e de noite, no quarto dos santos; os escravos acompanhavam os brandos no terço e na salve-rainha. Havendo capelão, canta-se: mater puríssima, ora pro nobis... Ao jantar, diz-nos um cronista que o patriarca benzia a mesa e dada qual deitava a farinha no prato em forma de cruz. Outros benziam a água ou o vinho fazendo antes no ar uma cruz com o copo. Ao deitar-se rezavam os brancos da casa-grande e, na senzala, os negros veteranos... Quando trovejava forte, brancos e escravos reuniam-se na capela ou no quarto do santuário para cantar o bendito, rezar o Magnificat, a oração de São Brás, de São Jerônimo, de Santa Bárbara. Acendiam-se velas, queimavam ramos bentos. (FREYRE, 1992, p. 651).

Nota-se uma mistura de crenças e fé, em que não há separação entre senhores e escravos, quando louvam, adoram, cantam e ritualizam os santos católicos, não importando com a hora dos cultos: manhã, tarde ou noite. A força do colonizador ligado a Igreja católica sobre as pessoas dominadas repercutiu em manifestações sincréticas como a devoção de vários santos.

O catolicismo popular no Brasil não seguiu fielmente preceitos de Roma. Outros fatores tais como a escassez de padres com devida formação, a distância geográfica e a dimensão da colônia contribuíram para tal quadro. A vertente católica popular, maleável e plástica, reinterpretou e sincretizou os preceitos católicos oficiais. (MACEDO, 2008, p. 20).

Fato é que, houve a participação de várias etnias, culturas e religiões na formação do catolicismo popular. Negros africanos, indígenas e colonizadores participaram da história do Brasil, cujas raízes culturais cresceram e frutificaram em terras brasileiras.

1.5 IRMANDADES: ESPAÇO DE REORGANIZAÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA CULTURA NEGRA EM GOIÁS

Ao mencionar a África e os africanos, lembramos logo dos escravos, homens e mulheres que, trazidos à força de suas terras, vieram para servir (ARAÚJO, 2003, p. 07). A cota de negros africanos trazidos para o Brasil, desde o início da escravidão, pode ser relacionada ao movimento de diáspora de maior grandeza relatado na História da humanidade. Vários povos foram colocados como solução, para que alguns estados do Brasil pudessem estabelecer e produzir riquezas nas colônias, promovendo um processo de extrema dominação e controle.

Aqui tiveram de viver sob um regime que não lhes conferia o status de pessoa; eram vistos como meras “peças”, compradas e revendidas como coisas. Seu dia-a-dia era marcado por jornadas de trabalho que começavam nas primeiras horas da madrugada e terminavam quando seus donos permitissem. Os negros, amontoados nas senzalas, barracos de portas e janelas estreitas, sem ventilação ou higiene, dormindo em esteiras pelo chão e separados de seus parentes, ficavam à margem do convívio social. (...). (MATTOS, 2007, p. 29-30).

As confirmações de Mattos (2007) significam que os donos de escravos consideravam os africanos como coisas, pessoas sem histórias e sem cultura, que serviriam apenas para ser empregados e não ganhar nada em troca de seus serviços. De suas terras foram exploradas riquezas, muitos foram separados de seus familiares e outros não chegaram vivos aos destinos a eles designados, devido à falta de alimentação, atendimentos médicos e a ausência de conforto nos navios. Muitos adoeciam nos porões e eram jogados ao mar. Nas senzalas eram maltratados, mal se alimentavam e o trabalho era diário e sem ter horas para descansar.

Mas, mesmo presos, os negros africanos não deixaram suas tradições culturais e suas identidades desaparecerem, porque nos tempos vagos praticavam a capoeira, cantavam e adoravam seus orixás na Congada. Haja vista que, o batuque, a festa, as ornamentações, a ginga, o canto e danças frenéticas são elementos constitutivos da cultura dos povos africanos.

Por meio das Irmandades, os negros africanos em Goiás conseguiram uma abertura, para que no bojo do culto católico seus orixás fossem cultuados, festejados e adorados por eles. As Irmandades na Província de Goiás tiveram importantes funções para as organizações sociais e religiosas dos negros africanos e dos brancos, como forma de preservação da identidade cultural no período colonial. Os objetivos principais eram a assistência social e caridade: construção de Igrejas, os

batizados, enterros, casamentos, festas. Atribuía-se caráter religioso e recreativo aos poucos momentos sociais. “(...) Em Goiás, escravos e libertos associavam-se a irmandades, pois sabiam que estavam desprotegidos de arbitrariedades e abusos até depois da morte. (...)” (LOIOLA, 2009, p. 66).

Assim, as Irmandades foram lugares de amparo, nos quais os negros, escravos e alforriados puderam reelaborar a sua cultura na música, dança, culinária, ritos, culto, símbolos, solidariedade, religião e festividades.

[...] foram o primeiro embrião do enraizamento e da sociedade de homens e de mulheres, livres e escravos, que se radicaram nos sertões dos Guayazes, porque no seu interior foram tecidos e consolidados laços hauridos na caridade cristã e baseados no compromisso assumido por todos os irmãos. (MORAES, 2012, p. 76, 80).

De acordo com a autora, as irmandades espalharam-se nas regiões goianas e a solidariedade entre os irmãos prevalecia no interior destas organizações. Eram divididas de acordo com a cor da pele e a condição social, existindo aquelas compostas somente por livres, outras por escravos e libertos. Havia ainda as que eram destinadas aos brancos e outras apenas aos negros. Os brancos eram em maior número nas Irmandades, os quais tinham cargos mais importantes na religião católica. “As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário que aceitavam somente homens pretos escravos foram encontradas em quatro Arraiais de Vila Boa” (MORAIS, 2005, p. 255).

As Irmandades possibilitaram a interação social dos negros africanos com vários grupos étnicos em Goiás, que tinham Nossa Senhora do Rosário como a santa preferida para render louvores e adoração. Esta devoção foi trazida, porquena África, os portugueses já lhes impunham a santa para promover a evangelização. Antes de tudo, é preciso saber que, Nossa Senhora do Rosário foi considerada a santa dos pretos, sendo uma ação dos dominicanos ainda no continente africano. Faz-se pertinente salientar que, a origem da maior devoção dos cativos dedicada a Nossa Senhora do Rosário desenvolveu-se no reino de Portugal e depois trazida para o sertão dos Guayazes (MORAES, 2005, p. 218).

As Irmandades foram importantes na realização das festas e na desses festejos com a igreja. Das inúmeras irmandades religiosas que existira em Meia Ponte, uma grande parte foi instituída no século XVIII. As mais antigas são a Irmandade do Santíssimo Sacramento e Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, criada em 1732. Em 1742 foi criada a Irmandade das Almas de são Francisco; em 1742 foram concedidas licenças para as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e as de são Benedito; a última Irmandade é a do sagrado Coração de Jesus, criada em 1901. (SILVA, 2001, p. 52).

Os negros africanos reelaboravam suas tradições e com o apoio das Irmandades procuravam conservar seus valores, mesmo estando diante dos clérigos e de seus senhores. Conforme relata Moraes (2005), quando aqui chegavam, vinham convertidos ao catolicismo, pois essa conversão era vista como benéfica aos seus senhores, já que significava adesão aos valores religiosos e morais do mundo branco e propiciava grandemente a resignação à sua condição servil. Por conseguinte, construíram muitas irmandades em devoção aos santos ditos protetores de negros: Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, São Expedito, São Benedito, São Elesbão.

(...). Vê-se que os africanos, ao se associarem nas Irmandades, levavam consigo toda uma bagagem cultural com seus hábitos e costumes, confrontando, à primeira vista, com os hábitos e costumes da religião cristã. Essa herança cultural é algo intocável, é fonte de vida para as diversas etnias africanas. Essas raízes sagradas são alimentadoras dos povos africanos e garantem a existência de sua cultura. É por essa razão que esses novos irmãos, apesar de se submeterem às exigências dos senhores brancos e da Igreja, foram reinterpretando os espaços e os ritos cristãos para, desse modo, atender ao imperativo de suas raízes culturais e religiosas. (SOUZA, 2001, p. 89-90).

De acordo com o autor, não houve entrega completa dos negros à religião dominante, mesmo que, de certa forma, esta representasse uma ascensão social. Isso evidencia-se na Congada, comemorada nas festas dos santos católicos com ritos africanos, misturando-se danças e celebrações de cunhos litúrgicos da Igreja Católica.

As festividades, apesar de terem o caráter devocional, são ligadas às necessidades sociais e ao divertimento. No dia a dia de trabalho árduo, alimentação e saúde precárias, os negros africanos ainda preocupavam-se em dar aos santos de devoção o melhor de si. Economizavam o pouquinho que ganhavam para organizar a festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário.

Portanto, a procissão dos negros africanos no período colonial, originou o Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Nele havia a presença de vários objetos simbólicos: os santos, os fogos, as bandeiras, a teatralização e as músicas. Assim, esta devoção contribuiu para a permanência e preservação de seus costumes. A fé na santa propicia a homenagem e o festejo em sua comemoração pelo viés do folguedo ou por um culto dos fiéis.

Diante do que foi exposto, constata-se que, a Congada é uma tradição que faz parte da cultura afro-brasileira e se originou no interior das Irmandades e nas senzalas. Mesmo sofrendo com a escravidão, sendo humilhados e proibidos de

praticarem seus costumes, os negros africanos encontraram brechas em meio às manifestações católicas para preservar suas tradições culturais.

Essas festas eram realizadas pela Igreja e pelas devoções populares. Em relação às festividades em homenagens aos santos, percebemos que Nossa Senhora do Rosário tem grande representatividade em vários municípios goianos.

Há uma variedade de ritos aplicados para a homenagem à Senhora do Rosário: novenas, procissões, Congadas, Cavalhadas... Variedades também são as cidades que comemoram essa infinidade de festas: Goiás, Pires do Rio, Anhanguera, Caiapônia, Luziânia, Jaraguá, Catalão, entre outras. (...). (DEUS e SILVA, 2002, p. 47).

É importante ressaltar que, as festas religiosas ocorriam conforme as normas do calendário católico em Goiás. “Numa missa dominical no Arraial do Meia Ponte, o número de participantes atingia 1. 500 pessoas. Isto mostra para nós como era a vida social em Goiás no século XIX”(MATTOS, 1986, p. 139). Nas festas religiosas, existem duas características marcantes que constituem a manifestação da Congada: o sagrado e o profano, que caminham lado a lado.

A Igreja aparece como espaço sagrado- local de orações, de celebrações, do encontro do homem com o divino – o que está a sua volta, o comércio, danças e divertimentos, podem ser caracterizados como profano (...). O que vai dar caráter de sacralidade ao espaço é a vivência baseada na relação do devoto como o santo, ou seja, a maneira como o homem se comunica com a figura do santo padroeiro; que será traduzida na forma de festas religiosas. (SARAIVA & SIVA, 2003, p. 51).

Portanto, é perceptível que, o sagrado e o profano são elementos essenciais na realização das festividades, em que o primeiro é determinado pela sacralidade do ambiente e o segundo a realização de danças, comércios, bebidas e jogos. Assim, as Congadas, que em vários momentos foram consideradas pelo poder eclesiástico como manifestação profana, já ocupavam espaços nas festas católicas em terras goianas no século XIX. O viajante Johann Emanuel Pohl observou na cidade de Traíras, atualmente Tupaciguara, distrito de Niquelândia-GO, uma festa da congada da cidade. Ficou espantado pela mescla cultural, que acontecia no ciclo da igreja, onde era realizada a festa.

A Congada de Santa Ifigênia foi vista e descrita pelo médico, botânico e mineralogista Johann Emanuel Pohl (1782 - 1834), durante sua estadia no antigo Arraial de Traíras em junho de 1819 (POHL, 1976). [...] A descrição de Pohl sobre a festa constitui depoimento precioso e raro, em função de ser a sociedade da época basicamente iletrada. Nela, queda evidente o incômodo que o ritual - que mistura elementos ibéricos, africanos e indígenas - causava às concepções católicas do autor. (POHL apud RIOS e VIANA, 2010, p. 2).

O viajante enxergava com estranheza a festividade dos negros africanos repleta de práticas, que sempre foram vistas pelos europeus como ritos primitivos de povos. Os negros africanos já tinham seu espaço nas festas em Goiás e sabiam mostrar aos viajantes suas tradições e crenças. Eles estavam sempre ocupando espaços, sincretizando os santos católicos aos seus orixás e suas entidades: “Os negros são grandes apreciadores desta festa, em que se exibem com grande ostentação, e não se poderia ferir e ofender mais esta população do que não lhes permitindo essa comemoração, que a tantos respeitos lhes recorda a pátria” (POHL apud RIOS e VIANA, 2010, p. 5).

A estrutura das festas organizadas pelos negros africanos parecia reproduzir, em Goiás, uma realidade vivida por eles na África. A recriação de personagens como reis, rainhas, juizes, juízas e governadores nas congadas de Goiás poderia despertar certo desejo nos povos negros em reconstruir aquela realidade simbólica da festa na Cidade de Goiás. (...). (SOUZA, 2001, p. 100).

Portanto, os negros africanos tiveram sua identidade cultural preservada em meio às várias culturas, mesmo que eram forçados a cultuar santos católicos. Sua tradição atravessou o Atlântico e permaneceu firme no interior das comunidades goianas. Dentre as várias congadas existentes no Estado de Goiás encontra-se uma enorme diversidade ligada à personagem, musicalidade, devoção, dança e dias.

No Estado é possível encontrar ainda as Romarias, festas religiosas em que os indivíduos se deslocam a grande distância para pagar alguma promessa. Na cidade de Muquém temos a festa em homenagem a Nossa Senhora da Abadia e em Trindade a festividade em louvor ao Divino Pai Eterno. Nesta festa, os fiéis andam com centenas de pessoas de carro de boi, carro, ônibus ou descalço na Rodovia dos Romeiros: um trajeto de Goiânia a Trindade; outras pessoas vêm de outros lugares mais distantes para cumprir ou pagar alguma graça recebida. “Ir à romaria de Trindade não é um acontecimento à parte na vida, mas a própria vida” (DEUS e SILVA, 2002, p. 54).

Todavia, há também a Folia do Divino, a de São Sebastião e as Folias de Reis em vários municípios. A catira é a característica marcante da folia, uma dança com forte marcação de mãos e pés, praticada nas fazendas e nas cidades. As Cavalhadas de Santa Cruz, Pilar de Goiás, Pirenópolis e Corumbá de Goiás também estão incluídas no calendário goiano. Esta tradição é de origem ibérica, oriunda da

Idade Média, na qual ocorre a teatralização entre cavaleiros mouros e cristãos mascarados em uma arena.

A Procissão do Fogaréu na cidade de Goiás, antiga capital, é outra festividade de grande espetacularização e bem divulgada na mídia. O cortejo representa a perseguição dos farricocos a Cristo Jesus e acontece pelas ruas da cidade na quarta-feira da Semana Santa, desde o século XVIII. É uma festa que envolve a comunidade local, utilizando-se de tochas para clarear o município, que fica às escuras.

Outras festas populares acontecem em todos os municípios de Goiás em homenagem a vários santos da liturgia católica. Fato é que, as festividades devocionais fazem parte do cotidiano dos goianos.

2 AS CONGADAS DE PIRES DO RIO E CATALÃO: RETRATO DE CULTURA, FÉ E DEVOÇÃO

No mês de outubro, o cotidiano das populações piresina e catalana se transformam com a chegada das Congadas. A atenção se volta para este evento festivo e religioso, considerado o mais importante dos municípios, do qual participam milhares de pessoas de regiões vizinhas: Goiandira, Urutaí, Ipameri, Araguari-MG, dentre outras. As motivações destas pessoas são de naturezas diversas: fins econômicos (comprar roupas, sapatos, bijuterias, vasilhas, brinquedos etc), fins religiosos (missas, procissões, alvoradas, novenas, devoção) e socialização dos indivíduos.

No ano de 2014, vieram aproximadamente 500 congadeiros de Araguari, Catalão e Urutaí para juntar-se ao Reinado e às festividades do Rosário em Pires do Rio. Cada terno com seu estilo, cores marcantes, ritmos e instrumentos característicos de sua localidade. Apesar da celebração da Congada em Pires do Rio possuir mais de cinquenta e cinco anos de devoção e fé ainda tem pouca visibilidade em nosso Estado.

Por outro lado, as Congadas de Catalão em relação à de Pires do Rio, possui grande representatividade no Estado de Goiás, com mais de 137 anos de tradição e festividade, envolvendo a presença marcante de vários ternos fardados. Em 2014, a festa reuniu mais de quatro mil dançadores, contando com a presença marcante de dezoito ternos.

Nas festividades piresina e catalana, os congadeiros fazem homenagens à santa por eles considerada a protetora dos negros: “Nossa Senhora do Rosário é cultuada com folguedos de canto e dança e pode inclusive ser conduzida, como imagem, em estandartes ou mesmo em procissões, acompanhada de grupos de devotos dançantes” (BRANDÃO, 1985, p. 32). Estas manifestações fazem parte da vida de seus devotos e é um agradecimento por tudo, que a Senhora do Rosário possa ter feito por cada um dos fiéis.

Sendo assim, neste capítulo, por meio de entrevistas, relatos de experiências vividas pelos personagens, que realizam e participam da manifestação cultural Congada, pretende-se abordar os aspectos relacionados à religião e aos fatos sociais, culturais e políticos, analisando as dificuldades, transformações, personagens e conflitos em meio à realização deste folguedo. Para tanto, serão entrevistados congadeiros e membros da comunidade de Pires do Rio e Catalão para conhecermos esta festa. Para situar os leitores, faremos um breve histórico da cidade piresina e catalana.

2.1 CARACTERIZAÇÃO E HISTÓRIA DOS MUNICÍPIOS DE PIRES DO RIO E CATALÃO-GO

A cidade de Pires do Rio está localizada no interior do Sudeste Goiano (Figura 1), surgiu no cenário da construção e implantação da Estrada de Ferro no Brasil. Nasceu sob a guarnição da estrada de ferro e não há como falar de sua história sem mostrar a relevância dos trilhos para seu surgimento.



Figura 1 – Mapa da Região Sudeste do Estado de Goiás.

Fonte: <<http://www.seplan.go.gov.br/seplan>>.

Em 1921, no dia 25 de agosto, chegou à estação do Roncador, uma composição da Estrada de Ferro de Goiás, trazendo o Ministro da Aviação e Obras Públicas, Dr. José Pires do Rio, em viagem de inspeção à referida ferrovia. Siqueira (1995) afirma que, como ponta de linha, Roncador chegou à expressiva povoação, com pensões, agentes, comissários comerciais e bancários etc. Assim, a vinda do Ministro acelerou os serviços da construção da ponte.

Nessa época, o engenheiro Balduino Ernesto de Almeida era o responsável pela estrada de ferro. E a construção da ponte sobre o Rio Corumbá permitia o emprego de material pesado, somente transportável com a utilização de maquinários disponíveis, como: locomotivas, gôndolas e vagões. Sendo assim, com a chegada da Estrada de Ferro em Goiás, veio o fortalecimento urbanístico e novos povoados foram se formando, alguns desapareceram, outros deram início a cidades, a exemplo, Pires do Rio-GO.

Com a implantação da Estrada de Ferro, vários núcleos populacionais apareceram e dentro de poucos anos adquiriram características de centros urbanos. As cidades goianas servidas pela linha se reurbanizaram e passaram a contar com as modernas invenções do mundo capitalista, como a energia elétrica, o cinema, e o telégrafo etc. (BORGES, 1990, p. 102).

Pires do Rio beneficiou-se com a construção da ponte ferroviária sobre o Rio Corumbá. Tanto que, em 1921, a cidade começou a se organizar, quando o engenheiro Edgard Peixoto deu visto na planta de loteamento em um terreno doado por Lino Teixeira Sampaio e sua esposa, os quais são considerados por muitos os fundadores da cidade. Siqueira (1995) esclarece que, “agiu não só como proprietário de uma fazenda de muitos alqueires, mas em especial como fundador de uma cidade movida por um ideal, Lino Teixeira Sampaio começa a venda de lotes de ambos os lados da ferrovia”. A ponte foi concluída em 31 de janeiro de 1921, recebendo o nome de Ponte Epitácio Pessoa.

Hoje, a Ponte Epitácio Pessoa se encontra em processo de degradação, foi tombada como patrimônio histórico cultural do município de Pires do Rio, pela Lei nº 12.675, de 18 de julho de 1995 (Arquivo Prefeitura Municipal de Pires do Rio) e, portanto, tornou-se apenas um bem do município e há tempos aguarda verba para que as obras de restauração comecem.

Borges (1990) afirma que, o município de Pires do Rio foi fundado em nove de novembro de 1922 pelo Sr. Balduino Ernesto de Almeida, quando é inaugurada a

estação de Pires do Rio, recebendo o nome em homenagem ao ministro da aviação José Pires do Rio. A criação do município ocorreu a partir da Lei Estadual nº. 903. 07-07-1930, sendo que a comarca de Pires do Rio surge através do Decreto Lei 552: 08-01-191, sendo instalada em 02 de março de 1931.

A história da cidade se confunde com a própria construção que resultou do empenho político de uma fração da classe dominante ligada a novos grupos oligarquias do Estado, o qual contou com o apoio do capital financeiro principalmente do estrangeiro. As antigas oligarquias às não interessavam qualquer tipo de mudança de caráter progressista pouco ou quase nada fizeram para concretizar a implantação da linha (...). A estrada de ferro deve ser vista e compreendida no seu processo de expansão com resultados dessas transformações ou siga como um produto da indústria capitalista criada pela Revolução Industrial e colocada a serviço do capital (PAES, 1987, p. 125).

Percebe-se a importância que foi a construção da estrada de ferro para o progresso, desenvolvimento e modernização do Estado de Goiás e também para a cidade de Pires do Rio. Localizada na Mesorregião do Sul Goiano, na Microrregião de Pires do Rio, no cruzamento das rodovias GO 020 e GO 030, a distância de 142 km de Goiânia e 237 km de Brasília, tem uma área de 1.076,9 km, o que representa 1,32% do território goiano. É limitada ao norte, pelos municípios de Orizona e Vianópolis, ao sul, por Caldas Novas e Ipameri, a Leste, por Orizona e Urutaí, e a Oeste, por Caldas Novas, Santa Cruz de Goiás, Palmelo, Cristianópolis e Silvânia.

Pires do Rio é uma das primeiras cidades do Centro-Oeste, a qual nasceu com planejamento prévio, antes de Brasília e Goiânia. Segundo fontes do IBGE, possui uma população de 28. 762 habitantes (IBGE, 2010). A população masculina representa 14.105, enquanto a feminina é de 14.657 habitantes. Dentre as religiões do município, destacam-se três: a Católica Apostólica Romana, a Evangélica e a Espírita.

Sua economia está baseada no agronegócio e na agroindústria. A maioria dos piresinos é descendente de sírios, espanhóis, portugueses, italianos e alemães. Sendo que, os primeiros habitantes de Pires do Rio vieram de outros estados do Brasil: Minas Gerais, São Paulo e Bahia (PAES, 1991).

Em Pires do Rio existem diversas festas populares religiosas, que sobrevivem com o passar dos séculos. Dentre elas, podemos destacar: a Folia de Reis; o Carnaval, que acontece no mês de fevereiro; a Festa Junina, comemorada no mês de junho, em que mastros são ornados por todo o município; a Festa de

Nossa Senhora D'Abadia, no mês de agosto; o aniversário do município, celebrado no dia 9 de novembro, normalmente, por um show musical noturno na Praça Central. Mas, a festividade de maior destaque na cidade, permanecendo há mais de cinco séculos, é sem dúvida, a Festa de Nossa Senhora do Rosário, a qual conserva o Reinado.

Catalão (Figura 1) está localizado na Região Sudeste de Goiás a 253 km de Goiânia, a 259 km de Brasília e a 120 km de Uberlândia. É um município de destaque econômico da região do Sudeste Goiano, por possuir empresas multinacionais e indústrias de mineração para extração de nióbio e fosfato, atendendo tanto o mercado interno quanto o mercado externo. Oferece vários postos de trabalhos à população catalana e aos municípios próximos.

A gênese do município catalano está ligada a um tipo de povoamento muito comum em Goiás, que deu origem a grande parte das cidades: o “Patrimônio” também chamado de “Rua” ou “Comércio”. Segundo Ramos (1984, p. 20), em uma área de 3300 metros de comprimento por 2000 metros de largura, doada por Antônio Manoel a Nossa Senhora Mãe de Deus, formou-se o arraial de Catalão. A história do município inicia-se com a entrada de bandeirantes no interior de Goiás, que adentraram este território em busca de riquezas minerais (CÂNDIDO, 2010, p. 17).

Portanto, surge da interiorização realizada pelos bandeirantes em meados do século XVIII, tendo no início a função de estalagem e como ponto de apoio aos que buscavam riquezas e índios pelo interior do país. Elevou-se à categoria de vila em 1833 e à de cidade em 1859. Quanto ao nome “Catalão” há várias hipóteses e histórias, mas a mais aceita é a que em 1722 chega à localidade um padre espanhol originário da região da Catalunha, na Espanha, daí o nome (GOMEZ, 1994).

A atividade agropecuária foi se expandindo no município, principalmente após a instalação da Estrada de Ferro Uberlândia-Araguari-Catalão, no início do século XX, e, com isso, cresceu também a população e conseqüentemente o processo de urbanização do município (VENÂNCIO, 2008). Conforme o Censo de 2010, o índice populacional de Catalão é de 86. 647mil habitantes. Dentre as religiões do município destacam-se três: a Católica Apostólica Romana, a Espírita e a Evangélica.

Pires do Rio e Catalão por serem cidades construídas, na época da implantação da estrada de ferro em Goiás, se beneficiaram da modernização, sendo

que, a distância destes municípios é de 107 km, tendo duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos o referido percurso.

Para Venâncio (2008), a região passou por um período de estagnação nos anos de 1950, o que se deu devido à crise ocorrida no setor ferroviário. Estagnação que se estende até os anos de 1970, quando Catalão insere-se no processo de modernização agrícola trazido pela Revolução Verde, que foi a criação e divulgação de novas sementes e práticas relacionadas à agricultura, o que atraiu a mão-de-obra de outras regiões para trabalhar nas lavouras de soja e também nas mineradoras.

Com a integração do território nacional entre as regiões Sul e Sudeste e a região Centro-Oeste, no final da década de 1980, Catalão já contava com uma rede de distribuição complexa e vários centros varejistas e atacadistas, vindos com a reestruturação do setor produtivo no Brasil e as exigências estruturais nos setores bancários, educacionais, vias de transportes e nos comércios.

Para Cândido (CÂNDIDO, 2010, p. 17), “na década de 1990, graças a incentivos do governo estadual, Catalão recebe duas grandes indústrias: uma do ramo automobilístico, a Mitsubishi Motors e outra no ramo de maquinários agrícolas, a John Deere”. O comércio também cresce para atender à população que aumenta e a cidade de Catalão torna-se polo de atração de moradores dos municípios vizinhos, por oferecer infraestrutura educacional e saúde, além de grande oferta de empregos. (VENÂNCIO, 2008).

No entendimento de Borges (1990), Catalão foi uma das primeiras cidades a sentir o impacto da modernização, distinguindo-se das outras cidades goianas, apresentando aspectos urbanos modernos, com rede de esgotos e iluminação pública, bem como seus traços culturais. Fato é que, a industrialização mudou totalmente a paisagem e o estilo de vida dos catalanos do século XX e início do século XXI.

A economia encontra-se entre as maiores do Estado de Goiás: tem uma indústria forte, setor de serviços e comércio bastante desenvolvidos. Hoje, Catalão está na quarta posição em relação à economia do estado goiano, cuja arrecadação vai além de um milhão de reais por mês, assim como tem a quinta maior economia de Goiás devido aos setores econômicos, primário, secundário e terciário.

Percebe-se que, os catalanos são religiosos e a principal festividade popular religiosa do município é a manifestação cultural Congada, realizada há mais de um século, reunindo milhares de congadeiros e turistas de várias regiões do Brasil, durante onze dias.

2.2 FESTA DO ROSÁRIO: A ORIGEM DE UMA FESTIVIDADE CULTURAL

Para compreendermos a manifestação congada em Pires do Rio e Catalão, as transformações dos valores culturais em torno da festa, as influências religiosas e sua origem, recorreremos aos sujeitos que fazem as Congadas nos municípios referidos. Foi aplicado um mesmo questionário para ambas as cidades. Os depoimentos foram realizados por meio de entrevistas orais, procurando com esta prática preservar a maneira própria de cada entrevistado se expressar.

A conversa com cada depoente tinha como ponto de início os assuntos ligados ao conhecimento dele sobre a congada e a história da festa em sua cidade. A partir dos resultados obtidos, foi possível observar, por exemplo, a realidade da festa.

Quadro 1 – Integrante da Congada piresina e catalana.

Nome	Cidade	Idade	Terno	Profissão
Maria J. Costa	Pires do Rio	60 anos	Reinado	Aposentada
Luzia Moura	Pires do Rio	62 anos	Brinco da Princesa	Aposentada
Carlos Silva	Pires do Rio	57 anos	Brinco da Princesa	Aposentado
Gilmar Santos	Pires do Rio	47 anos	Brinco da Princesa	Administrador de Empresa
Valdomiro Silva	Pires do Rio	67 anos	Marujeiro	Aposentado
Jaqueline Gonçalves	Pires do Rio	28 anos	Brinco da Princesa	Comerciante
Maria Rosa	Pires do Rio	68 anos	Reinado	Aposentada
Pedro Gomes	Catalão	71 anos	Prego	Aposentado
Sebastião Dias	Catalão	70 anos	Vilão de Santa Efigênia	Aposentado
Pedro Rui	Catalão	45 anos	Catupé do Rosário	Comerciante
Sebastiana Arraias	Catalão	25 anos	São Francisco	Estudante

Fonte: SILVA, Sandra Inácio da. 2015.

O quadro acima traz informações dos integrantes do Congado em Pires do Rio e Catalão. Todos os entrevistados são devotos de Nossa Senhora do Rosário, sendo que mulheres e homens possuem funções determinadas dentro de cada grupo. A maioria dos congadeiros tem mais de quarenta anos e participam da festa há mais de vinte anos. Os integrantes são motivados a participarem do folguedo pela fé, tradição ou para pagar promessas feitas por alguém da família. Logo, cada congadeiro faz parte de um terno ou somente do Reinado, como acontece em Pires do Rio. Por outro lado, algumas pessoas dançam simplesmente por achar bonito ou por diversão. Entre os congadeiros, a fé é o principal motivo para participarem dos festejos, sendo momento de agradecimento e de fazer promessas ao santo de devoção.

O perfil econômico dos dançadores, hoje, tem maioria de aposentados com a renda de um salário mínimo. Porém, há estudantes, comerciantes e funcionários públicos que trabalham para seu sustento, além de comprar suas indumentárias para a festa do Rosário.

São muitas as histórias relatadas sobre o surgimento da festa do Rosário no Brasil, mas estima-se que, advenha das práticas das congadas vindas da Áfricae, atualmente, “derivam de costumes, crenças, relações e representações sociais de povos africanos” (BRANDÃO, 1987, p. 192). Assim, a origem da Congada de Pires do Rio e Catalão provém de lendas e histórias contadas com diferenciadas interpretações, o que valoriza cada participante dos festejos, ou seja, demonstra a mistura de diferentes culturas.

Em relação ao surgimento da Congada piresina, a senhora Maria José da Costa, por exemplo, disse que, quando começou a fazer parte da Congada conheceu o senhor Antônio Severino, vindo de Minas Gerais, o qual aprendeu lá e trouxe o congo para Pires do Rio. Em sua lembrança busca a origem da Congada, se apropriando de outras memórias, ou seja, não vivenciou a vinda dos pioneiros. O senhor Paulo, acrescenta que, a Congada veio na segunda metade do século XX de outras regiões para Pires do Rio, a partir de 1958. Afirma ainda que, seu Nicolau Gonçalves Filho, devoto da Senhora do Rosário e rei dos Congos na década de 1980 junto com dona Josefina Cândida, vieram de Oliveira-MG, passaram por um tempo em Urutaí, e depois mudaram para o município piresino. Os primeiros ensaios, segundo ele, foram realizados debaixo de folhas de bacuri, cujo primeiro festeiro foi seu Herculano Garcia.

Sendo assim, em outubro de 1962, Nicolau Gonçalves Filho, fundador da Festa de Nossa Senhora do Rosário, juntamente com Joaquim Duque (ambos ferroviários) realizaram a 1ª festa dos congos em Pires do Rio. Começava-se a formar os primeiros ternos de Congada, chegando a ter o número de oito. Percebe-se que, a origem da festa dos Congos em Pires do Rio parece estar relacionada à Congada do estado de Minas Gerais. Segundo Silva (2001, p. 44), “em Minas Gerais, de onde muitas festas e costumes foram trazidos para Goiás, Nossa Senhora do Rosário foi e ainda é bastante cultuada”.

A Congada em Pires do Rio, desde seu início, foi se transformando por meio da junção de pessoas de outras regiões. Com isso, os integrantes foram

alterando elementos da tradição e a dinâmica própria da festa. Em 1968, houve mudanças no congado piresino. Paes (1989) esclarece que,

Em 1968, devido à interferência de elementos da comunidade (políticos) houve uma dicotomia entre os ternos de congo piresinos. Ficando de um lado o Rei Celestino tendo como rainha Maria Francisca Abadia, apoiados pelos padres Franciscanos de Pires do Rio e, do outro lado, ficaram o Rei Joaquim Duque e a Rainha Silvéria (sua esposa) apoiados pela Igreja Católica Brasileira da cidade de Goiandira. (PAES, 1989, p. 147).

A partir da separação entre os ternos de Pires do Rio, o grupo do Rei Celestino auxiliado por políticos piresinos construiu outra igreja em 1970: a Capela de Nossa Senhora do Rosário, na Rua Michel Santinone, 65, no Bairro Santa Cecília. No entanto, o Rei Joaquim Duque permaneceu na antiga Capela de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, localizada na antiga Rua do Cruzeiro, no mesmo bairro. Esta foi fundada em 1966 e erguida num terreno doado por Antônio Rodrigues, morador de Pires do Rio, devoto de Nossa Senhora do Rosário. Sua construção só foi possível devido ao esforço de todos os membros da irmandade e doações para construção da capela.

Durante dez anos, as festividades piresinas foram realizadas nas duas capelas, devido aos conflitos dos grupos. No entanto, esta divisão permaneceu até a morte do Rei Celestino, na década de 1980.

Com a morte do Rei Celestino e mudanças ocorridas no meio eclesiástico de Pires do Rio, os grupos se uniram novamente realizando uma única festa, cujo rei ficou sendo Joaquim Duque. Os congueiros não se adaptaram à igreja nova (embora mais confortável) e a festa continuou sendo realizada na antiga capelinha. (PAES, 1989, p. 147).

Percebemos que, as divisões dentro da Congada não deram certo, tanto é que os ternos se uniram novamente. Até o ano de 1989, os ternos de Pires do Rio eram compostos por 30 integrantes, mas já contaram com 130 componentes, divididos em grupos denominados Moçambique e Congos, distribuídos hierarquicamente de acordo com o posto que ocupem: rei; rainha; general; capitão-mor; 1º e 2º capitão; 1º e 2º sargento; cabo e soldado. Esta era a forma original dos ternos piresinos se apresentarem na festa do Rosário.

Na pesquisa, observamos o deslocamento da Congada de Pires do Rio para diferentes locais da cidade. Na fala do senhor Paulo nota-se essa realidade:

Então ela foi uma festa que migrou para diversos pontos da cidade. (...). A festa teve os seus altos e baixos, né? O primeiro local que se relata era realizada próximo ao bar do seu falecido seu Divino Machado na antiga Rua Soledade. Por ali teve os primeiros manifestos no Bairro Santa Cecília. Posteriormente, depois alguém da família do Zé Abdala foi festeiro e esta festa foi para o Colégio Sagrado Coração de Jesus, no centro. Passando alguns anos voltando mais ou menos para aqueles redutos onde teve seu início. Sempre ela foi uma festa mais do bairro Santa Cecília. (Paulo Cesar Sampaio. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015).

E, por fim, no ano de 2014, por determinação do Corpo de Bombeiros, foi transferida novamente para outro espaço: o Bairro Tancredo Neves por ter ruas largas, mais espaço, longe das moradias, tendo maior segurança em caso de acidente. Está próxima ao Batalhão do Corpo de Bombeiros e ao lado do parque Agropecuário. O importante é observar que, a festa sempre ficou voltada para o bairro de seu início, porque é ali que fica a Capela Nossa Senhora do Rosário e o Salão do Rosário, construídos especialmente para a realização da festa. Sobre estas mudanças, o senhor Paulo se diz a favor de mudanças, desde que a festa não acabe.

A senhora Maria das Dores (nome fictício) fala da transferência de local e da importância da Congada. Esta depoente é membro da comunidade piresina e moradora de uma das ruas, onde era realizado o festejo até o ano de 2013. Relata-nos, com tristeza, sobre a mudança e diz que, sendo idosa, já com 70 anos, não consegue ir aonde a festa é realizada. Para ela, a Congada faz parte do seu bairro, pois a movimentação das barraquinhas e dos congadeiros alegravam o ambiente, ressaltando que, “eles não deveriam ter tirado a festa daqui. Eles deveriam saber nossa opinião antes de mudar para lá. Pois tem mais de 45 anos que faz neste bairro: o Santa Cecília” (Maria das Dores. Entrevista, Pires do Rio, junho, 2015). Apreende-se que, a transferência não foi aceita somente pela comunidade, mas também pelos que participaram desta festividade.

A senhora Rosângela M. (nome fictício) moradora do mesmo bairro, também não concordou com a transferência, porque a primeira festa da Congada foi realizada ao lado de sua residência, onde tudo começou e, segundo ela, todos naquele bairro já estavam acostumados com o movimento da festa. “Nesta rua era a explosão da Congada, aqui é onde tudo começou, na antiga Rua do Fogo. Nossa festa está acabando, era aqui, agora já passou lá para o outro lado da cidade”

(Rosângela M. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015). É perceptível na fala dos entrevistados a indignação pela mudança do local da festa, haja vista ser uma tradição por mais de 53 anos no mesmo bairro, o que de certa forma, essa transferência de espaço demonstra o descaso com a memória dos moradores e dos componentes da festa.

Em relação às festividades em Catalão, o senhor Pedro Gomes (nome fictício) diz que a gênese da festa na cidade se baseia em duas histórias: a formal e aquela conhecida pelos antigos congadeiros. A história oficial baseia-se na vinda dos escravos de Minas Gerais para trabalhar nas fazendas de café e nas minas dos seus senhores, a partir do século XIX. Esses escravos traziam sua devoção à Nossa Senhora do Rosário e realizavam seus cultos africanos por meio da Congada. Os integrantes da congada de Catalão resgatam o universo lúdico da festa como um mito de origem ou a certeza de que veio da África com os escravos. O senhor Sebastião Dias (nome fictício) tem certeza e convicção, de que a Congada veio com os escravos: “a festa veio de Minas Gerais, que veio de Ouvidor, que veio de Três Ranchos, veio apanhar café aqui e veio pra cá, e foi formando o congado de Catalão, através das famílias africanas” (Sebastião Dias. Entrevista. Catalão, julho, 2015).

De acordo com o senhor Sebastião Dias (nome fictício), a Congada de Catalão é um espetáculo, não encontrado em outro lugar do Brasil e foram os ancestrais da África, que trouxeram a Congada para os catalanos tomar conta. Neste momento da entrevista, o depoente se entristece ao dizer que as pessoas estão mudando os rituais da Congada, pois antigamente havia mais fervor, emoção e entusiasmo ao sair nas ruas para visitar as pessoas. Perderam a essência desta festa, que é relembrar nossos pais e irmãos da África.

De acordo com o senhor Pedro Gomes, as primeiras festas do Rosário de Catalão foram realizadas na Rua Saturnino de Castro, que antigamente era conhecida como Rua da Bananeira, Rua da Capoeira ou Rua dos Pretos. “Então ela começou aqui em novena, rezando as novenas. Depois é que ela foi lá pra velha Matriz”. (Pedro Gomes. Entrevista. Catalão, julho, 2015). O senhor Pedro fala que, sem documentos a Congada de Catalão tem mais de duzentos anos de existência, mas com registro comemora-se somente 138 anos, sendo que, antigamente, eram os coronéis e os padres que comandavam a festa.

A senhora Sebastiana Arraias (nome fictício), de 25 anos, moradora e participante ativa da Congada de Catalão, diz que o local, onde é realizada a festa é

o melhor espaço da cidade. É um lugar de fácil acesso, perto da Igreja e da Praça do Rosário, além de ter o Museu das Congadas para os visitantes compreenderem melhor a tradição de mais de 137 anos na cidade: “Desde quando comecei a andar, minha mãe me levava para assistir a procissão de Nossa Senhora do Rosário, daí então não perdi nenhuma festa. Participo da Congada e levo meus filhos para dançar comigo” (Sebastiana Arraias. Entrevista. Catalão, julho, 2015).

As origens desta manifestação cultural em Pires do Rio e Catalão são histórias passadas de geração a geração, fazendo preservar e manter viva sua tradição. Para finalizar a questão da origem das congadas nos dois municípios, as informações de Vasconcelos (2007) baseadas em lendas fundamentadas em aspectos religiosos, apontam que,

Há algumas lendas ou histórias contadas pela maioria dos congadeiros sobre a origem das danças em louvor a Nossa Senhora do Rosário. Uns contam que a Virgem do Rosário apareceu em uma gruta; outros dizem que apareceu no mar e o padre e as pessoas do local tentaram levar a imagem para a igreja. Várias tentativas foram feitas, entretanto a estátua desaparecia do altar e voltava para o lugar onde estava antes. Homens vestidos de Congos e outros de Moçambiques fizeram uma procissão e, cantando e dançando até a igreja, levaram a imagem, colocando-a no altar. A efígie não mais voltou para a gruta, ou para o mar. (VASCONCELOS, 2007, p. 39).

Informações desta natureza também estão presentes na fala da senhora Maria José, que faz memória sobre o surgimento da Congada do município piresino e os motivos que levaram os devotos a tornar Nossa Senhora do Rosário asanta homenageada da festa até os dias atuais. A Congada está diretamente relacionada à fé e devoção a Nossa Senhora do Rosário e quem já participou e participa deste universo cultural se lembra do surgimento:

A Nossa Senhora do Rosário ela foi levada pra Igreja pelo Congo, mais aí, aí, ela sumia lá da Igreja e voltava pro mesmo lugar que achava ela, sabe lá na gruta né. Aí enquanto o Moçambique não foi buscar ela pra Igreja, ela não ficou na Igreja, então é por isso que o Moçambique é o dono da coroa né. (Maria José da Costa. Entrevista, Pires do Rio, junho, 2015).

Desta forma, a festa da Congada exerce o papel de unir as pessoas ao redor de vários pontos em comum: a fé, o mito e a religiosidade. Segundo Brandão (1985), mesmo que se renovem os termos e as relações do mito de origem, sempre se mantém a crença e os motivos consagrados pela fé e, principalmente, pela tradição local. Assim, em Pires do Rio e em Catalão a sociedade e os fiéis têm em sua memória a relação de Nossa Senhora do Rosário com a Congada.

Todos os participantes da Congada, por outro lado, sabem e reconhecem o significado da Festa e garantem que Nossa Senhora do Rosário foi protetora dos negros na época da escravidão e está sempre protegendo a festa. A senhora Maria José comenta sobre a importância fundamental que o terno Moçambique representa dentro das Congadas de Pires do Rio: “Porque o Moçambique não pode ficar, não pode fazer a festa sem ele, né? Porque ele é o dono da Coroa. Ele é que dirige a Coroa quando agente vai entregar a Coroa” (Maria José da Costa. Entrevista, Pires do Rio, junho, 2015). Isto porque, conforme a lenda, os negros divididos em Congos e Moçambiques foram cantando e dançando até a gruta, mas somente o terno de Moçambique conseguiu tirar a santa da gruta.

A depoente afirma que, ao final da procissão, o terno de Moçambique tem a função de conduzir a coroa e o responsável por proteger o Reinado. “(...). Assim, os moçambiqueiros se intitulam ‘guarda da coroa’, mais do que ‘guarda dos reis’” (...) (BRANDÃO, 1985, p. 60). Ressalta que, sem a presença dele não pode realizada a festa, porque é tradição em Pires do Rio: “E hora de ir pra Igreja ele vai e cantando ne, vamos levar coroa, vamos levar a coroa, vamos levar a coroa, de Nossa Senhora, nós vamos colocar lá no altar a coroa de Nossa Senhora” (Maria José da Costa. Entrevista, junho, 2015).

A partir daí, Nossa Senhora passou a ser festejada pelos fiéis no município com louvores, procissões, fé, devoção, promessas e agradecimentos por bênçãos recebidas. De acordo com Brandão (1985), em Catalão o mito mais conhecido e a versão mais simples entre os participantes da Congada é:

Uma Nossa Senhora do Rosário é encontrada no deserto; e algumas pessoas resolvem dançar para a santa; e os congos dançam, a santa sorri e não os acompanha; os Moçambique dançam, a santa os acompanha e é colocada em uma igreja; e novamente a santa retorna ao seu lugar no deserto e ali, é feita uma igreja no local onde a santa foi encontrada. (BRANDÃO, 1985, p. 83).

O Moçambique e o Congo são respeitados dentro das festividades não só em Pires do Rio, mas também em Catalão. Segundo o senhor Pedro, o Moçambique e os Congos são uma modalidade séria. Assim, a tradição e os mitos da Congada são transmitidos de geração a geração, consoante relato de dona Luzia: “Há muitos anos ouço os antigos falar dos Moçambique. Se você passa perto deles quando está tocando, você arrepiada da cabeça aos pés. A batucada e a música dele são contagiantes e todos que estão ao lado deles começam a dançar”. (Luzia Gonçalves de Moura. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015). A depoente, em certo momento,

fica com o semblante mais sério ao falar que o Moçambique tem duas tradições: primeira, é que ninguém pode entrar no meio deles, quando estão tocando e segunda, é que eles usam derrubar outros ternos. Afirma ainda que, o Moçambique é o mais forte dentro das Congadas, por isso, só é permitida a coroação do festeiro, quando a coroa é conduzida pelo terno de Moçambique, pois os congos são subordinados a eles.

2.3 RESISTÊNCIA DE UMA TRADIÇÃO E OS SUJEITOS QUE FAZEM AS CONGADAS

É essencial destacar que a tradição não é entendida aqui como algo estático, mas dinâmico, que se altera; por isso mesmo, mantêm-se como tradição, porque se renova e se reproduz. Entendemos que, em Pires do Rio e Catalão houve maneiras de manter e preservar a tradição através de mudanças no ritual, uma vez que “(...) A congada é um fruto histórico-cultural que sofre em sua dinâmica, mudanças advindas da transposição dos costumes e tradições. (...)” (SILVA, 2012, p. 32).

A Congada, em Pires do Rio, acontece no mês de outubro, porém não tem data específica para ser realizada, pois seu início depende do término da festa do Rosário de Catalão, pois tanto os congadeiros catalanos, quanto os barraqueiros participam das festividades no município piresino. “Por isso sua ocorrência oscila entre dia 9 e 25 de outubro sendo sua duração de 10 dias consecutivos” (PAES, 1989, p. 143).

Para compreendermos a percepção dos sujeitos frente às Congadas, primeiramente analisaremos a entrevista do senhor Paulo César Sampaio, conhecido como Paulinho, gestor da Casa da Cultura de Pires do Rio, atual secretário da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, que atua no papel de coordenador de atividades folclóricas. A escolha por esse depoente se deu por ele trabalhar na organização da Congada há mais de vinte e cinco anos, sendo assim, conhecedor das diferentes fases do movimento e dos diversos problemas enfrentados pela Irmandade do Rosário.

Eu tenho a Irmandade um grande apreço dentro de minha vida. Trabalho dentro destes cunhos religiosos a mais de trinta anos né. Dentro da parte da música também na Igreja católica e... mas fiz parte de diversos movimentos, mas me identifiquei mais com a própria Irmandade de Nossa Senhora do Rosário que trabalha com a Congada, né? (Paulo Cesar Sampaio. Entrevista, Pires do Rio, junho de 2015).



Figura 2 – Paulo César Sampaio, gestor da Casa da Cultura de Pires do Rio.
Fonte: Acervo da Autora.

Como podemos observar, sua narrativa relata a alegria e satisfação de fazer parte da Irmandade do Rosário, porque desenvolve atividades festivas relacionadas à organização das Congadas, onde a sociabilidade e a interação entre os participantes acontecem independente de religião ou cor. Brandão (1985) esclarece que, “a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário é um território de irmãos, onde uma ideologia de fraternidade rompe com todas as barreiras do preconceito racial em um comportamento festivo e religioso”. Desde a época da colonização, as Irmandades fazem-se ativas nas realizações deste festejo da cultura trazida pelos negros africanos.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, foi fundada em Pires do Rio no dia 1º de outubro de 1962, a Irmandade atuou até 14 de setembro de 1966 com estatutos provisórios, só então teve o seu estatuto oficializado segundo fls. 90 V 91, sob o n. 235 do livro B-4 do Cartório do 2º Ofício da cidade de Pires do Rio. (PAES, 1989, p. 150).

A partir deste período até os dias atuais, a festa de Nossa Senhora do Rosário tornou-se uma tradição em Pires do Rio. Está inserida dentre as festas mais tradicionais da cidade, as quais atraem indivíduos de várias partes do país: São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Urutaí, Orizona, Palmelo, Goiandira, Catalão, dentre outros.

Em Catalão, um dos responsáveis pela organização das Congadas, é o senhor Alcalino de Almeida, que também trabalha no Museu das Congadas. Ele colabora com a decoração do altar e faz os andores, além de realizar a decoração do rancho por mais de quinze anos. Este depoente foi escolhido por ser conhecedor das histórias das Congadas de Catalão. De acordo com ele, neste ano a festa completará cento e trinta e nove anos de existência e contará com a participação de vinte e um ternos de congos, totalizando mais de três mil dançadores.

Anualmente, a festa do Rosário em Catalão sempre acontece a partir do segundo domingo do mês de outubro, em que a participação do sagrado se dá lado a lado com o profano, durante a festa religiosa. Os momentos festivos acontecem em frente e nas proximidades do largo da Praça Rosário, onde são instaladas as áreas de comércios que contam com barraquinhas que comercializam roupas, brinquedos, sapatos, perfumes, bijuterias, vasilhas de plástico e de alumínio, materiais religiosos. Além disso, o Ranchão, onde acontecem os leilões, shows e venda de vários tipos de alimentos e bebidas. Os momentos religiosos são novenas, rezas, missas realizadas na Igreja do Rosário e a procissão que percorre várias ruas da cidade. O senhor Alcalino comenta que cada parte da festa possui seus organizadores:

A Irmandade do Rosário é responsável pela parte folclórica com apresentação das Congadas, os festeiros são responsável pela parte festiva, que é o ranchão, preparação da comida que é o almoço, café d amanhã dos dançadores e a Igreja Católica, é responsável pela celebração das missas, terços e novena se o bispo vem no último dia da festa. (Alcalino Bertoldo de Almeida. Entrevista. Catalão, julho, 2015).

Conforme a entrevista acima, para a realização da Congada são várias as pessoas à frente de sua organização, bem como os órgãos públicos, os voluntários e os congadeiros, que são os principais atores desta festa.

São vários os motivos pelos quais os piresinos e catalanos participam dos festejos e são devotos dos santos presentes na manifestação Congada: a tradição familiar, a devoção ao santo homenageado, a promessa feita por parentes ou pela própria pessoa, a religião, a vontade de estar com amigos ou companheiros.



Figura 3 – Maria José da Costa e seu esposo o general da Congada piresina.
Fonte: Acervo da senhora Maria José da Costa.

A foto acima registra a senhora Maria José da Costa ao lado do seu esposo Toinho, general da Congada de Pires do Rio. A foto é de 2004 e foi tirada na sala de sua residência. Na imagem, o casal está uniformizado com roupas brancas e a mulher usando um chapéu com os dizeres: Senhora do Rosário, com uma cruz ao centro, indicando sua devoção pela santa. Ele está com o uniforme de general e usa um quepe com as cores preta e branca, esta significando que faziam parte do Terno de Moçambique, o qual tinha na cidade.

A senhora Maria José da Costa é participante da Congada de Pires de Rio desde a década de 1980, foi madrinha do terno Brinco da Princesa, sendo também esposa do general da Congada já falecido, o senhor Toinho. Ela tem um papel importante dentro da congada piresina, pois tem a manifestação cultural como parte de sua vida, tanto que, ao fazer contato com a depoente, surpreendeu-nos sua alegria e satisfação em participar da entrevista. No dia e horário marcados, quando chegamos em sua residência já estava vestida com roupas brancas e na sala de sua casa estava tudo preparado para trazer à memória o que havia vivido na Congada: as fotografias expostas na mesa, o pequeno som e os CDs selecionados com as músicas preferidas sobre as Congadas estavam colocados

no cantinho do sofá. Assim, nos relatou o que representava a Congada em sua vida: “Uai, a Congada para mim representa muita coisa boa. Representa Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia. Porque tudo que eu peço pra ela eu tou valida. A minha devoção cm ela é muito grande”. (Maria José da Costa. Entrevista, junho, 2015).

Ao tomar parte da Congada, os fiéis não participam fortuitamente. Brandão (1985) ao abordar as Congadas de Catalão ressalta que, “se firma uma espécie de pacto com a Santa, que se estende entre a graça concedida pela Nossa Senhora do Rosário e as músicas em sua homenagem sob a forma de cantos e dança independente de sua cor ou raça”. Nota-se este pacto com a senhora do Rosário, na fala do senhor Pedro Rui (nome fictício), um atuante do terno Catupé de Catalão. De acordo com o depoente, a festa é importante, porque representa a continuidade de uma tradição e uma devoção de seu pai tinha com a Senhora do Rosário: “as Congadas para mim, significa devoção, alegria, e momentos de relembrar os costumes dos irmãos africanos. É muita emoção ver tantos dançadores reunidos ao mesmo tempo” (Pedro Rui. Entrevista. Catalão, julho, 2015). A fala do senhor Pedro deixa clara a importância da congada para a cultura e para a identidade dos negros catalanos.

O Sr. Paulo relata o significado da festado Rosário para ele: “eu entendo a festa do Rosário, como ciclo ne? Que se dá no Brasil durante mês de outubro. O ciclo do Rosário, onde a Igreja celebra o mês do Rosário que é o mês de Outubro. Esses povos se junta para celebrar a festa em homenagem aos santos de cor negra: a Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Ifigênia né” (Paulo Cesar Sampaio. Entrevista, junho, 2015). Seu depoimento deixa transparecer a fé e a emoção em relação à santa, que faz parte de sua devoção, a qual se faz presente na Congada piresina.

Nossa Senhora do Rosário é uma santa conhecida nas festividades da cultura popular, tendo um enorme número de devotos em todo país. Exemplo desta realidade são as muitas Igrejas batizadas com seu nome espalhadas pelo Brasil e o fato de ter sido escolhida entre os negros para ser a santa padroeira (DEUS e SILVA, 2002, p. 35). Devoção presente no relato do senhor Carlos Silva (nome fictício), que foi soldado das Congadas de Pires do Rio, depois passou a ser capitão e principal membro do terno Brinco da Princesa, o último terno formado por

dançadores piresinos, do qual é ex-capitão. Está inserido nesta manifestação há mais de quarenta anos por tradição familiar:

A Congada pra mim é devoção e fé. Não tenho palavras para descrever. Está dentro do meu coração. Mas pra você entender um pouquinho, ela significa a raça negra, a música, a dança, a alegria e o som da batucada que vai à nossa alma. A Congada é nossa identidade. (Carlos Silva. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015).

Conforme o depoente, a Congada é uma mistura somente de boas vibrações, alegria e fé, quando está no meio da festividade. Esta devoção acabava por ajudar para a preservação e permanência deste folguedo em Pires do Rio, além de significar a identidade dos negros, quando estão nas ruas, mostrando um pouco dos ritos africanos. “A construção da identidade do negro brasileiro é também um reconhecimento da história, da valorização cultural e da sua importância como ser humano”. (FREITAS, 2013, p. 112).

É perceptível esta realidade na vida e nas experiências do senhor Sebastião Dias (nome fictício), que possui um terno em Catalão. Seu pai foi um dos primeiros congadeiros da cidade, vindo do Estado de Minas Gerais, em 1948, quando fundou um terno, hoje denominado Vilão Santa Ifigênia, o qual seu Lázaro tem orgulho de conduzir todos os anos. Este terno foi registrado em 1954, possui quarenta e nove bandeirinhas e oitenta dançadores. As indumentárias deste terno são constituídas por camisa rosa, calça preta e uma faixa na cintura com as cores azul, roxo e branco.

Para mim, as Congadas é o elo do negro com a santa, significa uma satisfação, que dinheiro não paga. Entrei nas Congadas, porque foi meu pai que fundou o meu terno que é o Vilão de Santa Ifigênia. Tenho orgulho de fazer parte da Congada. Antigamente, quando meu pai fundou chamava Joaquim Coelho da Silva. (Sebastião Dias. Entrevista. Catalão, julho, 2015).

O referido depoimento demonstra que a Congada tem o poder de unir e de formar identidades por meio de mitos e ritos sacralizadores e despertadores do sentimento de integração de irmãos na fé e no orgulho de ser congadeiro. A casa do senhor Sebastião é completamente pintada na cor rosa e ao ouvir suas narrativas descobrimos o motivo de sua moradia ser diferente das outras casas do bairro. É uma homenagem às cores do seu terno que, segundo o depoente, está marcada na trajetória de anos de experiência.

Esta atitude revela que as Congadas vão além do aspecto religioso, pois influenciam comportamentos de outra natureza e contagiam as pessoas independentes de cor, idade e situação financeira, como se nota na história da senhora Maria Rosa (nome fictício). Dona Maria Rosa, preserva em sua vida momentos que jamais serão esquecidos. Participa desta tradição há mais de cinquenta anos, faz parte do Reinado de Pires do Rio, foi eleita princesa no ano de 2014, representando a Irmandade do Rosário: “Gosto da festa e enquanto Deus me conceder saúde, estarei cantando, dançando e fazendo minhas preces para a Senhora do Rosário. Estou aqui para ajudar no que for preciso”. (Maria Rosa. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015).

Observamos esta realidade na história do congadeiro Pedro Gomes, 71 anos, pedreiro aposentado e natural de Catalão, que participa da Congada catalana por mais de 52 anos. É filho do saudoso Geraldo Arruda, conhecido como “Prego”, pioneiro da festa em Catalão e fundador do terno em sua homenagem: Prego. O Pedro Gomes é o primeiro capitão do Terno Prego, o qual nos recebeu com satisfação e alegria na varanda de sua casa. Iniciou sua narrativa de vários anos nas Congadas de Catalão, expondo que tem prazer e satisfação em falar da trajetória da festa em sua vida. Sobre a mesa estavam os documentos e livros de atas da Irmandade do Rosário, que confirmam as histórias por ele relatadas.

O depoente afirmava alegremente que desde bebê ainda na barriga de sua mãe já dançava nas Congadas, pois a festa sempre fez parte de sua família. Foi sobrinho do primeiro general dos Congos, conhecido como capitão Geraldo; seu irmão foi três vezes presidente da Irmandade do Rosário e seu pai antes de falecer, entregou o terno Congo Prego para o depoente zelar e comandar.

As cores azul, branco e vermelho do uniforme do Terno Prego, que representam as cores de Nossa Senhora do Rosário, foram escolhidas por seu pai. Este terno tem mais de sessenta anos de existência, possui mais de trinta integrantes. Assim, por meio da prática do congado é possível notar a importância deste folgado na vida de quem dele participa ou de quem já participou.

Sua percepção sobre as Congadas de Catalão nos leva ao pensamento de Bosi (1994), ao esclarecer que uma riqueza e uma diversidade, a qual não conhecemos, podem chegar-nos pela memória dos velhos. Histórias que os mais jovens não vivenciaram, porém podem ser compreendidas por meio do passado.

No caso do senhor Gilmar Gabriel dos Santos, conhecido por Parafuso, ex-congadeiro, casado e morador de Pires do Rio, seus relatos trazem o significado da sua participação nos espaços desta festividade cultural. Quando paramos o carro em frente à sua casa, ele já nos esperava na calçada. Entramos, sentamos no sofá e tranquilamente o depoente tornou-se narrador de sua história, rememorando alguns trechos de sua inserção na festa. Consoante o depoente, seu pai desde adolescente já participava da congada em Minas Gerais. De lá mudaram-se para Catalão, depois vieram para Pires do Rio e devido a importância do ritual em suas vidas, continuaram a tradição em terras piresinas.



Figura 4 – Gilmar Gabriel dos Santos, relatando a história das Congadas de Pires do Rio.

Fonte: Da autora.

O depoente acrescenta a esta história, como se tornou integrante perseverante da Congada: “nesta época eu estava com uma enfermidade, eles chamam de íngua né, na perna. E meu padrinho e meu pai receberam um convite para levar a Congada para se apresentarem em Goiandira. Mas minha mãe não quis

deixar eu ir, falou que eu não ia. Aí, eu insisti, insisti, porque já tava integrado, gostando né?” (Gilmar Gabriel dos Santos. Entrevista, Pires do Rio, junho, 2015).

O padrinho do senhor Gilmar era o capitão do Congo de Pires do Rio, senhor Antônio Severino, o qual acreditava que a Senhora do Rosário poderia curar seu afilhado, se ele fosse dançar e tocar nas congadas de Goiandira. O capitão e seu pai insistiram com a mãe para que o deixasse ir, a qual aceitou. Ao chegar em Goiandira, as pessoas ajudaram o senhor Gilmar a descer do caminhão, pois já fazia três dias que não conseguia andar e o colocaram em uma cadeira para assistir à festa. Mas para a surpresa de todos, o senhor Gilmar levantou-se e foi participar da festividade. Quando a festa terminou, já não sentia nenhuma dor e não tinha febre. Para ele, a intercessão de Nossa Senhora do Rosário pela sua saúde foi considerada um milagre.

Observa-se que o envolvimento e comprometimento do senhor Gilmar com a manifestação cultural congadas, se deu por meio da tradição de alguns membros da família e pelo milagre recebido. Para Brandão (1985, p. 89), “a situação da promessa atualiza o mito de origem da Congada. Parte-se da idéia de que Nossa Senhora do Rosário existe, [...]. A presença do ‘brincador’ no terno é um compromisso que não se esgota depois do cumprimento de uma promessa”.

Mas, quando perguntado quanto tempo ainda permaneceu fazendo parte da Congada, ele faz uma ressalva: “eu fazendo parte do terno de Congo, eu fiquei mais seis anos, depois dos nove anos fiquei até quatorze anos. Aí, depois quando agente é, deu certa idade, continuei ajudando meu pai”. (Gilmar Gabriel dos Santos. Entrevista, Pires do Rio, junho, 2015). Na verdade, as pessoas que dançam na Congada têm devoção e fé na Senhora do Rosário, sendo atores desta representação sociocultural e religiosa.

O senhor Valdomiro Ferreira da Silva, aposentado, 70 anos, começou a dançar nas Congadas em 1968, sendo um dos primeiros congadeiros de Pires do Rio, permanecendo até 1984. Emocionou-se ao falar das Congadas: “naquela época, quem era o festeiro era o Patureba e sua família. Já dancei muitas vezes, entrei nas Congadas porque achava bonito, era tudo perfeito no início, era uma coisa mais bonita que tinha na cidade”. (Valdomiro Ferreira da Silva. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015).



Figura 5 – Valdomiro Ferreira da Silva, foi um dos pioneiros da Congada em Pires do Rio.

Fonte: Da autora.

O senhor Valdomiro participou de dois ternos: o primeiro foi do seu cunhado e era chamado de Brinco de Ouro, na década de 1960 e 1970 e o segundo era do seu Wilton Teixeira (Marujeiro), já na década de 1980. Neste terno, era o 2º capitão, além de tocar caixa. Durante a entrevista, falou várias vezes que a Congada é uma tradição importante do município piresino: “estou disposto a retornar se houvesse mais pessoas responsáveis pela sua organização. Eu voltaria para a Congada e formaria um terno” (Valdomiro Ferreira da Silva. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015).

Em sua narrativa fica claro o desejo para voltar a fazer parte da Congada, pois ainda guarda em sua casa as roupas usadas no desfile, o boné e o seu caixa, tendo orgulho em dizer que foi ele quem fez. Assim, a Festado Rosário é uma manifestação cultural de origem negra, na qual as pessoas se identificam e são atraídas pela fé na santa. A memória é fundamental para a compreensão da identidade, seja individual, seja coletiva, e ela vem sendo buscada nas festas populares, a exemplo, a Congada.

A fala da senhora Maria José relata o que a fez adentrar no contexto da congada piresina, porque ainda continua trabalhando e participando fervorosamente,

além de levar seus três netos, seu filho e sua nora: “é porque, foi assim antes deu conhecer o meu marido que era General. Eu não conhecia Congo”(Maria José da Costa. Entrevista, Pires do Rio, junho, 2015). Ela ainda fala da alegria e satisfação em participar desta festividade:

Esta festa do Congo tem vinte e oito anos que eu tô dentro dela e gosto muito, enquanto Deus me der vida e saúde e as pernas boas pra andar eu vou, eu tô junto. Eu da onde de quando eu comecei, que entrei eu gostei e to aqui até hoje e, faço parte da Irmandade do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. (Maria José da Costa. Entrevista, Pires do Rio, junho, 2015).

Ela acrescenta que, quando conheceu o general do Congo Toinho, ele a convidou a fazer parte da Irmandade e ajudar na organização da festa. Ela gostou e começou a conhecer o que realmente era a tradição Congada. Afirma que, quando começou a dançar na década de 1980, existiam dois ternos: o Brinco da Princesa e o Moçambique e dois generais: o Josué e o seu esposo. O Josué faleceu e depois de quatro anos, seu marido também veio a falecer. Neste momento da entrevista, a senhora Maria José parou de narrar por alguns instantes por lembrar-se de seu esposo.

O ato de escutar nos dá várias possibilidades de pesquisa, sendo possível observarmos o sentido que nosso entrevistado confere aos acontecimentos vivenciados por ele. Esta relação de narrar e escutar nos aproxima do objeto que nos fornecerá subsídios fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. Ao mesmo tempo em que concentramos nossa intenção nos entrevistados, eles se sentirão mais à vontade, não para dizer aquilo que queremos ouvir, mas sentir prazer em esconder nos silêncios aquilo que eles acreditam que gostaríamos de ouvir.

Vimos no depoimento da senhora Maria da Costa que a festividade em Pires do Rio de alguma maneira interage, contagia e transforma de forma direta ou indiretamente as pessoas participantes deste folguedo. Esta tradição sociocultural está gravada na memória de quem participou e daqueles que ainda participam da festa. O senhor Gilmar ressalta que ao aproximar o mês de outubro sempre estava ao lado de seu pai, ajudando na organização da festa, nos ensaios dos ternos e na música: “Aí toda época tinha aquele negócio de ter que ir cortar folha de bacuri pra fazer barraca. E eu estava ali, do lado do meu pai, porque percebia que ele estava bem, em participar da Congada”. (Gilmar Gabriel dos Santos. Entrevista, Pires do Rio, junho, 2015).

Com esta declaração o depoente nos faz entender que a Congada não se resume aos dias da Festa, mas antecede nos preparativos, na organização das barracas, nos ensaios, entre outros. Seu pai, João Gabriel, foi ativo na Congada piresina, sendo soldado, capitão e general. Brandão (2004) argumenta que,

No sistema rigidamente hierarquizado de um terno de congos, o comando é entregue a um capitão. Sob suas ordens e podendo eventualmente substituí-lo durante os ensaios ou as saídas do terno, estão os suplentes. Esse nível de comando, capitão-suplente, costuma ser segundo e, em certos casos, um terceiro e mesmo um quarto. Eles também podem ser chamados de capitães-suplentes. O grosso da tropa de um terno é formado de soldados, conhecidos entre si mesmos mais como brincadores. Entre os soldados há uma hierarquia menos definida. (...). (BRANDÃO, 2004, p. 76).

De acordo com o autor, há organização no comando de um terno, pois os capitães juntamente com seus suplentes estão ali para manter a ordem nos ensaios e na época da festa. Para inclusão e promoção no terno, “são verificadas primeiro pelo conhecimento da conduta social do candidato, depois pelas qualidades do brincador como devoto e como figurante ritual do terno” (BRANDÃO, 2004, p. 77). Deste modo, qualquer pessoa pode fazer parte da Congada, desde que tenha uma boa relação com o próximo, saiba dançar e seja compromissado com a festa.

As culturas populares, como as congadas, são manifestações que fazem parte da identidade daqueles que, de alguma forma, colaboram para a preservação desta tradição. Como se percebe na história da senhora Luzia Gonçalves de Moura, 60 anos, aposentada e participante das festividades de Pires do Rio há mais de 30 anos. A depoente já foi princesa do terno Brinco da Princesa, além de ter ajudado em outras atividades.

Ao entrar em sua casa, percebi que estava tudo pronto para o início de sua história: o vestido que usara como princesa, várias fotografias em sua mão e a casa arrumada. Dona Luzia relata-nos que entrou para o universo das Congadas, porque um amigo a convidou por falta de negros para compor o terno Brinco da Princesa: “Porque as Congadas é o seguinte, entra mais é negro né? Mas como não tá tendo negro pra dançar, colocava o branco pra aumentar o terno de congo. Entrei gostei e ano passado estava na festa”. (Luzia Gonçalves de Moura. Entrevista. Pires do Ri, junho, 2015).

A dona Luzia diz que o cortejo é a parte mais importante da festa em Pires do Rio, porque é nas ruas, que a comunidade pode ver a importância da cultura negra. É uma maneira de chamar a atenção de todos, não importando a idade,

religião ou poder aquisitivo. “Sou branca, mais tenho orgulho de fazer parte desta festividade. Tanto é que guardo meu vestido de quando fui princesa e as fotografias do terno Brinco da Princesa, foi uma época muito boa”. (Luzia Gonçalves de Moura. Entrevista. Pires do Rio, Junho, 2015).

Em relação à inserção do branco na Congada, o senhor Lázaro disse que antigamente a festa era de negros, porém, hoje, não é mais, porque tem mais brancos do que negros. De opinião semelhante, o senhor Pedro diz que, “não tem como excluir, tem gente da pele mais clara, mais os pais é negro. Porque casou com branco, fez uma mistura. É difícil uma pessoa negra casar com negra. É uma mistura, porque o sangue correndo na veia é do negro”. (Pedro Gomes. Entrevista. Catalão, julho, 2015).

Os próprios congadeiros dizem que a maior participação de brancos tem descaracterizado a festa, porque no início era somente de negros. De acordo com Brandão (1985), os brancos de uma forma ou outra sempre ajudam no planejamento e organização das festividades, além de bater caixa.

2.4 O REINADO, A MUSICALIDADE E OS INSTRUMENTOS DA CONGADA

Na tradição congada, que homenageia Nossa Senhora do Rosário em Pires do Rio e Catalão, há características marcantes que a diferencia de outras festas populares, como as cavalhadas, o carnaval, a folia de reis, dentre outras. Esta distinção é observada, porque se trata de um ritual de origem africana, mesclado com o catolicismo; o sincretismo religioso está presente nos rituais e esta tradição possui uma hierarquia familiar, não presente nas demais festas, a qual é chamada de Reinado e escolhida pela Irmandade do Rosário:

O primeiro Rei Congo e a Primeira Rainha foram: dona Augusta foi a Rainha e o Celestino que era o marido dela que foi o primeiro Rei Congo em Pires do Rio. E, posteriormente com a morte do Rei Celestino, o filho dele, o João Bonito que era o João Fernandes, passou a assumir o lugar dele. Depois vieram outro Reinado que é o Rei Joaquim Duque e a Rainha Silvéria, né?. (Paulo Cesar Sampaio. Entrevista, Pires do Rio, junho, 2015).

No depoimento fica evidente que os integrantes do Reinado da Congada de Pires do Rio foram formados por meio de uma hierarquia familiar. Não eram obrigados a participar das festividades, faziam por ser tradição e pela devoção a Senhora do Rosário. O rei e a rainha da congada são permanentes, só deixam o

trono se morrerem ou por serem muito idosos, não podendo acompanhar os diferentes momentos da festividade. “Seu Nicolau morreu Rei. E o Reinado ficou sobre a família dele. Sua irmã, dona Abadia, é a atual Rainha há mais de cinquenta anos” (Paulo Cesar Sampaio. Entrevista, Pires do Rio, junho, 2015). Isto é, todos os irmãos e filhos do seu Nicolau Gonçalves Filho foram reis. Como não tinha mais irmãos, após a morte de Pedro Nicolau, seu filho, a dona Abadia enviou um documento à Araguari, para que fosse aclamado um novo rei, o qual foi Francisco Garcia, que veio a falecer.

Depois do senhor Francisco Garcia, o Sr. Juscelino Onofre foi aclamado Príncipe e, posteriormente, assumiu o trono como rei, atualmente fazendo parte do Reinado piresino. Brandão (2004) discute que, a Congada, com seus ternos e rituais, reinado, reis e cortejos, é a face visível, simbólica e cerimonial da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

No ano passado, ocorreu um fato importante no Reinado de Pires do Rio. Foram instituídos dentro da família real alguns membros para possíveis sucessores. Foram aclamadas as novas princesas, pois, devido ao estado de saúde da rainha Dona Abadia, existe esta necessidade de haver mudança agora, para que não haja distorções da festa: “Porque se caso dona Abadia venha a falecer e, alguém se aclamar outros que não estão de acordo com as normas ne, da Irmandade do Rosário, da forma que o Rosário vive e tenha conduzido, não serão aceitos”(Paulo Cesar Sampaio. Entrevista, Pires do Rio, junho, 2015).

De acordo com o depoente supracitado, o Reinado de Pires do Rio prossegue e são eleitos somente se a rainha e o rei estiverem dentro das normas da Irmandade do Rosário, mesmo se estes fizerem parte da mesma família. Brandão explica que, em Catalão, o reinado é a própria origem da festa (BRANDÃO, 2004, p. 82).

O Congado de modo geral, consiste em um complexo ritual simbólico muito amplo, envolvendo ritos diversos: coroação de reis, batuques, teatros, bandeiras, mastros, santos de devoção, estandartes, dança, música, que estão permeados de símbolos e valores para os integrantes da Congada.



Figura 6 – Integrantes do Reinado piresino.
 Fonte: SILVA, Sandra Inácio da. 2015.

Em Pires do Rio, mesmo não existindo o batalhão que é o terno e por existir somente o Reinado, a festa não desapareceu, mantendo-se os rituais de coroação do rei do Congo. Hoje, o Reinado é constituído de duas princesas: Sra. Maria Aparecida e Sra. Maria Duque, representando a Irmandade do Rosário. A Sra. Maria Helena Silva Fernandes é filha da rainha Sra. Francisca Abadia. Neste ano, sucedeu ao trono no lugar de sua mãe. O Rei escolhido foi o Sr. Juscelino Onofre; o general, o Sr. Sebastião Domingos; os guardas-coroas João Bosco e Dorgel, além de contar ainda com três bandeirinhas, que carregam o estandarte de Nossa Senhora do Rosário. Mesmo com ternos de outras regiões, os rituais acontecem, tendo dois aspectos distintos, denominados pelos organizadores: “parte religiosa” e “parte externa da festa”.

Ortural religioso consta de Alvorada realizada pelos ternos de folia, Novena onde é rezado o terço pelos devotos de Nossa Senhora do Rosário, levantamento das bandeiras (Nossa Senhora do Rosário e São Benedito) e Queima da fogueira, Celebração da missa e procissão, culminando com a Escolha e Coroação do festeiro do ano seguinte. Atualmente a missa do encerramento é celebrada pelos padres da Paróquia Sagrado Coração de Jesus. (PAES, 1989, p. 143-144).

A tradição cultural permanece além de ter ativa em Pires do Rio, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Segundo o senhor Pedro, os rituais em

Catalão, não são diferentes de Pires do Rio. Somente os dias da alvorada e a entrega da coroa é que se diferenciam. Em Pires do Rio, a alvorada é na madrugada de domingo e em Catalão acontece na sexta-feira. A entrega da coroa em Pires do Rio é no domingo, no Salão do Rosário, a partir das 15 horas e, em Catalão, é na segunda-feira, no mesmo horário, no Congódromo. Em Catalão, o Reinado é completo e conta com 21 ternos divididos em Congos, Moçambique, Catupé e Vilão, com mais de três mil dançadores a alegrar as festividades do município com danças, músicas, teatros e muito colorido de suas indumentárias.

Ao acompanhar a festa do ano de 2015 em Pires do Rio, percebemos que a população fica ansiosa, esperando os visitantes para juntar-se ao Reinado. As pessoas ficam nas calçadas, na praça e nas ruas por onde o cortejo vai passar. Em suas mãos estão celulares e máquinas fotográficas para registrar cada momento desta tradição.

O Reinado piresino conta com a participação das congadas de Urutaí e Araguari (Moçambique Branco, Moçambique de Angola, Princesa Isabel, Congo Ouro e Verde Rosa), que chegam no sábado, a partir das quinze horas na Casa da Cultura. Ali, realizam seus rituais com músicas, danças, fogos e muita agitação. E, aproximadamente, às dezessete horas, todos os participantes da festa ficam em frente à Casa da Cultura para serem fotografados.



Figura 7 – Congada de Araguari nas ruas de Pires do Rio.
Fonte: Da autora.

Em seguida, saem pelas ruas cantando e dançando com muito entusiasmo, realizando seus rituais até a casa dos festeiros para buscar a coroa, onde é organizado um altar com a imagem de Nossa Senhora do Rosário, a bíblia e a coroa. Os ternos chegam, trazendo muita musicalidade e animação. Ao chegar à casa dos festeiros, os congadeiros fazem duas alas para o Moçambique passar e receber a coroa juntamente com o Reinado. Neste momento, soltam fogos e os ternos cantam alto, tocam e dançam, reverenciando Nossa Senhora do Rosário, o Reinado e a coroa.

A partir das dezenove horas, todos saem em cortejo com a coroa ao som forte dos tambores até a Capela de Nossa Senhora do Rosário. Por onde o cortejo passa a sociedade piresina espera seus personagens e muitos aplaudem o espetáculo da congada. Pela primeira vez em Pires do Rio, neste ano, as congadas acompanharam o levantamento dos mastros de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e São Eslobão e receberam os altares da Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia na Capela de Nossa Senhora do Rosário, no Bairro Santa Cecília.

Os congadeiros param diante dos mastros dos santos homenageados e cantam envolta dos mastros, enquanto eram hasteados. Neste momento, soltam-se fogos. “(...). Abrindo a celebração da festa, os fogos anunciavam a partida dos cortejos processionais, mas também a sua chegada à igreja ou à praça onde se davam os principais eventos da festa” (DEL PRIORE, 2000, p. 38). De acordo com a autora, estes rituais existem desde a época do período colonial, no século XVII, cujas festividades com a presença de procissões e fogos fazem parte da cultura africana e da história do povo piresino e catalano.

O cortejo prossegue com os altares no meio dos ternos. Andam pelas ruas próximas da Capela do Rosário, com batucadas, musicalidades, teatralizações e muita ginga. Às vinte e uma horas, o cortejo retorna a Capela do Rosário para entregar os altares e encerrar o primeiro dia de festa.

No domingo, a partir das cinco horas da manhã, no ginásio Poliesportivo, a comunidade piresina e todos os integrantes dos ternos e o Reinado se reúnem com suas indumentárias para abrilhantar a festividade. Fazem a Alvorada com muita música, preces, respeito e devoção. O som e as músicas da alvorada são contagiantes e comovem a todos os presentes, que sem perceber estão cantando e dançando com os congadeiros. Na alvorada canta-se uma música bastante

interessante, que diz: “acordar quem está dormindo e consolai quem está doente”. Quando os congadeiros cantam esta música, várias pessoas choram. Três pessoas ao serem indagadas sobre isso, disseram que tinham pessoas doentes na família e acreditavam que, quando chegassem em casa, Nossa Senhora já fizera o milagre da cura.

Ao término da alvorada, o cortejo segue louvando seus santos e entoando o cântico pela liberdade dos negros até a Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus, onde acontecerá a missa do Rosário. Neste local, às seis horas da manhã, os ternos formam duas alas para o Moçambique e o Reinado entrarem na Igreja. Há queima de fogos e muita música. O Reinado encontra os integrantes da Igreja Católica e ocupa seu lugar no altar. Em seguida, o general de Pires do Rio recebe os ternos, que entram na igreja, com vestimentas coloridas, apresentando suas coreografias, tocando seus instrumentos e cantando com muita animação, devoção e fé.



Figura 8 – Terno de congo de Urutaí realizando sua dança dentro da Igreja Católica.

Fonte: SILVA, Sandra Inácio da. 2015.

Às sete horas, encerra-se o ritual dos congadeiros dentro da Igreja Matriz e começa a missa do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, realizada pelo pároco. A missa é transmitida ao vivo pela rádio Corumbá FM para toda população piresina.

A missa é iniciada com as boas-vindas ao Reinado, aos congadeiros, aos festeiros, à prefeita e a comunidade em geral. No decorrer da missa são feitas várias homenagens a todos aqueles que fizeram parte do Congado piresino. Finalizando a celebração, o pároco diz que os ternos piresinos têm de voltar a fazer a festa e exalta as congadas, ressaltando que estas fazem parte do resgate cultural de Pires do Rio. Ao contrário da Congada da cidade de Goiás, que segundo Brandão (2004),

Na cidade de Goiás não há escolha e coroação de um rei negro. Também não há, portanto, um cortejo processional até a igreja, de que o terno de congos seria um dos integrantes. Subsiste apenas esse terno, e os seus próprios atores não recordam um tempo em que houvesse cerimônias de rei do congo. Também não existe mais a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, muito embora subsista em pleno funcionamento a sua igreja. (BRANDÃO, 2004, p. 336).

Na cidade de Goiás ainda existe um terno de congo, porém, não são realizados os rituais como antigamente. Em Pires do Rio não há os ternos, mas os rituais são realizados com muita devoção, fé e musicalidade.

Catalão, diferentemente da cidade de Goiás e de Pires do Rio, recebe apoio financeiro do Estado, da prefeitura e de várias empresas. Tem ótima infraestrutura para a organização das festividades. Possui a Igreja Nossa Senhora do Rosário, que foi construída no início da década de 1940 pelos membros da Irmandade do Rosário por meio de doações dos fiéis. É administrada pela Paróquia São Francisco, sendo patrimônio cultural de Goiás, desde a década de 1990.

Na mesma calçada, aproximadamente a cerca de 300 metros, encontra-se o Museu das Congadas, localizado no Centro do Folclore, na região central de Catalão. Divulga a tradição que mescla fé e cultura popular, inaugurado em agosto de 2013 a um custo de 6 mil reais, dinheiro arrecadado pela Irmandade do Rosário. O museu reúne fotos de todos os dançadores participantes das Congadas na respectiva cidade, conta com acervo de recortes de jornais, roupas dos dançadores, ternos usados pelos antigos reis da Congada, instrumentos de percussão (caixa de 1940), uniformes, bastões, bonés, capacetes, bandeiras, quadro com os nomes de todos os ternos catalanos, imagens de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, dentre outros. Tem também espaço dedicado aos milagres realizados pela Senhora do Rosário.

O Largo do Rosário localiza-se em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, local que na época da festa é construído um palco para realização de

missas e shows. Embaixo do coqueiro foi erguido o Santuário com a imagem da santa, sendo utilizado pelos devotos para agradecer os milagres recebidos, fazer suas rezas ou para louvar a santa de devoção. Tem ainda o Salão da Irmandade do Rosário com amplo espaço para organizações de eventos, localizado no Bairro de Santa Efigênia. Obra iniciada na gestão do Presidente Sebastião Antônio Ribeiro (Cheirinho) e concluída na gestão de 2003.

Nestes espaços são realizados todos os rituais com a participação do Reinado, do congado, da Igreja Católica, da presença da comunidade catalana e dos turistas. Os rituais são os mesmos realizados em Pires do Rio, porém, como já mencionado, em dias e locais diferentes. De acordo com o senhor Lázaro, são nove dias de novenas, missas, terços e três dias de festas com a participação dos ternos. Na sexta-feira acontece a alvorada às três da manhã, dando início à festa. No sábado todos os ternos de congos e Moçambique uniformizados participam do levantamento do mastro de Nossa Senhora do Rosário.

Brandão (2004) destaca que no domingo é o dia da festa, os dançantes reúnem-se e juntos vão à casa do rei e da rainha considerados permanentes. Estes são acompanhados pelos congos e Moçambiques, mas não são coroados no interior da Igreja. Depois seguem à casa dos festeiros e a esposa carrega uma coroa de ouro. Quando o cortejo está completo, desce em procissão para a Igreja do Rosário, onde o vigário oficializa uma missa dedicada aos congos ou à irmandade.

Durante todo o dia de domingo e segunda-feira, os ternos em procissão realizam visitas nas casas de amigos ou parentes. Na segunda-feira, os ternos de Congos, Moçambiques, Catupés e Vilões vão para a Igreja do Rosário, tomam o café da manhã e saem pelas ruas de Catalão, realizando seus espetáculos por meio de muita ginga, cânticos e alegria. A partir das três horas da tarde com muita festividade e participação da comunidade e turistas acontece a entrega da coroa no Congódromo.

Em 2009, foi inaugurada uma estrutura com palanque, arquibancadas para dez mil pessoas, banheiros químicos, estruturas de som e iluminação no estacionamento da Nova Matriz Nossa Senhora Mãe de Deus. O Congódromo foi construído com verba do governo estadual e da prefeitura de Catalão para realizar o encerramento das festividades.



Figura 9 – Local onde entrega a coroa, o Congódromo.
Fonte: Museu das Congadas em Catalão.

Na figura, as pessoas estão em pé, aplaudindo a chegada do terno Catupé Branco de “Nossa Senhora do Rosário” ao Congódromo para a entrega da coroa aos próximos festeiros. Os congadeiros estão tocando seus instrumentos: caixas, tamborins, pandeiros e sanfonas. O capitão veste terno branco com faixa preta e segura seu bastão, conduzindo seus soldados. Na frente do terno encontra-se um fotógrafo, registrando cada momento do ritual.

Existe em Catalão uma ordem hierárquica de culto e ritual que passa pelo presidente da irmandade, pelo general da congada e pelo capitão de cada um dos ternos de congos, moçambique, catupés e vilão. Entre eles e os festeiros de cada ano distribuem-se as decisões dos festeiros. Os reis não têm qualquer voz de comando e são considerados apenas personagens do ritual. (BRANDÃO, 2004, p. 340).

De acordo com o autor, tudo que acontece na festa do Rosário, ocorre com a participação e contribuição de todos que fazem parte desta festividade, para que dê tudo certo na hora dos espetáculos. Principalmente com a presença marcante dos ternos, que abrilhantam a festa do Rosário com várias músicas.

Conhecer as músicas, ritmos e letras das Congadas contribui para novas interpretações, permitindo que as pessoas apreendam melhor os rituais de descendência africana e, com isso, se integrem aos diversos momentos das

Congadas. Nota-se que, todos os entrevistados acreditam que as musicalidades da Congada têm um significado importante para os integrantes da festa.

A senhora Maria Rosa (nome fictício) enfatiza a emoção e o sentimento presentes na música da cultura negra, sendo uma forma de expressar como os negros eram explorados no período da escravidão. Segundo a depoente, tudo está relacionado às festividades de origem africana, tendo como exemplo as musicalidades inseridas na capoeira, na religião de matriz africana e, principalmente, nas Congadas.

Para o senhor Carlos Silva, as músicas da Congada não só em Pires do Rio, mas em todos os lugares, onde é realizado o ritual, significa o resgate da memória dos antepassados. Representa a raça negra do país e o legado deixado pelos ancestrais, os quais são atualizados pela Congada por meio da festa.

A Congada foi o instrumento utilizado na resistência sociocultural de enraizar em sua luta a consciência dos negros africanos pelo viés da música. “Pois nossos antepassados vieram de várias regiões da África: Moçambique, Angola e do Congo. O som das Congadas é algo que contagia, anima e transmite entusiasmo, envolvendo todos que fazem parte deste folguedo” (Carlos Silva. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015).

O senhor Sebastião Dias revela que, nas Congadas de Catalão, possuem muitas músicas antigas. “Existem algumas músicas que somente os congadeiros conhecem o significado e para quem ouve parece algo sem sentido. As músicas representam uma fonte rica de informação e da construção histórica, que precisa ser valorizada para que não se perca com o tempo” (Sebastião Dias. Entrevista. Catalão, julho, 2015).

Brandão (1985) assevera que não é tarefa fácil reproduzir na íntegra o que os congos cantam.

Todo terno dança, canta com acompanhamento de caixas e tambores. A todo o momento, são eles que marcam o ritmo dos passos da dança. Fora o capitão e alguns suplentes todos os soldados tocam uma caixa, um tambor maior, sustentado com um dos braços e tocado fortemente com a outra mão, ou um tambor menor, que pode chegar as dimensões de um pequeno instrumento retangular, semelhante a um tamborim mais pelas dimensões do que pela forma. (BRANDÃO, 1985, p. 102).

As músicas são elos de comunicação do grupo da Congada com os expectadores e com aqueles que convidam os congadeiros para visitar seus lares.

Por meio da música agradecem, orientam e fazem as devoções aos santos católicos, além de apresentarem os movimentos corporais, enquanto os congadeiros cantam em procissão. São atos tradicionais passados de geração a geração. Mauss (1974, p. 417) elucida que, “o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem (...) sem falar de instrumentos, o primeiro e mais natural objeto técnico e ao mesmo tempo meio técnico do homem é o seu corpo”. Os congadeiros também utilizam seu corpo para expressão de suas músicas por onde passam.

Para o senhor Valdomiro, há três características de músicas: as da Congada, as de Moçambique e as da libertação dos escravos. Estas simbolizam o imaginário dos negros sobre a fé em São Benedito e em Nossa Senhora do Rosário.

NOTEMPODA ESCRAVIDÃO

(Música cantada na congada de Catalão-Pires do Rio)

No tempo da escravidão, quando o senhor me batia, gritava por nossa senhora, quando a pancada doía / no tempo da escravidão, nego morou na sanzala, quando o senhor me batia, nossa senhora chorava / um dia nego sonhou, nhonhô, sonhou com nossa senhora / ela me dava uma rosa, tira nego de sanzala / hoje nego tá cantando, canta com toda alegria, foi a nossa senhora, que deu nego arrilia.

A música expressava uma forma dos escravos aliviarem a dor e o sofrimento, demonstrando o descontentamento com a violência dentro e fora da senzala, vida árdua de trabalho no dia a dia, tendo somente a noite a oportunidade de se reunirem com os “irmãos” para cantar e pedir a proteção da Senhora do Rosário.

Há uma mistura das musicalidades entoadas nas festas da Congada, pois louvam Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, mesclando sofrimento e alegria, exaltam a liberdade, entristecem com a escravidão, fazem louvor de agradecimento nas casas visitadas, falam das diferenças entre brancos e negros, senhores e escravos.

TREZE DE MAIO

(Música cantada na congada de Pires do Rio e Catalão)

Treze de Maio
 É um dia muito bonito
 As congadas já reúnem
 Pra festejar São Benedito
 E a rainha
 Com a bandeira na mão Reza pra Santa Isabel
 Que deu a libertação, Santa Isabel
 É uma santa milagrosa Libertou a escravidão
 Por ser muito caridosa
 A meia noite
 A festa vai terminando
 Eles deixam uma bandeira

A música *13 de Maiol* embra a princesa Isabel e faz referência à libertação dos escravos. Os congadeiros reverenciam a bandeira, a liberdade, o santo e homenageiam a princesa como uma protetora. De acordo com o senhor Carlos, há músicas que falam da chegada dos ternos para visitar as residências.

EMBARCA MORENA

(Música cantada na congada de Pires do Rio-Catalão)

Embarca morena, embarca
 Molha o pé, mas não molha a meia (bis)
 Viemos de muito longe fazer barulho na terra alheia (bis)
 Oh! São Benedito, sua casa cheira
 Cheira cravo e rosa, flor de laranjeira (bis)

A referida música avisa a chegada dos congadeiros nas casas visitadas e que eles farão barulho por meio dos cânticos para a entrada do cortejo. Ao terminar a visita, cantam a música de despedida.

ADEUS

(Música cantada na Congada de Pires do Rio)

A folha do coqueiro não balança mais
 Eu quero te deixar mas não tenho coragem
 Se a terra não me comer Se a morte não me levar
 Se Deus quiser ano que vem Eu torno a voltar
 Adeus camarada, adeus
 Adeus que eu já me vou embora (bis)
 Foi no balanço das ondas que eu vim
 E no balanço das ondas vou-me embora (bis)

A música demonstra como as casas são deixadas com pesar e avisa que, no próximo ano, se a morte não os levar, os congadeiros retornarão para continuar com a visita, pois é o momento em que os cantadores buscam alegrar as pessoas e agradecer pelas dádivas e atenção recebidas. Desta forma, como as ondas do mar vêm e vão, eles pretendem voltar novamente e utilizam as músicas para tal.

Em outra canção é possível observar a devoção a São Benedito:

SÃO BENEDITO

(Música cantada na Congada de Pires do Rio e Catalão)

São Benedito foi pro céu
 Ele deixou uma união
 Ele deixou o terno da congada
 Foi para todos que somos irmãos. (Bis)
 São Benedito foi pro céu
 Ele deixou uma união
 Ele deixou o terno da congada
 Foi para todos que somos irmãos. (Bis).

A letra da canção traz um chamado do santo venerado. É uma música cantada durante a procissão com as imagens de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. De acordo com o canto, São Benedito saiu da Terra e foi morar no céu, mas ele deixou o terno da Congada para os negros, que são irmãos e devem estar sempre unidos. Outra música menciona a hierarquia dos protagonistas da Congada, seguindo uma ordem de distribuição de poder a partir do general, acompanhado pelo capitão, que direciona os soldados representados pelos congadeiros. A posição do gingado é reforçada por Brandão (2004, p. 75), o qual afirma que, “há categorias próprias de pessoas, segundo a esfera de atuação em que se coloca e segundo a posição que ocupa nela”.

Depois que se organizam, os ternos saem para as ruas e praças para alegrar a cidade com o som forte das batucas:

Ô MARCHA

(Criação da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Pires do Rio)

Marcha meu soldado
 Marcha general
 Soldado não dá bolo
 Sem capitão mandá. (Bis)
 Marcha meu soldado
 Marcha general
 Soldado não dá bolo
 Sem capitão mandá. (Bis)

Durante a festividade, são vários os temas e assuntos apresentados à comunidade por meio da música: as desigualdades sociais, a luta do negro no dia a dia, a história de criação dos ternos e a devoção pela Senhora do Rosário. Os versos da próxima música são repletos de significados, cujos sentidos das palavras é nítido para os congadeiros. Representa a chegada de um viajante congadeiro, vindo da Espanha para buscar Nossa Senhora e trazer para o Brasil, porque a santa simboliza a mãe protetora dos brasileiros.

O VIAJANTE

(Criação da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Pires do Rio)

Eu vim da Espanha
 E passei pelo estrangeiro
 Para trazer Nossa Senhora
 Que é mãe dos brasileiros. (Bis)
 Eu vim da Espanha
 E passei pelo estrangeiro
 Para trazer Nossa Senhora
 Que é mãe dos brasileiros. (Bis)

Assim sendo, para o acompanhamento das músicas são utilizados vários instrumentos. O senhor Pedro ressalta que os instrumentos utilizados pelos congadeiros na festividade catalana são variados, porque cada grupo tem seu ritmo. De acordo com o depoente, o município possui 21 ternos: 12 Congos, 2 Moçambiques, 1 Penacho, 2 Vilões e 4 Catupés.

Os ritmos das músicas dos Vilões e do Penacho são batidas mais aceleradas, representando as lutas dos negros africanos e indígenas. Seus instrumentos são as caixas e as sanfonas, sendo que estas são aerofone de origem alemã, composto por um fole, palhetas livres e duas caixas harmônicas de madeira. As caixas são de origem afro-brasileira, construídas de madeira de compensado, tratadas com afinação africana em corda e pele sintética dupla. Os Congos têm a batida menos acelerada e os instrumentos musicais também são as caixas e as sanfonas.

Os ternos de Catupés trazem muita animação e alegria, representando a esperteza dos negros africanos fugidos das senzalas. Seus instrumentos são as caixas e os pandeiros. As caixas dos Catupés são fabricadas com couro de vaca. Os pandeiros podem ser utilizados nos mais diferentes ritmos da música brasileira. Vieram para o Brasil trazidos pelos portugueses, que obtiveram tais instrumentos com os romanos e árabes (CASCUDO, 2012). Os Moçambiques possuem batidas mais lentas, porque conduzem a imagem de Nossa Senhora do Rosário, a Coroa e o Reinado. Seus instrumentos são as caixas feitas com couro de vaca; os chocalhos compostos de uma cabaça pequena redonda, recoberta com uma rede de bolinhas de plásticos ou sementes de plantas e as patangongas, que são correias de couro com pequenos chocalhos presos aos pés feitos artesanalmente.

Cascudo (2012) assinala que a maioria dos instrumentos utilizados nas congadas é de origem africana, alguns são usados tanto em cultos religiosos africanos como em festas originárias da tradição africana. Deste maneira, os instrumentos e as músicas das Congadas são uma forma de manifestação, quando o negro canta sua liberdade e seu sofrimento e, ao mesmo tempo, é um elo entre os diferentes grupos de congos e a sociedade.

3 AS CONGADAS DE PIRES DO RIO E CATALÃO: RELAÇÕES POLÍTICAS E SOCIORRELIGIOSAS

As Congadas dos municípios piresino e catalano são partes fundamentais da história das cidades. Os integrantes das Congadas relatam a partir da memória diversas experiências vividas, afirmando que a referida manifestação tem sua origem no Estado de Minas Gerais. Em Catalão, as narrativas ponderam que a origem da dança está nos escravos, trazida para a região a partir do século XIX. Porém, em Pires do Rio, a dança chegou no final do século XX, trazida por congadeiros negros. Com o passar dos anos, ela passou por várias mudanças quanto às relações religiosas e sociais, ao modo de se adornar, às maneiras da procissão e do ritual da entrega da coroa, além de diversos conflitos e, por fim, vem conhecendo uma nova forma de preservar o congado.

3.1 A CONGADA PIRESINA E CATALANA SOB A PERSPECTIVA DA MEMÓRIA E DA HISTORICIDADE

A análise da festa surge de uma pergunta realizada à senhora Maria José da Costa: como surgiu a manifestação Congada em Pires do Rio? “Foi o senhor Joaquim Duque, que veio de Minas Gerais junto com outras pessoas em busca de um lugar melhor para se morar e trouxe a Congada” (Maria José da Costa. Entrevista, Pires do Rio, junho de 2015).

Com esta resposta, é possível compreender que a festa iniciou com a vinda de indivíduos de outras regiões para o município piresino, além do que, como não há documentos redigidos sobre a festividade, utilizam-se as lembranças dos mais idosos. Os velhos têm uma memória atribuída ao grupo, ao qual pertencem e ela também é parte do presente, posto que, segundo Bosi (1979), lembrar é trabalhar o passado. A memória permite relembrar a presença do passado no presente, não como ele se deu, mas como o reconstruímos. Desta forma, ela está ligada a uma memória coletiva e as lembranças que possuímos são imagens construídas ao longo dos anos, ou seja, nenhum fato ou acontecimento lembrado jamais será a mesma imagem com o passar dos anos.

Para Halbwachs (1968), esse passado lembrado jamais seria aquele do indivíduo sozinho, mas de um indivíduo que sempre esteve inserido e influenciado pela sociedade, família, tradições. Portanto, para o autor, toda memória seria

coletiva, cujas bases estão nos fatos do passado que se transformam diariamente, podendo se conservar pelo desejo de manter como tradição.

Portanto, ao trabalhar com a devoção popular na Congada nos remetemos à memória e à história. Halbwachs (1968) ao falar da relação entre memória e história ressalta que existem semelhanças e diferenças entre ambas, cuja diferença se deve ao fato de que a “história começa onde a memória social acaba e a memória social acaba quando não tem mais como suporte um grupo. Ou seja, a memória social é sempre vivida física ou efetivamente”. (D’ALESSIO, 1993, p. 98).

A história e a memória nas diferenças e semelhanças estão associadas, uma vez que a história é construída pelo viés da memória e essa constitui aquela. Assim, a memória se torna o ponto de início para o estudo historiográfico, visto que,

A memória é a vida sempre guardada pelos grupos vivos e em seu nome, ela está em evoluções permanente, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todas as utilizações e manipulações suscetíveis [...]. (NORA, 1993, p. 09).

A partir deste conceito, mesmo a memória sendo vulnerável às mudanças e estando em evolução, principalmente, por ser inconsciente de suas deformações, é um dos instrumentos usados pelo homem para guardar para si e para a outra parte o que se foi. Desta forma, a memória se traduz em movimento constante e está sujeita aos fatores do tempo, em seus espaços físicos ou imateriais. História e memória, mesmo podendo ter vários sentidos, caminham juntas. Nora (1993) assim concebe o termo história:

É a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais: a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivo no eterno presente; a história uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembrança vagas, telescópicas, cenas, censura ou projeções. (NORA, 1993, p. 09).

A memória sempre esteve e está presente na vida da humanidade, na construção do ser social, político e formador de opiniões. A memória é um fenômeno que se constrói consciente ou inconscientemente, de maneira que o indivíduo construa a imagem de si, para si e para os outros. Fica subentendido que a memória é a atualização da história. Os espaços da memória seriam, portanto, esses meios materiais (monumentos, museus e outros) ou imateriais (festividades e tradições),

que trazem para a atualidade as diversas manifestações, ente elas a Congada, demarcando o lugar de memória.

As festas populares são importantes para a construção e conservação da memória. Por isso, as práticas diárias dos habitantes piresinos e catalanos aqui serão compreendidas, conforme os sentimentos de afetividade e identidade a partir das experiências vividas, as quais vão nos conduzir para o entendimento da festa.

Para compreender e analisar a Congada em Pires do Rio e Catalão propõe-se uma análise do que existiu na festa e as transformações ocorridas ao longo do tempo, tendo em vista que as mudanças são convenientes ao âmbito político, religioso e social de cada momento. A partir das narrativas dos ex-congadeiros e dos participantes da congada atual serão buscados os detalhes, a essência e as características particulares, seja no formato da festa, seja na forma como as pessoas (internas e externas) se interagem e veem a festa.

A Congada é uma manifestação cultural religiosa imbuída de um caráter histórico, que conjuga dança, festa e devoção e, no decorrer dos tempos, vêm sofrendo transformações, pois toda sociedade é dinâmica e sua cultura se modifica constantemente. Mas, é esse caráter dinâmico que possibilita sua permanência, pois ela se adapta às novas situações. Embora as mudanças sociais, econômicas e culturais da sociedade possam fazer com que as pessoas percam o interesse pelas tradições culturais.

Está presente essa realidade no relato da senhora Rosangela (nome fictício): “Tiraram a festa das mãos do povo, a Irmandade antigamente era administrada pelas pessoas do bairro, hoje são pessoas ligadas à Igreja, e eles é quem manda. Então decidi não mais participar da festa e não me interessei mais em dançar na congada”. (Rosangela M. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015). Em sua fala fica evidente que saiu das Congadas por não concordar com mudanças ocorridas nas festividades e por não se interessar mais pela referida festa.

De acordo com a depoente, tomaram a festa dos congadeiros, que não recebiam ajuda para comprar uniformes. O relato do senhor Valdomiro confirma a exposição da senhora Rosangela, que disse: “A diretoria não ajudava, eu tirei dinheiro do meu bolso várias vezes para ajudar, comprar roupas para dançador, fazia caixas, costurava tudo, aí depois fui desgostando, porque não tinha organização e nem ajuda” (Valdomiro Ferreira da Silva. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015).

Observamos que, tanto o senhor Valdomiro quanto a senhora Rosângela, lamentam o descaso da diretoria e dos poderes públicos, os quais não ajudavam os ternos. Igual posição possui a dona Luzia: “Nós precisa de uma caixa não tinha, eles entregava só caixa furada, caixa velha, pra nós dançar e tocar. Aí quando ia bater a caixa, tava rasgada, aí o povo enfezou e largaram”. (Luzia Gonçalves de Moura. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015). Dona Luzia fala que, várias vezes os congadeiros pediram ajuda para o prefeito e o padre, mas que até o momento da entrevista não tinha aparecido nenhum instrumento.

Outro fator em torno da Congada piresina, relatado pela senhora Rosângela, refere-se às últimas festas, porque, desde a década de 1990 para cá, o congado piresino perdeu seu espaço, sendo o trajeto da procissão totalmente modificado. Nas décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990 a Congada visitava quase todos os bairros do município. A dona Luzia possui opinião semelhante, segundo ela, antigamente a festa era uma semana: “Nós pegava na sexta e fazia uma serenata. No sábado começava a novena e a procissão. Na segunda-feira até na sexta-feira fazíamos visitas nos lares e visitava o hospital. No sábado e domingo fazia os rituais, e na segunda-feira às três horas entregava a coroa”. (Luzia Gonçalves de Moura. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015).

De acordo com a depoente, agora o cortejo passa por poucas ruas da cidade, abrangendo somente lugares por onde acontecerá alguma cerimônia: começando pela Casa da Cultura, Casa dos Festeiros, Capela Nossa Senhora do Rosário, Ginásio Poliesportivo e a Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus.

O espaço pode ser transformado a partir da necessidade do homem em relação ao seu sistema econômico, à sua estrutura social e cultural, inclusive possuindo uma ação conjunta da sociedade, querendo atingir certos objetivos.

Para atender os seus objetivos, o indivíduo é capaz de transformar o meio até mesmo para garantir a sua sobrevivência, através do trabalho. Nessa transformação espacial, os eventos religiosos, o comércio e outros, estabelecem uma ação que modificam o espaço. (SANTOS, 2003, p. 14).

Este espaço não será o mesmo no decorrer do tempo, pois a relação homem-natureza vai se aprimorando e assume características condizentes com cada momento histórico. É a persistência de costumes, tradições e valores que permanecem no decorrer do tempo em determinado espaço. Em Catalão e Pires do Rio, os espaços onde as festas são realizadas foram alterados, porém os rituais não deixaram de acontecer.

O senhor Valdomiro fala das mudanças relacionadas ao dia da entrega da coroa, atribuindo a responsabilidade somente aos organizadores da Congada: “Tanto é que até o ano de 2000, a entrega da coroa era na segunda-feira. Porém a partir de 2001, foi transferido para domingo”. (Valdomiro Ferreira da Silva. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015). Para o senhor Paulo, esta mudança foi necessária, porque na segunda-feira apenas seis a dez pessoas iam à Igreja e entregavam a coroa. Porém, hoje, entrega no domingo, quando todos os ternos e a comunidade se fazem presentes, logo, é um dia mais animado. De acordo com o senhor Pedro, antigamente em Catalão, para entregar a coroa se fazia um palanque com a imagem do Rosário e a coroa e todos os ternos se aproximavam, cantavam, se despediam e iam embora. De acordo com o relator, o que interessa aos participantes do folguedo é o espetáculo e aparecer na televisão.

A memória dos atuais congadeiros revela questões relacionadas há mudanças de valores dentro da festa. Tanto em Catalão quanto em Pires do Rio, houve transformações em torno da Congada. “Os festejos originais desapareceram de algumas cidades, mas continuam na maior parte delas, apenas diferenciando-se em vários outros, a que se atribuem agora usos e significados diversos” (BRANDÃO, 2004, p. 334).

Em Pires do Rio, na década de 1980, houve certa rejeição pela sociedade em relação a este folguedo: “Quando começava o mês de outubro ouvia as pessoas falar que os pretos estavam chegando, e que a África tinha mudado de lugar” (Valdomiro Ferreira da Silva. Entrevista, junho, 2015).

De acordo com o senhor Paulo, atualmente, a visão dos piresinos é outra e o problema do Congo, não é um problema de preconceito. Muito pelo contrário, a festa do Rosário tem uma boa aceitação. A Igreja aceita, o Reinado é composto, a Irmandade está presente e grande parte da sociedade acolhe a festa, embora haja certa discriminação, mas muito pouca. Segundo o depoente, o que está faltando são pessoas para dançar, gente que tenha coragem de sair nas ruas: “Desde quando entrei na Prefeitura e estou organizando a festa do Rosário, procuro fazer o que está ao alcance da Prefeitura e da Casa da Cultura dando todas as condições para os congadeiros retornarem”. (Entrevista. Paulo Cesar Sampaio. Pires do Rio, junho, 2015).

Consoante a entrevista, o que está faltando ao município piresino é que a sociedade tenha ânimo e dedicação, para que a cidade possa novamente ter os soldados para integrarem-se ao Reinado. Em Catalão, de acordo com o senhor

Pedro e o senhor Sebastião Dias, somente nos primeiros anos de festa é que a sociedade “tinha um pouco de preconceito”, todavia, hoje isso acabou.

A entrevista da senhora Jaqueline Gonçalves de Moura, 27 anos, formada em Geografia e participante das Congadas, no período de 1996 a 2000, esclarece que ela foi porta-bandeira e coroinha do terno Brinco da Princesa. Ao contrário do que o senhor Paulo disse sobre preconceito, ela fala que, quando participou existia muito preconceito e muitas vezes ao sair pelas ruas para realizar a procissão e a alvorada às cinco da manhã, ouvia as pessoas dizerem: a Congada é coisa de preto e essa dança cheia de batucadas não deveria estar nas ruas. “Até mesmo na escola onde eu estudava, tinha o tal do preconceito. Porque várias vezes na época dos ensaios, falava com minha professora para deixar sair mais cedo para não perder os ensaios, ela não deixava. Dizia que era coisa de negro, e assim perdia os ensaios”. (Jaqueline F. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015).



Figura 10 – Jaqueline Gonçalves Moura foi princesa do Terno Brinco da Princesa de Pires do Rio.

Fonte: Da autora.

A senhora Jaqueline, constantemente sorrindo, afirmou que gosta das Congadas e, se pudesse, voltaria a dançar. Porém, primeiramente trabalharia na

conscientização da população para quebrar o tabu, de que a Congada é uma festa profana: “Trabalharia através de projetos nas escolas, principalmente o lado religioso e o folclórico da festa, mas sempre investindo na queda do preconceito: Aí sim, você conseguiria crianças, jovens e os adultos para dançar” (Jaqueline Gonçalves de Moura. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015).

Neste sentido, há certa preocupação do senhor Paulo com a preservação da festa em Pires do Rio. Para ele, o problema é que não passou como tradição: “Os congadeiros só dançavam para pagar uma promessa ou esperando uma graça. Eles não passaram para os filhos como tradição. Tanto é que na cidade existe somente o Reinado, no sentido folclórico. Não é problema social, não é política. Porque não passou como tradição” (Paulo Cesar Sampaio. Entrevista, Pires do Rio, junho, 2015).

A senhora Jaqueline se posiciona de maneira diferente em relação à tradição. Segundo ela, a festa do Rosário é uma tradição em Pires do Rio. Se não fosse, não estaria na memória de quem participou e ainda daqueles que participam e se esforçam para a festa não desaparecer. Exemplos evidentes são os mais de cinquenta e cinco anos de existência e a grande quantidade de devotos e membros da sociedade, a qual está presenteando nesta festa. O senhor Gilmar se posiciona de forma semelhante à da senhora Jaqueline, ressaltando que, “a tradição existe, o que não houve nas congadas em Pires do Rio, foi à renovação”(Gilmar Gabriel dos Santos. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015).

Para o senhor Pedro, a tradição em Catalão existe, mas renovaram até demais. Antigamente, tinham somente dois ternos de Congos e dois Moçambiques, hoje são vinte e um ternos. As Congadas apresentavam de ano em ano e somente na cidade, hoje fazem apresentações fora do município e durante o ano todo é possível ouvir o barulho dos caixas. Tanto é que, a sociedade catalana anos atrás sentia saudades das Congadas e ficavam ansiosas para sua chegada.

A partir das palavras da senhora Jaqueline, do senhor Gilmar e do senhor Pedro, dentre outros depoentes, pode-se perceber a presença na memória coletiva das festividades e danças em devoção à Nossa Senhora do Rosário e as constantes transformações neste ritual de origem africana. Assim, a memória individual não está só. Para Pollak (1992), os elementos constitutivos são momentos vividos pelos indivíduos ou por uma coletividade de um grupo de pertence.

Com as mudanças dentro da Congada, diferentes são as histórias contadas, enfatizando as transformações ocorridas na sociedade e nos ternos de congos de Pires do Rio e Catalão, as quais geraram impactos na Congada. A fala do senhor Valdomiro comprova isso: “Desde o início das congadas até o ano de 1984, o município contava com oito ternos de congos, com aproximadamente 150 integrantes, porém com o passar dos anos os congadeiros não recebiam ajuda para comprar os uniformes e instrumentos, e assim os ternos foram acabando” (Valdomiro Ferreira da Silva. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015).

As entrevistas realizadas com os congadeiros de Pires do Rio e de Catalão indicam como eles se relacionam com o congado e as dificuldades enfrentadas ao longo do tempo. Conforme o senhor Valdomiro, para os ternos não se acabarem por completo, uniram-se alguns: o terno do Antônio Severino juntou-se ao do Wilton Teixeira, ficando somente o Marujeiro e o terno Brinco da Princesa, que ficou na responsabilidade do senhor Sebastião Rosa, o qual dançou pela última vez no ano de 2009.

O senhor Pedro acrescenta que, em Catalão, houve a metamorfose do congado por meio da espetacularização da festa, se transformando em comércio e espetáculo. Ele pondera que, os ternos acompanharam a modernidade, tornando-se numerosos, totalizando três a quatro mil dançadores quase todos os anos. Ele dá um exemplo do terno do seu sobrinho, o Catupé Amarelo, que cresceu demais, cujo número de dançadores é o número de bandeirinhas, somando mais de duzentos integrantes. É um terno de Catupé de mulheres, dentro de outro Catupé de homens. É uma festa dentro de outra festa.

A senhora Maria José se posiciona de maneira semelhante ao senhor Pedro acerca da Congada em Pires do Rio, destacando que foi perdendo a religiosidade: “Agora a festa acontece com a participação dos ternos de Araguari, Urutaí e até de Catalão. Isto acontece por falta de interesse da comunidade, por falta de fé, falta de amor, falta de não ter devoção né” (Maria José da Costa. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015). Neste aspecto, a depoente deixa transparecer o seu ressentimento em relação ao término dos ternos piresinos devido ao desinteresse de alguns integrantes da Congada e da sociedade, posto que a festa se resume apenas a diversão pessoal, relegando a segundo plano a religiosidade e a tradição.

De acordo com o senhor Sebastião Dias, antigamente o pessoal dançava com fé no coração e hoje os jovens dançam por brincadeira: “A juventude mudou

muito, não assisti missas, não vão na procissão, são poucos que participam da parte religiosa” (Sebastião Dias. Entrevista. Catalão, julho, 2015). De opinião semelhante, o senhor Pedro revela que o pessoal não importa com a religiosidade e não tem dado valor à história dos ancestrais. Antigamente, dançava até de pé no chão: “O que mais interessa hoje é o espetáculo, e apresentar cada vez mais fantasiado, é aumentar o volume de gente nos ternos e aparecer na mídia, em jornais e na televisão” (Pedro Gomes. Entrevista. Catalão, julho, 2015).

Assim, os eventos religiosos são importantes expressões da cultura popular e são realizados em Goiás há décadas e se renovam a cada ano.

As danças, as festividades, as religiões e a religiosidade fazem parte da cultura de Goiás... Elas têm história, elas são história, pois fazem parte do conjunto de comportamentos, hábitos e costumes dos homens e mulheres que a cada dia constroem o mundo. Muitas delas insistem em conservar as suas práticas originais, outras foram recriadas e adaptadas à realidade de cada época. (DEUS e SILVA, 2002, p. 73).

Algumas festividades conservam suas tradições originais, porém, há outras que inserem mudanças para acompanhar a sociedade, como é o caso das congadas. O senhor Gilmar diz que, mesmo com tantas transformações, a essência de tudo é a religiosidade e a vida espiritual: “Mas infelizmente tanto os jovens como os adultos não querem, e não se interessam pela religiosidade popular. Assim, um dos problemas que mais atinge o homem contemporâneo é a falta de religiosidade”. (Gilmar Gabriel dos Santos Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015). Ele ainda diz que o homem está se afastando do que é sagrado. A religiosidade torna-se elo profundamente significativo na manutenção das tradições populares e principalmente na formação da sociedade piresina e catalana.

Diante do que foi exposto, é possível concluir que as Congadas, muito mais do que manifestações culturais explícitas, são um convite para analisarmos a história da cultura negra em todos os contextos no Brasil. As práticas populares são incorporadas a nossa cultura e aos nossos vínculos identitários por meio das festividades. Nesta perspectiva, conhecer a cultura africana e afro-brasileira se torna importante no processo de desmistificação do negro, tendo em vista que essas características foram por muito tempo veiculadas nos diferentes segmentos da sociedade nacional.

3.2 A CONGADA DE PIRES DO RIO E CATALÃO E A RELAÇÃO COM A IGREJA CATÓLICA

No Brasil, a Igreja teve a missão de instruir várias práticas realizadas pelos negros africanos e pelos indígenas. A devoção de rituais e santos católicos foi oposição exigida para a preservação de muitas práticas culturais populares no país, tática de preservação para a identidade das sociedades escravizadas e colonizadas. A necessidade de uma nova forma de realizar as festividades acontece, mudando muitas práticas, entre elas a Congada. Para permanecer praticando suas festas, os colonizados aceitavam santos católicos, (re)significando suas crenças, seus valores, suas tradições e seus rituais não autorizados pela Igreja.

Para manter viva a tradição, os costumes da cultura negra não escapam à folclorização em se tornar espetáculo. “O folclore deve estudar todas as manifestações tradicionais da vida coletiva” (CASCUDO, 2012, p. 304). No entendimento da Igreja, a manifestação Congada deve excluir sua essência religiosa para se tornar somente uma tradição cultural. O fato é que a Congada tornou-se festa popular, cujos ritos são compreendidos como parte do folclore brasileiro, o seu sincretismo ligado aos rituais do catolicismo popular e as várias crenças africanas, o que pode causar certa intolerância por parte de alguns padres.

Ao longo da pesquisa, foi preciso fazer grande esforço para coletar informações de pessoas que conheceram alguns congadeiros, moradores de Pires do Rio e de Catalão e daqueles que ainda participam da festividade. Os depoentes tinham receio em relatar os fatos, principalmente, se estes fossem relacionados à Igreja Católica ou a algum órgão público, por medo de perseguição em seus trabalhos, nas ruas ou em sua residência. A tentativa de fazer este resgate histórico não é buscar discórdia entre os cidadãos, mas sim, resgatar a historicidade da Congada, entendê-la na sua diversidade, para que esta festa popular não venha a desaparecer do calendário piresino e catalano.

A festa de Nossa Senhora do Rosário de Pires do Rio, nas décadas de 1950, 1960, 1970, 1980 e 1990, de acordo com depoimentos obtidos, não fazia parte do calendário da Igreja Católica e os congadeiros não entravam na Matriz. A festa era dirigida pelos próprios integrantes da Congada, juntamente com a Irmandade do Rosário. Mas, devido algumas divergências entre congadeiros, os representantes dos órgãos públicos e a Igreja Católica, a festa tomou novos rumos.

A dona Luzia acrescenta à História da congada uma grande mudança, a partir do final da década de 1990. Segundo a depoente, quando a festa era do povo, era mais animada. Entretanto, depois que os outros tomaram a festa e a coroa da direção dos congadeiros, a festa Foi acabando: “E vieram as pessoas do lado dos padres e tomou a coroa. Entramos na justiça e o juiz não quis liberar. Aí muitos largou a festa”. (Luzia Gonçalves de Moura. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015).



Figura 11 – A coroa da congada de Pires do Rio coma rainha dona Abadia.

Fonte: SILVA, Sandra Inácio da. 2012.

Para a depoente, os integrantes da Congada não aceitaram a retirada da coroa da proteção dos congadeiros, tanto que, alguns deixaram de participar da festa, enfraquecendo a congada. A senhora Luzia acredita que a administração da festa e a guarda da coroa por agentes ligados à Igreja foi responsável pela desestruturação do festejo, o que permite pressupor que, a congada e a festa de Nossa Senhora do Rosário teriam menos conflitos se permanecesse no comando dos integrantes da Congada.

O senhor Paulo, que vivenciou esta fase da festa no final da década de 1990, sendo um intermediário entre a Igreja Católica e os congadeiros, diz que naquela época tinha formado a diretoria provisória da Irmandade do Rosário; porém, ela não foi aceita por motivos de discórdia entre os membros. Segundo ele, o grande problema entre os ternos deu-se porque houve denúncia sobre a desorganização em torno da festa e que a coroa estava guardada dentro da casa do seu Irineu, um dos integrantes da Congada e o capitão do terno de Moçambique. Todavia, os próprios integrantes da Congada negavam e alegavam não existir estes esfolheamentos destas questões.

O que foi mencionado por agentes da festa é que, a esse período, a Igreja Católica não tinha ligação com a festa da congada. “Era um momento difícil, pois o padre da época não aceitava os congadeiros participar de nenhuma programação na Igreja. E para complicar veio a disputa pela coroa e pela organização da festa” (Maria José da Costa. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015). Sempre que se perguntou sobre esse fato aos agentes da festa, afirmaram: “Foi um tempo complicado para a Congada da cidade, porque durante três anos a festa ficou sem a coroa” (Luzia Gonçalves de Moura. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015).

Sobre o fato, o senhor Paulo descreve que, “o frei da época, brigava porque haviam vindo pessoas e levaram o dinheiro da festa. O promotor mandou o oficial de justiça com policiais e tirou a coroa e o dinheiro de dentro da casa do seu Irineu” (Paulo Cezar Sampaio. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015). Deste modo, a coroa foi retirada da casa do seu Irineu e ficou sob a proteção da justiça, até que resolvessem os problemas entre os integrantes da Congada e a Igreja Católica.

Na década de 1990, o congado piresino era desorganizado, tanto na parte financeira como religiosa. O senhor Gilmar diz que era uma desordem fora do comum. Até nesse período, as reuniões da Irmandade eram realizadas na barraca de palha, onde hoje é o salão do Rosário. Além disso, a Igreja Católica e os congadeiros não entravam em acordo para organizar a festa, com isso, quem estava perdendo era a sociedade piresina.

Então, um dos objetivos do frei daquela época era justamente resolver a questão entre os integrantes da Congada e a Igreja Católica. De acordo com o senhor Paulo, o pároco da época foi transferido para outra região e o recém-chegado a Pires do Rio ficou sabendo das discórdias em andamento e, por meio de várias reuniões entre a Igreja, os congadeiros e a Irmandade do Rosário, fizeram acordo. O seu Irineu retirou o processo da justiça e a coroa ficou com a Igreja

Católica: “O pároco reconheceu o erro da Igreja Católica e dos representantes da Congada e tentou fazer uma boa festa com a cabeceira do Reinado, juntamente com os ternos e as pessoas do seu Irineu com a Igreja Católica e assim deu certo” (Paulo Cezar Sampaio. Entrevista. Pires do Rio, junho, 2015).

A partir do final da década de 1990, os congadeiros passaram a frequentar a Igreja Católica. Na primeira missa do Rosário, que o pároco realizou com a presença da Congada, ajoelhou-se diante do Reinado e pediu perdão por anos de discórdia. Daí em diante, todos os párocos seguem o cortejo com os congadeiros e a coroa até o Salão do Rosário. De acordo como senhor Paulo, durante o ano a coroa fica guardada na Casa Paroquial e, quando começam as festividades, ela vai para a casa dos festeiros.

Os congadeiros entram na Igreja Católica com suas músicas, seus instrumentos, seus rituais, porém, ela não reconhece os dogmas da Congada. Para compreendermos essa relação da Congada piresina com a Igreja Católica, procuramos o Pároco Frei Francisco, conhecido como Frei (Chico), da Paróquia Sagrado Coração de Jesus. Segundo ele,

É uma relação de participação, não ativa, mas de companheirismo, né? De caminhar juntos nesta manifestação religiosa popular. Éa religiosidade popular que a Igreja participa aqui. A celebração da fé, própria da religiosidade popular. Dentro das festas de São João, São Pedro e a Senhora do Rosário. O dia e à hora de participar na Igreja são eles que marcam. Geralmente no mês de outubro pode ser nos primeiros dias do mês ou mais no final, não é um calendário fixo. (Frei Francisco. Entrevista. Pires do Ri, junho, 2015).

A fala do respectivo frei permite entender que, a Igreja Católica considera a Congada como uma festa do povo, não tendo assim compromisso com o que acontece nos rituais. Mas, participa simplesmente por ser uma manifestação considerada uma religiosidade popular. Logo, religiosidade do povo deve ser entendida no seu caráter popular, pois:

As festas brasileiras sejam quais forem os ciclos, épocas ou locais onde se realizam estão em absoluta maioria ligadas a Igreja Católica. Folgedos, danças e brincadeiras que nelas ocorrem, bem como a forma de proceder aos cultos dos santos, nas festas tradicionais, denunciam manifestações de religiosidade popular. (FRIAS 1980, p. 121).

O que se observa é que as festividades da Congada em Pires do Rio, desde sua fundação, passou por muitas transformações até a atualidade, embora a cultura

popular e a tradição permaneçam vivas na sociedade piresina. Tanto que, no mês de outubro as celebrações do ciclo do Rosário com a presença do Reinado e de ternos de outras regiões fazem com que a cultura negra seja comemorada há mais de cinco décadas no município por meio da religiosidade popular.

Consoante as entrevistas realizadas em Catalão, observamos que a Congada da cidade também está ligada ao catolicismo popular. O senhor Pedro pondera que a festa de Catalão ficou sendo Católica Apostólica Romana: “É tudo dentro da Igreja, aqui adotou o catolicismo” (Pedro Gomes. Entrevista. Catalão, julho, 2015).

Brandão (2004) afirma que,

Difícilmente haverá em tantas cidades do País outra festividade ritual, popular e católica tão presente ainda entre os momentos de fé coletiva e devoção em festas de igreja como a congada. Difícilmente também outro tipo de prática religioso-folclórica será como o congo tão diretamente associada a grupos de negros de confissão católica. (BRANDÃO, 2004, p. 324).

De acordo com o autor, não existe nenhuma festa que está tão ligada à Igreja Católica como a congada, em que grande parte dos integrantes ainda é negra. Para o senhor Pedro, o padre em Catalão trabalha para as Congadas: “No Brasil, os únicos que tem a Irmandade e que são donos da Igreja do Rosário são os congadeiros de Catalão”. (Pedro Gomes. Entrevista. Catalão, julho, 2015).

Nota-se que, tanto em Pires do Rio, quanto em Catalão, acontece a mistura de ritos africanos com santos integrantes da Igreja Católica. De acordo com o senhor Pedro, os Congos em Catalão sempre procuram por benzedor e outros pelo espiritismo: “Uma turma do Moçambique é tudo do Vale do Amanhecer, de religião espírita”. (Pedro Gomes. Entrevista. Catalão, julho, 2015). Isto é, a Congada é essa mescla cultural por meio do sincretismo religioso:

O sincretismo religioso nos é fortemente revelado, quando o congadeiro canta e dança a santa católica e as divindades africanas, as nanãs das águas africanas, Zambi, o supremo Deus banto, os antepassados e toda a sofisticada gnosi africana, resultado de uma filosofia telúrica que reconhece na natureza uma certa medida do humano. (MARTINS, 2002, p. 82).

Portanto, o que interessa aos fiéis, no momento da festa, são a adoração e a certeza de que estão diante do que eles acreditam independente de outras religiões. O sincretismo religioso está presente nas festas em homenagem a Nossa Senhora

do Rosário e reúne elementos da cultura afro-brasileira e da luso-portuguesa, quando os congadeiros demonstram sua fé por meio dos símbolos, ritos, musicalidade, teatro e indumentárias. A festividade da Congada é um sincretismo religioso resultante de dois universos distintos.

O senhor Pedro diz que, anos atrás, quem tomava conta da Irmandade do Rosário e da festa era um padre. Porém, os congadeiros não concordavam em ser liderados pelo padre. Então, certo dia, sua turma fez uma reviravolta para tomar a festa das mãos do padre: “A diretoria da Irmandade, no qual meu tio fazia parte da diretoria na época, decidimos procurar o bispo em Ipameri. E o bispo marcou uma reunião para vir a Catalão resolver o problema” (Pedro Gomes. Entrevista. Catalão, julho, 2015).

O depoente relata que o bispo veio a Catalão no dia e hora marcados com os congadeiros e o representante da Irmandade. Na reunião, teve muita discussão e o padre ficou muito bravo, embora tenha aceito fazer um contrato com a Irmandade do Rosário, a qual deveria tomar conta da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e da festa. Desta maneira, mesmo com o contrato assinado dando autoridade para a Irmandade organizar as festividades, de uma forma ou de outra, representantes da Igreja Católica sempre marcam presença: realizam as novenas, os terços e as missas, ocorrendo uma mistura da tradição africana com o catolicismo popular.

Brandão (1985) destaca que, quando os congadeiros chegam dentro da Igreja tornam-se pessoas como qualquer fiel, cantam na missa as músicas da Igreja e não usam seus instrumentos. Quando saem do espaço litúrgico da Igreja, retomam seus rituais, suas danças, suas músicas e seus instrumentos.

(...). É costume que os frades franciscanos participem pelo menos de alguns metros do cortejo de entrega da coroa, na segunda-feira. (...). Mas, se os brincadores assumem conduta de fiel nos ritos de igreja, isso não quer dizer que os padres assumam conduta de brincador quando se aproximam de algum folguedo da Congada. (BRANDÃO, 1985, p. 18).

Percebemos a razão pela qual o senhor Pedro falou que em Catalão a festa ficou sendo Católica Apostólica e Romana. Os congadeiros entram na Igreja, mas não podem realizar seus rituais. Ao contrário da festa de Pires do Rio, onde o Reinado e os congadeiros podem realizar seus rituais dentro da Igreja Católica. Portanto, mesmo que os congadeiros de Catalão estejam perdendo um pouco de sua devoção e religiosidade e a parte folclórica, ganhando mais atenção por meio da mídia, a Congada catalana ainda é um fenômeno conhecido em todo país pela sua

grandiosidade. Ela atrai milhares de visitantes a cada ano de sua existência. Ao contrário de Pires do Rio, consta somente o Reinado representando a parte folclórica, mas a religiosidade, os rituais e a tradição não deixaram de existir. De acordo com entrevistas realizadas com os piresinos, compreendemos que algumas pessoas ainda estão dispostas a conseguir formar terno para agrupar-se ao Reinado.

Os relatos demonstram que a Congada é uma tradição cultural, histórica e popular nas cidades piresina e catalana, em que cada pessoa tem uma história ou uma experiência para contar relacionada à festa. Eles deixavam transparecer a satisfação em participar das festividades pelo viés da fé, devoção e pela tradição da família. Este folguedo, apesar de vir sofrendo inovações no decurso da história, ainda expressa fortes raízes da cultura negra ligada ao catolicismo.

Sendo assim, a preservação destes valores, tradições e costumes fica evidenciada na manifestação cultural Congada, sendo passada de pai para filhos. Isso ocorre pelo fato de todos os anos serem revividos os mitos por meio de celebrações festivas, com procissões, danças e cantos existentes na festa do Rosário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou analisar a Festa da Congada em Pires do Rio e Catalão, a fim de entender sua organização, realização e transformação ao longo dos anos, além de sua importância para os congadeiros e para os membros da comunidade, buscando compreender sua existência há décadas nas cidades citadas.

Para atingir os objetivos propostos, analisamos os conceitos relacionados às festas no período colonial, compreendendo a historicidade e os símbolos sobre o tema no país, os quais estão envoltos no sincretismo observado na formação da identidade da sociedade brasileira e de seu legado, que tem grande influência nas festividades populares, principalmente aquelas dedicadas a um santo e realizadas nas ruas.

A partir da participação dos negros africanos e de indígenas no Brasil colônia, formou-se um processo de miscigenação entre essas culturas e a cultura dos lusitanos. Os negros africanos souberam aproveitar as aberturas nas festas da Igreja Católica para trazer suas tradições do Reino Congo. Manifestações que passaram a ser representadas pela coroação de reis e rainhas com muita música, coloridos, teatralização, fé e devoção pelos santos ditos protetores dos negros: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Ifigênia, dentre outros. Sua religiosidade juntou-se ao catolicismo como forma de resistência de seus costumes e tradições.

Neste sentido, buscamos salientar também o papel das irmandades católicas na produção destas manifestações, que tiveram importante significado para os escravos. Nelas organizaram-se podendo encontrar seus irmãos de diferentes regiões da África. Essas associações foram lugares de amparo, apoio aos necessitados e, principalmente, local em que os negros africanos puderam professar sua religiosidade, seus costumes e seus ritos, que se fazem presentes na vida da sociedade brasileira.

Compreender a Congada em Pires do Rio e Catalão e em outras regiões do país é adentrar no mundo do patrimônio imaterial. Entendê-la como tal é assimilar as mudanças ocorridas na Congada ao longo de sua permanência sem afastá-la de suas práticas antigas, mas percebê-la em suas alterações praticadas constantemente, acompanhando as transformações vivenciadas pelo grupo, o qual

se molda a esse meio. Assim, na maioria das vezes, as manifestações culturais imateriais não precisam de ações de preservação do Estado para sobreviverem, porque estão introduzidas no seio da sociedade.

Neste contexto, falar de cultura é mostrar a dimensão da sociedade que inclui todo conhecimento em sentido amplo e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso. A pesquisa confirmou que a Congada é integrante da cultura popular no país e, sobretudo, nela existem as práticas diárias, recriações de histórias e personagens. Observou-se que a cultura popular é formada no cotidiano; por isso, ao falar em cultura popular implica em dar ênfase ao modo de ser e sentir típico de uma população, que seja característico dela, que seja patrimônio seu.

Foi constatado nesta pesquisa, que o distanciamento e a falta de autoridades eclesiásticas para dirigir e orientar as manifestações populares no período colonial deu origem ao catolicismo popular, onde beatos, indígenas e negros africanos passaram a participar mais ativamente das festividades, causando a pluralidade de religiões, culturas e várias etnias, que formaram a sociedade brasileira.

Na pesquisa, o estudo da história da congada piresina e catalana foi formulado a partir dos relatos resgatados pela memória e reconstruído pelo viés do imaginário dos integrantes da festa, que encontraram nas histórias dos mais antigos o início da congada e como ela se aproximou do poder eclesiástico e órgãos públicos em diversas épocas desta tradição. Foi possível compreender, neste trabalho, o quanto a narrativa da congada se faz recente nas lembranças dos congadeiros, que relataram, ainda com saudade, como eram as musicalidades, os cortejos, a dança, os ternos e a cooperação e vínculo com a Igreja Católica em outros momentos da festa. Foi através desses relatos que se percebeu o quanto esta manifestação é sincrética em suas dramatizações, que recriam e reelaboram costumes da África.

Observou-se nesta pesquisa que, a congada nas cidades em estudo passou por diversas modificações no decorrer do tempo. Fato percebido nos instrumentos, na quantidade enorme de integrantes nos ternos catalanos e nas músicas que trazem letras da Igreja Católica e não da cultura africana. Em Pires do Rio, devido a vários conflitos entre dançadores, Igreja Católica e órgãos públicos, a congada foi perdendo seus integrantes, tendo hoje apenas o Reinado, fazendo parte do folclore da cidade. Acentua-se que, em anos atrás, esses conflitos fizeram com que a coroa

ficasse presa na justiça por três anos, fragilizando o movimento cultural dos espaços dos congadeiros.

A partir da análise da congada piresina, foi possível responder à problemática inicialmente apresentada neste trabalho sobre o interesse da sociedade e a contribuição dos órgãos públicos na valorização da festa. Foi observado que a ligação dos congadeiros com a Igreja Católica sempre foi passageira.

Outras indagações que foram respondidas no decorrer da pesquisa relacionam-se à falta de recursos financeiros para os dançadores, falta de apoio da comunidade, falta de religiosidade, falta de organização e ausência de projetos para levar às escolas informações sobre esta tradição. A realidade destas questões ficou afirmada no trabalho por meio das observações e entrevistas efetuadas com os congadeiros.

Por outro lado, o Reinado existe há mais de cinquenta e sete anos, graças à devoção dos integrantes da congada e da Irmandade do Rosário de se organizar e persistir nas festividades culturais e religiosas da cidade. Nas palavras da senhora Maria José ficou a lembrança de um tempo que ela faz questão de relembrar e relatar. É possível afirmar que, são processos históricos e não eventos particulares que levam à conformação de determinadas formas culturais.

O propósito deste trabalho foi compreender a diversidade cultural e dar espaço para os congadeiros expressar o que conhecem e o que vivenciam. Portanto, com essa ação contribuimos para recriar a história, dando espaço a indivíduos que em outros contextos não seriam valorizados, mas para o conhecimento e a construção desta temática mostraram-se importantes e fundamentais. Isto foi possível com base em uma abordagem historiográfica dos dois objetos analisados. Os obstáculos da pesquisa em Pires do Rio se deram pela pouca produção escrita sobre a festa, o que dificultou a construção da discussão, uma vez que os costumes a lhe sustentar são parte presente da narrativa, que passa pelas mudanças na sociedade. Em Catalão, a falta de disponibilidade dos participantes da congada para dar entrevistas e/ou prestar depoimentos informais.

Sobre as congadas piresina e catalana, conclui-se que representam uma manifestação cultural da etnia negra, que é uma das mais puras e genuínas formas de resistência e auto afirmação da memória do grupo negro no Brasil por meio da religiosidade. Ressalta-se que, em Pires do Rio, muito há de ser feito em prol de sua

manutenção, maior participação do poder público no campo da cultura, maior valorização da tradição pela população, divulgação nas escolas, compreensão e preservação da festa do Rosário. Porém, em Catalão, a população local, bem como o poder público respeitam, apoiam e admiram a congada. Atualmente, a festa é patrocinada pelo Estado, por grandes empresas da área mineradora, montadora de carros e pela mídia que reproduz as imagens da congada para todo o país. Essa realidade é comprovada pela mobilização social proporcionada pela festa, assim como pela quantidade de pesquisas realizadas acerca da congada, uma das maiores do Brasil.

Enquanto objeto de pesquisa, a congada se mostrou fonte inesgotável a ser explorada pela história oral, visto que os congadeiros possuem sua própria visão e vivência da trajetória da festa, pois no momento das entrevistas, um relato remetia a outro e rememorava mais histórias, que comprovavam a permanência da tradição da congada vinda com os escravos. Enfim, foi uma pesquisa que mostrou muitas possibilidades e não pode encerrar-se neste momento, mas que sirva de respaldo para novas, que possam engrandecer e divulgar ainda mais esta tradição, que faz parte da cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Kelly Cristina. *Áfricas no Brasil*. São Paulo: Scipione, 2003.

BORGES, Barsanúfo Gomides. *O Despertar dos dormentes: Estudo sobre a estrada de ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais- 1909-1922*. Goiânia: Cegraf-UFG, 1990.

BOSI, ECLÉIA. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3ed. São Paulo: Editora Schawarcz, 1994.

_____. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: SPVAT, 1979.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas-SP: Papirus, 1989.

_____. *A festa do santo de preto*. Funarte/Instituto Nacional do Folclore. Goiânia: UFG, 1985.

_____. *De tão longe eu Venho Vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás*. Goiânia-GO: Editora da UFG, 2004.

_____. *Festim dos Bruxos*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, Ícone, 1987.

_____. *Os deuses do Povo: um Estudo Sobre a Religião Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Peões, Pretos e Congos. Relações de Trabalho e identidade étnica em Goiás*. Brasília-DF: Editora da UnB, 1977.

BUENO, Raquel Miranda Barbosa. *A senhora luz, a senhora guia: na festa o entrecruzar da história, religião e cultura popular na povoação do Bacalhau*. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2010.

BURKE, Peter. *A cultura popular na idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Schwarcz, 2010.

CAPONERO, Maria Cristina. *Festejando São Benedito: a congada em Ilhabela, recurso cultural brasileiro*. Dissertação Apresentada ao Programa Interunidades de Pós-Graduação em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo: 2009.

CASCUDO, Luis Câmara. *Dicionário do Folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2012.
CHAUÍ, Madalena de Souza. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. Moderna, São Paulo: 1981.

COSTA, Emília Viotti. *Da Senzala à Colônia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1989.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense. 2000.

DEUS e SILVA. *História das Festas e religiosidade em Goiás*. Goiânia-GO: Agepe/UEG 2002. (Coleção História de Goiás).

DURLHEIM, Emile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Paris: PVF, 1968.

FERREIRA, Maria Nazareth. *As festas populares na expansão do Turismo: a experiência italiana*. São Paulo: Arte & Ciência-Villipress, 2001, p. 15.

FRADE, Cássia; FRIAS, Lena; SALES, Vicente. *Brasil: Festa Popular*. Rio de Janeiro, Livroarte, 1980.

FREITAS, Madalena Dias Silva. *Memória, tradição e culturas negras: a Congada em Caiapônia - Goiás*. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade de Goiás. Departamento de Historia. 2013.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

GOMES, Mércio Pereira. *Antropologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

GOMEZ, L. P. et al. *História Política de Catalão*. Goiânia-GO: Editora da UFG, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do Catolicismo Brasileiro: 1550-1800*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1974.

LAMBER, Jean-Marie. *Historia da África Negra*. Goiânia-GO: KELPS, 2001.

LOIOLA, Maria Lemke. *Trajetórias para a liberdade: escravos e libertos na capitania de Goiás*. Goiânia-GO: Editora UFG, 2009.

LOZANO, J. (1998). Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, p.15-25.

MACEDO, Unzer Emiliano. Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético. *Revista Ágora*. Vitória-ES: nº 7, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade e PRESOTTO, Zélia Maria Neves. *Antropologia: uma introdução*. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Lopes. Performace do Tempo Espiralar. In: RAVETTI, Graciela; ARBAX, Márcia (Org). *Performace, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte-MG: FALE/UFMG, 2002.

MATTOS, R. J. da C. *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas províncias de Missas e Goiaz*. Rio de Janeiro: Imperial e Constitucional de J. Villencuve, 1986.

MATTOS, Regiane Augusto de. *História e Cultura Afro-brasileira*. São Paulo: Contexto, 2007.

MAUSS, Marcell. *Sociologia e Antropologia*. Vol.II. São Paulo: EPU, 1974.

MELLO, Luiz Gonzaga de. *Antropologia Cultural*. (Iniciação, teoria e temas). 8ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.

MIRCEIA, Eliade. *Sagrado e Profano*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

MORAES, Cristina de Cássia Pereira. *Do Corpo Místico de Cristo: Irmandades e Confrarias na Capital de Goiás 1736-1808*. Goiânia-GO: UFG, 2012.

_____. *Do Corpo Místico de Cristo: Irmandades e Confrarias na Capital de Goiás 1736-1808*. Tese (Doutorado em História) apresentada junto à Universidade Nova de Lisboa. Lisboa-Portugal: 2005.

MUNANGA, Kabengele. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006.

NORA, Pierre. Entre historia e memória: a problemática dos lugares. In. *Revista Projeto Historia*. São Paulo: 1993.

PAES, Iranilda Divina Resende. *Folclore Piresino*. Goiânia-GO: Kelps, 1989.

_____. *Pires do Rio: nossa terra, nossa gente*. Goiânia-GO: Kelps, 1991.

RABAÇAL, Alfredo João. *As Congadas no Brasil*. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura, 1976.

RAMOS, Cornélio. *Catalão de Ontem e de Hoje*. Catalão-GO: Distribuidora Kaliu, 1984.

RIOS, Sebastião; VIANA, Talita. *A Performance do Olhar: A Congada de Santa Efigênia através do Olhar de Emanuel Pohl*. Comunicação: Festa e Manifestações Populares, 2010.

RIVIÉRE, Claude. *Ritos Profanos*. Petrópolis-RJ: 1997.

RODRIGUES, Ana Paula Costa. *Corporeidade, cultura e territorialidades negras: a congada em Catalão- Goiás*. Dissertação de Mestrado do Instituto de Estudos Socioambientais da UFG. Goiânia-GO: UFG, 2008.

SANTOS, Andréia Divina dos Santos. *A Religiosidade e o "Shopping Congo" em Pires do Rio*. 2003. Monografia (Conclusão de Curso) apresentada junto a Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio. Pires do Rio-GO.

SARAIVA, A. L.; SILVA, J. C. *O sagrado e o profano em festejos religiosos: uma diferenciação espacial*. Fragmentos de cultura. Goiânia-GO: v.13, set. 2003.

SILVA, C. C. da. *Festa ou Devoção? Heranças Imateriais da Congada em Diferentes Regiões do Brasil*. Monografia (Graduação em História) apresentada junto ao Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, 2012.

SILVA, Washington Maciel da. *Representação e memória cultura da folia de reis no município de Rio Verde-GO*. Dissertação (mestrado), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de História. 2012.

SILVA, Mônica Martins. *A festa do divino*. Goiânia-GO: AGEPEL, 2001.

SIQUEIRA, Jacy. *Cronologia Piresina: 1914-1922*. Goiânia-GO: 1995.

SOUZA, Antônio Rocha de. *As irmandades católicas dos negos na cidade de Goiás no século XIX*. 2001. Dissertação Mestrado-PUC-Goiás.

SOUZA, Luciana Pereira de. *Negros em festa: as congadas na cidade de Goiânia-GO. IX semana de Historia*. Anápolis-GO: UEG, 2010.

SOUZA, Marina de Mello e. História Atlântica: recortes e perspectivas. Reis do Congo no Brasil, SÉCULOS XVIII e XIX. *Revista de História*. n. 152 jun. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sciarttext&S0034-83092005000100004>&script=sciarttext>. Acesso em: setembro de 2014.

_____. *Reis negros no Brasil escravista: História da Festa de Coroação do Rei Congo*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

_____. *Reis Negros no Brasil escravista: História da Festa do Coração do Rei do Congo* (1ª reimpressão). Belo Horizonte-MG: UFMG, 2006.

VALLA, Victor Vicent. *Religião e cultura popular*. (org.). Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

VASCONCELOS, Juliana de. *Congado: uma celebração do congado, afro-brasileiro*. Dissertação de mestrado, Fundação Vale do Rio Verde de Três Corações, 2007.

VENÂNCIO, Marcelo. *Território de Esperança: tramas territoriais da agricultura familiar na comunidade rural São Domingos em Catalão (GO)*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia-MG: 2008.

WEHLING, Arno e WEHLING, Maria José. *Formação do Brasil colonial*. 5ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

FONTES ORAIS

ALMEIDA, A. B. *Alcalino Bertoldo de Almeida*. Depoimento [julho 2015]. Entrevistadora: S. I. Silva. Catalão: 2015.

ARRAIAS, S. *Sebastiana Arraias*. Depoimento [julho 2015]. Entrevistadora: S. I. Silva. Pires do Rio: 2015.

COSTA, M. J. *Maria José da Costa*. Depoimento [junho 2015]. Entrevistadora: S. I. Silva. Pires do Rio: 2015.

DIAS S. *Sebastião Dias*. Depoimento [julho 2015]. Entrevistadora: S. I. Silva. Catalão: 2015.

GOMES, P. *Pedro Gomes*. Depoimento [julho 2015]. Entrevistadora: S. I. Silva. Catalão: 2015.

GONÇALVES, J. M. *Jaqueline Moura Gonçalves*. Depoimento [junho 2015]. Entrevistadora: S. I. Silva. Pires do Rio: 2015.

MOURA, L. *Luzia Moura*. Depoimento [junho 2015]. Entrevistadora: S. I. Silva. Pires do Rio: 2015.

ROSA, M. *Maria Rosa*. Depoimento [junho 2015]. Entrevistadora: S. I. Silva. Pires do Rio: 2015.

RUI P. *Pedro Rui*. Depoimento [julho 2015]. Entrevistadora: S. I. Silva. Catalão: 2015.

SAMPAIO, P. C. *Paulo Cesar Sampaio*. Depoimento [junho 2015]. Entrevistadora: S. I. Silva. Pires do Rio: 2015.

SANTOS, G. G. *Gilmar Gabriel Santos*. Depoimento [junho 2015]. Entrevistadora: S. I. Silva. Pires do Rio: 2015.

SILVA, C. Depoimento [junho 2015]. Entrevistadora: S. I. Silva. Pires do Rio: 2015.

SILVA, V. *Valdomiro Silva*. Depoimento [junho 2015]. Entrevistadora: S. I. Silva. Pires do Rio: 2015.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), do Projeto de Pesquisa sob o título Congada: Herança da Tradição Africana como Objeto de Estudo do Patrimônio Cultural Imaterial de (Catalão e Pires do Rio GO).

Meu nome é Sandra Inácio da Silva, sou a pesquisadora responsável, mestrande, em História. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade da Pesquisadora responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Sandra Inácio da Silva ou com a orientadora da pesquisa Professora Dr^a Sibeli Aparecida Viana. Nos telefones: (64) 92235261 ou através do e-mail sandrahistoriadora23@hotmail.com.br. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, telefone: (62) 3946-1512, localizado na Avenida Universitária, N^o 1069, Setor Universitário, Goiânia – Goiás. O desenvolvimento desta pesquisa será elaborado com base a fonte oral, assim sendo é preciso primeiramente entrar em contato com os possíveis entrevistados para fazer o convite, definindo o dia, a hora e o local apropriados para que seja realizado os esclarecimentos aos possíveis participantes. A relevância do tema dá-se, quando os congadeiros expressam a alegria e satisfação de participarem desta festividade religiosa demonstrando sua fé, estaremos resgatando a história cultural das Congadas em (Catalão e Pires do Rio – GO). Trabalhar com a metodologia da história oral é uma possibilidade rica de valorização da cultura para os congadeiros e sociedade. Mas é preciso estar atento, saber conduzir as entrevistas para que tenhamos resultados que possam satisfazer ambas as partes. Também se faz necessário e importante o cuidado com o tempo de duração das entrevistas, de maneira que não seja muito longo, para não cansar os entrevistados. Como forma de segurança em relação às entrevistas será utilizado gravador que irá nos facilitar na leitura da entrevista. Considerando que as entrevistas para esta pesquisa contará com a participação de homens e mulheres.

Para isto se faz necessário a elaboração de um questionário como instrumento facilitador na interação pesquisador e as pessoas entrevistada. Serão entrevistados 7 congadeiros que moram em Pires do Rio e 4 congadeiro que moram em Catalão. Segue o questionário abaixo:

- 1- Qual é o seu nome, idade, profissão, formação escolar?
- 2- Por que você participa da Congada?
- 3- Há quantos anos você faz participa da Congada?
- 4- Quem o motivou a participar da Congada?
- 5- No grupo tem alguma divergência entre os integrantes?
- 6- Qual é o significado da festa para você?

- 7- Houve alguma mudança na festa ao longo dos anos?
 8- Quais são as dificuldades que você encontra para realizar a festa da Congada?
 9- Qual a parte mais importante da festa para você?
 10- O que fazer para que esta Tradição não se perca ao longo do tempo?
 11- O que seria importante para melhorar a festa?

Quanto aos prováveis riscos que a pesquisa pode envolver as pessoas, estão relacionados a desconfortos emocionais leves, ou seja, o aumento da pressão arterial devido ao fato de se trabalhar com memória e experiências vividas que pode acentuar as emoções. As entrevistas serão realizadas nas casas dos (as) entrevistados (as) com certeza deixará mais a vontade por estar dentro do seu espaço. E se acaso o entrevistado (a) apresentar alguma alteração no seu quadro de saúde se faz necessário que se suspenda a entrevista e tome atitudes cabíveis para o bem estar dos entrevistados. A pesquisa também garante plena liberdade ao participante de recusar participação ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalização alguma, bem como assegura o sigilo das informações confidenciais à pesquisadora ou as outras pessoas por ela designada. Para as pessoas entrevistadas não haverá nenhum gasto, sendo que as entrevistas serão nas casas dos congadeiros por isso não haverá ressarcimento.

Declaro para os devidos fins que cumprirei com legitimidade os itens IV. 3 da Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/12.

Eu _____, RG _____, abaixo assinado, discuti com a mestrandia Sandra Inácio da Silva sobre a minha decisão em participar neste estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso a tratamento hospitalar quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste Serviço.

Goiânia, ____ de _____, de 201__.

 Assinatura do participante

____/____/_____
 Data

 Assinatura do responsável pelo estudo

____/____/_____
 Data

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA O USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS PARA FINS DE PESQUISA ACADÊMICA

Eu, abaixo assinado e autorizo o uso de minha imagem, para a pesquisa intitulada: **A CONGADA EM PIRES DO RIO E CATALÃO: UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL**, destinada á divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia imprensa como também em mídia eletrônica, sem qualquer ônus. Por ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser declarado a título de direitos conexos a minha imagem, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Pires do Rio 05 de dezembro de 2015.

Leuzia Gonçalves de Moura

Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA O USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS PARA FINS DE PESQUISA ACADÊMICA

Eu, abaixo assinado e autorizo o uso de minha imagem, para a pesquisa intitulada: **A CONGADA EM PIRES DO RIO E CATALÃO: UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL**, destinada á divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa como também em mídia eletrônica, sem qualquer ônus. Por ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser declarado a título de direitos conexos a minha imagem, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Pires do Rio 22 de ABRIL 2016



Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA O USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS PARA FINS DE PESQUISA ACADÊMICA

Eu, abaixo assinado e autorizo o uso de minha imagem, para a pesquisa intitulada: **A CONGADA EM PIRES DO RIO E CATALÃO: UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL**, destinada á divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa como também em mídia eletrônica, sem qualquer ônus. Por ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser declarado a título de direitos conexos a minha imagem, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Pires do Rio 28 de setembro de 2015.

Maria José da Costa

Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA O USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS PARA FINS DE PESQUISA ACADÊMICA

Eu, abaixo assinado e autorizo o uso de minha imagem, para a pesquisa intitulada: **A CONGADA EM PIRES DO RIO E CATALÃO: UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL**, destinada á divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa como também em mídia eletrônica, sem qualquer ônus. Por ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser declarado a título de direitos conexos a minha imagem, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Pires do Rio 18 de novembro de 2015.



Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA O USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS PARA FINS DE PESQUISA ACADÊMICA

Eu, abaixo assinado e autorizo o uso de minha imagem, para a pesquisa intitulada: **A CONGADA EM PIRES DO RIO E CATALÃO: UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL**, destinada á divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa como também em mídia eletrônica, sem qualquer ônus. Por ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser declarado a titulo de direitos conexos a minha imagem, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Pires do Rio 10 de outubro de 2016.

Waldomiro Severina da Silva

Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA O USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS PARA FINS DE PESQUISA ACADÊMICA

Eu, abaixo assinado e autorizo o uso de minha imagem, para a pesquisa intitulada: **A CONGADA EM PIRES DO RIO E CATALÃO: UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL**, destinada á divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa como também em mídia eletrônica, sem qualquer ônus. Por ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser declarado a título de direitos conexos a minha imagem, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Pires do Rio 16 de outubro de 2015.

Jaqueline G. de Moura

Assinatura